Raro

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LÉSSA"
Tombo N.º 5192

Vicente Leandro
S. Paulo 30-1-928

PESSANHA PÓVOA.

ANNOS ACADEMICOS.

S. PAULO.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"CRISPIM LESSA"
Tombo N 5292
MUSEU LITERÁRIO

1860 – 1864.

RIO DE JANEIRO.

Typographia—PERSEVERANÇA—rua do Hospicio n. 91.

1870.

AOS MEUS COLLEGAS DE S. PAULO.

O que foi a Academia, desde 1860 a 1864, julgada litteraria e scientificamente, só o poderá avaliar o estudioso que passar horas, dias e mezes na Bibliotheca da Faculdade de Direito.

Si eu fosse amparado de bôa fortuna, teria publicado a Historia da Academia de S. Paulo, e entrariam n'esse plano as biographias dos Lentes — d'esses Jurisconsultos, tão sabios e tão modestos.

Da fundação e das nomeações dos primeiros lentes tratou o Dr. Carlos H. de Figueiredo n'uma memoria historica publicada em uma das Revistas do Instituto Historico Brazileiro.

Preparo e construo parte d'esse edificio, que ha de memorar as glorias academicas e a opulenta herança de instrucção que a mocidade recebe dos mestres.

Essa promessa, não é suspeita porque fui o primeiro que estampei, em um folheto, o movimento, o progresso

intellectual dos estudantes de S. Paulo, e neste imperfeito e ligeiro estudo de alguns moços dignos de menção vai muito estimulo á classe e uma prova de meus esforços.

Eu não apressaria a publicação d'este livro, si o auctor da introducção, um dos mais distinctos estudantes do meu tempo, deixasse de o exigir.

Está nesta côrte o Sr. Dr. Couto de Magalhaes a quem obedeço, e nestas paginas lavro o meu alvará de admiração por quem tanto ha feito em beneficio das lettras patrias, das artes e das industrias.

PESSANHA POVOA.

Pessanha Povoa.

S. Paulo, Fevereiro de 1860.

Dizer-te que li os teus artigos seria expressão fraca para exprimir o ardor com que os percorri de principio a fim.

Tu sabes o enthusiasmo que eu tenho por tudo quanto é nosso, virtude que adorna o teu caracter e os teus talentos; conheces-me de perto; sabes que esse enthusiasmo muda-se em verdadeira adoração quando se trata da mocidade que trabalha. E com effeito, haverá nada que mais agradavel seja do que vêr na testa ainda infantil o olhar reflectido do homem do pensamento? Eu amo, digo mal, eu adoro aquelles que atravessam as ruas abatidos pelo estudo, e que tantas vezes são cobertos com o escarneo dos outros; elles são a aurora d'esse brilhante dia que se espera para o Brazil.

Nossa mocidade de S. Paulo divide-se em tres classes perfeitamente extremadas em relação ao pensamento. Ha alguns que são como que as sentinellas avançadas; marcham sempre adiante, olhos fitos na gloria; não têm

tempo para olhar os obstaculos, e as difficuldades que se lhes antepõem. Seus corações são cheios de esperanças, colurem o pensamento com os sonhos do futuro, vivem de fé, como viveram os primeiros sacerdotes do Christianismo.

A segunda, fórma o centro; compõe-se d'esses que applaudem ou riem-se dos primeiros.

A terceira é a dos indifferentes.

N'esta ultima não ha vida, e portanto é ella a peior de todas.

Teu passado, meu amigo, faz-me crêr que serás dos primeiros, e teus escriptos são para mim a prova d'isso.

Sabes agora o que deves fazer? Reune-os todos, e publica um livro.

São as aspirações de tua mocidade, e mostram já as tendencias de teu espirito. Algum dia, quando tiveres um nome celebre em nossas letras, esses pensamentos da tua mocidade hão de ser estudados, e para ti mesmo essas paginas da infancia litteraria, hão de encerrar thesouros de indefiniveis alegrias.

Cada periodo da humanidade é a realização d'uma nova idéa, cada seculo tem sua religião differente.

A idéa da nossa idade é a da emancipação politica, nossa religião a liberdade. Sabes perfeitamente que ha muita gente que se ri d'estas cousas; ha muito pobre diabo para quem estas leis moraes de progresso e desenvolvimento são phantasias que só vivem na cabeça dos *tolos*. Para esses tudo isso são phantasmagorias que a Allemanha idéa e que a França procura realizar... apezar porém do que elles dizem, tudo marcha e, como ao velho Gallilêo, podem obrigar-nos a dizer que tudo é estacionario, mas como elle, depois de havermos jurado a immobilidade, podemos tambem dizer sobre a humanidade o que dizia elle da terra: *E pur si muove.*

Um menino perguntou a sua mãe porque razão n'este seculo se não concluiam as igrejas... a mulher era espirituosa e disse-lhe:

« É porque o Deus de hoje já não vive nas igrejas, vive aqui. » E, dizendo isto, apontou para o coração.

O menino executou as palavras que elle n'esse tempo não podia comprehender; fez-se depois theocrata d'esse Deus... foi Camillo Desmoulins.

Se a idéa da emancipação politica é a aspiração mais ardente do velho mundo, para o nosso mundo da America é uma necessidade já realizada, é um principio que já está encarnado nas cousas.

Ha um velho ditado na lingua portugueza que diz: *o habito não faz o monge*. Applicando-o á ordem racional direi: a palavra não faz a idéa. Monarchia constitucional como a nossa, é republica bem organizada. Somos pois um povo livre nas instituições; temo-las como talvez povo nenhum moderno as tem tão bellas e perfeitas; o que nos falta? perguntarás tu: homens, respondo eu.

O Brazil passou repentinamente d'um extremo a outro, de instituições despoticas á republicanas. O povo que até então vivia vexado achou-se derepente livre; o que fez? criançadas e mais criançadas.

Existe na nossa vida de estudante um exemplo que nos offerece a imagem d'estas cousas. Lembras-te ainda dos primeiros tempos em que sahiste do collegio, em que te viste em S. Paulo, livre de toda a coacção e tutela de teu pae, dos professores, mestres, pedagogos, regentes, mentores e mais commitante? Vive-se n'uma alegria frenetica, passea-se por todos os cantos da cidade, ri-se, procura-se o divertimento licito ou illicito com uma sêde tanto mais ardente quanto maiores foram as privações.

Lá n'um bello dia em que menos se espera batem á porta os credores, abre-se a carteira e.... zéro.

Depois as dividas e ás vezes as molestias fazem uma liga desoladora; a reflexão apparece, o menino deixa o descuido da primeira idade, começa a distinguir entre liberdade, licença, e fica homem grave e de juizo.

Foi o que aconteceu com o Brazil.

Estamos hoje no periodo de transição; não temos dinheiro; nossa moeda é toda fiduciaria; a divida nacional é immensa; a fome levanta-se emquanto os braços diminuem; a banca-rota nos ameaça.... que fazer?

As difficuldades crivam o pensamento; a necessidade é mãe da industria.

Já se vai fallando em machinas, já se vai conhecendo que as palavras não são a verdadeira sciencia, procura-se organizar um systema de colonisação, a economia politica vai recebendo os fóros de cidadã brasileira, os homens sabios e bons vão conquistando o respeito que merecem, vamos emfim ficando homens.

Nota: apezar de minha tolerancia, não attribuo todos os males de nossa situação presente a esta razão historica da passagem repentina de um governo absoluto para um governo livre.

Não levo até lá o meu amor evangelico. Em honra do caracter nacional e da verdade, cumpre confessar que muitos d'esses males vieram-nos d'essa caterva de truões que se elevaram em tutores dos nossos destinos, e que, Deus me perdôe, mereciam que se lhes désse por insignia, em vez da corôa civica, um par de orelhas de asnos na cabeça, e a bolsinha de Judas na mão esquerda.

Faltam-nos homens, não que tenham sciencia, porque, Deus louvado, já temos muitos; mas homens que façam do pensamento uma mola de progresso.

Um dos teus artigos que trata da escravidão, o em que escreves sobre o rei moço D. Pedro V de Portugal, o philosopho, um outro intitulado — *O talento suppliciado pelo interesse no carcere da ignorancia* — a carta — a Macedo Soares, alguns trechos de tuas poesias, e romancinhos, como a *Fada da montanha* e outros, denunciam o homem que no futuro não ha de transigir com a corrupção.

São os primeiros gritos de guerra que o espirito, que tem alguma aspiração nobre, lança contra o que vê de

pôdre na sociedade. Conservarás puras essas aspirações grandiosas. Ser, talentoso não é tudo.

Napoleão sem caracter e aspirações seria Talleyrand; Washington sem virtude não passaria talvez de um rico burguez.

Mas n'esses artigos apparece um, nuvem de tyrannia sobre o sol da liberdade: — é o da semana santa, em que invectivas o protestantismo. Póde ser que debaixo do ponto de vista orthodoxo muito se possa dizer contra esse pensamento, mas debaixo do ponto de vista historico e philosophico.... se eu não tivesse medo dizia-te que é o genuino pensamento do — Filho do Carpinteiro.

Risca esse artigo da tua collecção — elle é tão bem lançado; teus argumentos são taes, que eu quasi fui teu sectario. Como teu amigo, peço-te que não o publiques. Lembras-te ainda d'aquella noite que passamos juntos no meu quarto, n'aquella aprazivel casa da rua da Tabatinguera, a fallar de lettras e sobretudo da Allemanha, que a figuraras na cabeça — philosopha, litteraria, juridica?

Deixa-me recordar-te essa scena calma: a noite era de inverno e coberta d'essa bruma pardacenta que acorda a imaginação. Eramos tres. Em torno do fogareiro sobre o qual fumava um candieiro de zinco, tú e o F., arguiam o meu enthusiasmo pela Allemanha; diziam que esses homens tinham cavado o coração humano, plantado o scepticismo por toda a parte no dominio da arte como no da sciencia; que tinham finalmente destruido a religião christã. Tomei então dous volumes da estante e li algumas paginas do livro de Fichte — *O destino do homem* — e algumas do — *Valle de Campan* — de Richter. Não foi possivel terminar; d'essas paginas, como do sol, reflectia-se luz tão abundantemente que cégava; nossas intelligencias confundiram-se no mesmo pensamento, nossos corações vibraram de enthusiasmo ao recordar d'esses colossos da sciencia. Sim, meu amigo, ainda que o pensamento seja um erro, merece respeito. Os homens, que o

desenvolveram, foragidos da patria, procuravam com o martyrio do desterro a firmeza de suas convicções.

Tua invejavel segurança de raciocinar; teus argumentos sempre crescendo no exemplo e nas comparações; teu talento de publicista, tudo me seduzia, e hoje escrevo-te com acanhamento, porque invejo-te. Tú não descansas, e o que desejaria imitar-te era tua força de vontade, tua coragem de engrandecer e honrar tua patria e o teu estylo — novidade academica — pelo que tens grande numero de invejosos.

Nada mais — e um pedido.

Publica tuas obras.

Couto de Magalhães.

MOVIMENTO LITTERARIO

DA

ACADEMIA DE S. PAULO.

PARTE PRIMEIRA.

REVISTA DRAMATICA.

Publicação semanal — 1860. S. Paulo.

A publicação que emprehendo, por sua natureza e por seu destino, é nova; seu fim é convencer aos poetas, aos litteratos, aos juristas, aos folhetinistas, de que é necessario dar tregoas á politica.

Todos os ramos dos conhecimentos scientificos e litterarios têm seus representantes, e em geral as intelligencias estão applicadas ao estudo das quantidades. A chimica, a physica, a hygiene, a physiologia avantajam-se em suas constantes pesquisas. A therapeutica com o seu cartapacio de experiencias; a historia natural, enriquecida de zoologia e augmentada pelas

descobertas geologicas, a botanica embevecida no reino vegetal, vão devassando os arcanos da natureza. Só não se estuda o theatro.

O Brazil muito tarde se ha de convencer de que os grandes homens appareceram nos grandes seculos litterarios, e de que os grandes sabios se formaram das civilisações que elles deixaram.

Precisamos concorrer para as glorias litterarias, e um dos elementos mais civilisadores, mais preparadores do progresso moral d'um povo é o theatro; portanto creio ser opportuna esta Revista, que não só se occupará de critica de arte, mas de litteratura dramatica.

Vamos relêr as velhas chronicas, e os assumptos nacionaes proporcionarão as boas obras para a scena.

Quando em 1833 se publicou n'esta capital a *Revista da Sociedade Philomathica*, redigida por Justiniano José da Rocha, Francisco Bernardino Ribeiro e outros, havia o *Theatro Harmonia Paulista* — onde, alem de se darem composições de lavra propria, representaram estudantes; e quem reccorrer á chronica do tempo ha de verificar o enthusiasmo do publico, louvando e applaudindo F. Sebastião Dias da Motta, Pereira da Cunha e outros, que hoje são nossos mestres, nas academias, e alguns nossos Juizes no fôro, nas Relações, nos Tribunaes de 1.ª e 2.ª Instancia.

E preciso que o passado não combata o presente.

Nós não estamos no caso d'um individuo isolado contra a sociedade armada; não combatemos contra as instituições juradas, não atacamos os direitos da familia; somos representantes das victorias pacificas da intelligencia: — mais um esforço. Trabalhemos.

O PASSADO E O PRESENTE

DA

LITTERATURA DRAMATICA EM S. PAULO.

I.

Mais felizes e independentes foram aquelles que, livres dos preconceitos que em nossos dias nos assaltam pela menor distracção, que é logo condemnada, tiveram tempo para triplices triumphos : — *estudar direito ; escrever para o theatro* e *representar !* Hoje reprova-se ou acceita-se esta distracção por uma hypocrita condescendencia. Devemos ter veneração pelo passado. Presentemente incorre no odioso aquelle, que mais trabalha, que mais se avantaja!

Com o epitheto de *vadio* saudam o moço que escreve para o theatro. Animam assim o talento. A inquisição da carne desappareceu; reina a do espirito!

Miseraveis idiotas que produzem tanto em um dia como um louco em um anno, são todos esses levitas da inercia, sentinellas da inveja, que vedam o transito aos que, nas horas caladas em que reina a inspiração, passam pelas ruas da amargura litteraria! A opposição desdenhosa, illegitima e mal entendida, que alguns deificadores do ocio fazem aos cultivadores da sciencia, da litteratura e da arte, tem explicação no seguinte facto: *stultus non nisi amat quod facit*: é a maxima dos ignorantes, julgados por Phedro. Antepômos um juizo de Horacio que responde pelos eleitos do estudo: *Animi sub vulpes latentes omnia vincunt!*

Nós, porém, que em litteratura pretendemos o papel dos solitarios do Selma em religião, desprezâmos a dadiva opulenta de desdem, e damos tanta importancia aos seres desambiciosos de gloria e de honra, quanta o vulgar viajante ás sombras dos hieroglyphos nos obeliscos de Thebas.

Fallo de todos que se esforçam para se distinguirem na crápula; condemno todos os que

dispensam hypocritamente o desprezo, systematicamente o insulto — indirecto — ao caracter honesto e á intelligencia que se illustra no exercicio das vocações.

Não me propuz escrever a elegia d'essa miseria orgulhosa que se manifesta, ainda que não triumphe, em individuos socegados por molleza, brandos por indolencia, tenazes no vicio, distinctos na obscuridade. Felizes aquelles, que estão persuadidos de que a intelligencia é um capital, e o estudo uma victoria. Nós, como Ch. Ribeyrolles, só cremos:—

— *Na sciencia que descobre!*

— *No trabalho que produz!*

— *Na industria que pratica!*

— Para elles, a satyra de Lamartine é o melhor legado que lhes deixâmos:

Enrichis-toi et juis; c'est le cathécisme du temps.

II.

A nós, que, ainda estamos incolumes, que ainda não parámos no caminho d'esta viagem cansativa e incerta, que não desanimâmos, cumpre — *salvar essas bellas esperanças, essas ousadas promessas, essas navegações de longo curso ás regiões incognitas da sciencia e da litteratura.*

Se estivesse adstricta aos intuitos d'este trabalho a historia da litteratura dramatica no Brazil, longe iriamos, por que desde 1833 até o presente, temos lido algumas composições dramaticas de assumpto nacional. Algumas considerações fizemos, algumas criticas apresentámos, referidas ao *Theatro Brazileiro* na Revista Dramatica, onde fallámos dos trabalhos de Peixoto, Antonio José, Almeida Coelho, Magalhães, Penna, Porto-Alegre, Macedo, Alencar, Figueiredo, Sampaio, Quintino Bocayuva, Pinheiro Guimarães, Machado de Assis, e Varejão.

Tem-se dito que o Brazil é fecundo em genios: é uma bella sentença para um critico que tem approximado as obras de Alvares de Azevedo, ás de Junqueira Freire. Mas ao defrontar o vacuo, de quem fallar senão das sombras?

D'essa galeria extensa de privilegiados e reconhecidos talentos, um ou outro tem tido energia para abraçar o trabalho. Nunca seremos detentores do numerario das lettras, porque somos resignados na indolencia que nos amesquinha, no orgulho que nos deprava.

Sediço fôra repetir que poucas intelligencias emprehendem escrever para o nosso theatro. Si, como raridade, a vocação dramatica apparece entre nós, devemos animar e sustentar onde

quer que ella esteja, porque desgraçadamente no Brazil a propria policia que deve ser o palladio da intelligencia, é o seu lictor!

Ainda são recentes as luctas entre a imprensa, a policia e o Dr. Alencar, que teve como defensor do *pomo de discordia dramatica* — As azas de um anjo, o Dr. Diogo de Mendonça Pinto.

Temos vivido sob o imperio da fé, da esperança e da incerteza — essas tres virtudes dos espiritos timidos, os quaes esquecem-se de que *temos a Eternidade para o repouso!* De uma vez por todas convençamo'-nos de que o passado não deve matar o futuro.

A memoria, como o coração, não deve ter noite; precisâmos de um dia esplendido e fecundo pelas irradiações; precisâmos emfim da independencia do pensamento, da tolerancia em materia litteraria, porque a verdade é a mesma em todas as nações; os preceitos litterarios são diversos em cada uma. Das opposições é que nasce o triumpho ou a derrota.

Luctemos.

O drama eterno da vida tem por assumpto a lucta da vontade contra o obstaculo. Não importa! Nenhum esforço humano é improficuo. Nenhum sangue derramado pela idéa é esteril. Um homem póde luctar contra uma sociedade. Um

principio póde deslocar uma instituição secular!

O que fica escripto é o nosso dogma.

Para a harmonia e defesa das nossas convicções temos mostrado que, apezar do motejo que a tudo assalta, apparecem na Academia muitos talentos robustos, muitas vocações imperiosas. Taes foram os que escreveram para o Theatro em 1860 e 1861.

III.

Sizenando Barreto Nabuco de Araujo escreveu um drama em cinco actos, que intitulou — *Octavio*, o qual foi representado no theatro desta capital e no Gymnasio, do Rio de Janeiro.

Para o academico a estréa abrio-lhe novos horizontes de gloria e de esperança. A mocidade academica, esquecida de applaudir triumphos passados, encontrou no dramaturgo quem a resgatasse de tão velho e cansado entorpecimento.

Prova-se a manifestação d'esse sentimento pela acceitação, applausos, e brindes, elementos de uma grande força que impelle o talento á conquista da celebridade.

A contextura dramatica é n'esse trabalho apresentada por phrases habeis que supprem os accessorios multiplos ; mas o talentoso academico escreveu sobre as impressões do — *Pedro*—drama de Mendes Leal. A critica dramatica vio no futuro dramaturgo uma intelligencia esperançosa para o nosso theatro.

Nabuco, dizia a *Revista Dramatica*, para onde elle tambem escreveu , será um bom escriptor em quanto não suffocar suas idéas, em quanto a politica não o dominar. A facilidade com que escreve o acto de um drama, a paixão pela arte e litteratura dramaticas, são o melhor presagio, a mais firme promessa do quanto póde prestar ao Brazil aquelle talento de romancista , aquella intelligencia de poeta dramatico.

Depois do *Octavio*, tivemos o *Cynico*, drama em tres actos, que foi representado aqui e no Rio de Janeiro. Tambem acho neste trabalho pontos de imitação da *Justiça*, drama de C. Castello-Branco.

Além destes, escreveu — *Olga*, drama do mar, e a *Mulher do seculo*, os quaes não conheço.

Os verdadeiros creadores da scena franceza no theatro moderno são Garnier, Hardi, Mairet, Tristan e Rotron, que começaram imitando, e depois operaram essa brilhante revolu-

ção que tanto influio no animo dos dramaturgos contemporaneos portuguezes e brazileiros.

S. Nabuco tentou um trabalho de mais fôlego, escreveu o drama *Historia de um artista*. Em poucas palavras direi o que penso d'este drama. É uma satyra ao mundo da riqueza, onde, por mais sérias que sejam as personagens, a sociedade é sempre um carnaval. Os caracteres, introduzidos pelo auctor, não têm nada de exclusivo e convencional.

É um traço critico e philosophico que affiança ao meu collega de anno em estudos, e de luctas litterarias, um lugar entre tantos nomes que são a gloria dos fastos da litteratura.

Qual o motivo porque o distincto estudante escreveu esses dramas? Porque appareceu tanta effervescencia, tanto enthusiasmo pelo theatro? Responde a isto o *Instituto Dramatico*, do qual foi presidente o distincto litterato e illustrado jurisconsulto Dr. Ernesto Ferreira França.

Tivemos muitas composições dramaticas, uma bibliotheca, muitas analyses criticas, pareceres, jornaes e dramas offerecidos ao *Instituto*. Vinte e quatro volumes de assumpto dramatico — nacional — possue o *Instituto*, que não con-

tinuará as suas sessões em quanto não entrarem novos socios, porque d'elle se retiraram muitos que são bachareis.

Nabuco é um dos socios que trabalharam e continuam.

Depois appareceu Rodrigo Octavio, socio effectivo, que sempre foi ás sessões e escreveu os dramas: — *Jorge*, *Amor e Tumulo*, e *Haabás*. D'entre os socios academicos, só fallarei d'estes, porque imprimiram dramas.

A escola dramatica de Rodrigo Octavio é diversa sem ser opposta á de Nabuco. Um, si continuar a estudar, será discipulo de Victor Hugo, outro de Goethe. Ambos têm vocação para o theatro. As composições de Rodrigo Octavio trazem um cunho democratico e circumscrevem-se a pensamentos philosophico-sociaes. *Jorge* como o *Cynico*, é a chronica da vida academica, com seus episodios de soffrimento e goso. *Amor e Tumulo*, é a historia intima de um affecto infeliz. *Haabás*, é um grito contra a escravidão, é um protesto santo e justo contra a usurpação consagrada sob o titulo de direitos. Em todos os dramas ha um brado de desespero contra a oppressão das classes, ou em defesa do talento perseguido.

Não foram os unicos que escreveram para o theatro. Mais tarde fômos testemunha d'uma

revelação dramatica. França Junior, estudante do 4.° anno juridico, inicia-se nas devezas da scena, e sorprende os espectadores com uma comedia de costumes academicos. A acceitação frenetica e conscienciosa que obteve o seu primeiro ensaio, convencêra-o de que era chegado o momento de obter victorias. Em cada scena imprime o sarcasmo, em cada phrase o ridiculo. Si a comedia castiga os vicios, o auctor mereceu applausos. A comedia — *Meia hora de cynismo* foi o preludio prophetico de uma realidade futura; e depois, representava-se no theatro — *A Republica-Modelo*.

A comedia — *Meia hora de cynismo* — não é de intriga, nem de caracter, e sim de circumstancia, genero pouco conhecido entre nós. Não ha composição elementar dos caracteres, nem vive das paixões normaes da natureza humana.

Denuncia os typos na localidade, e algumas vezes dilacera-os com o ridiculo. França Junior póde ser uma reputação dramatica, si estudar o problema do mundo scenico. O auctor do *Cinna* e *Cid*, do *Tartufo* e *Misanthropo* não começou com tanta fortuna.

Não posso assignalar as publicações, em diversos generos, de outros escriptores, porque

me propuz fallar sómente dos que escreveram para a imprensa livre, e viram seus ensaios dramaticos representados.

Posso adiantar uma verdade, filha da observação, e enuncio-a em nome da fé, e da convicção que nutro a respeito de todos esses que já se distinguiram, e que animados pela imprensa diaria e periodica d'esta capital e do Rio de Janeiro, não ficaram despreoccupados, nem cruzaram os braços ante as difficuldades que offerece a litteratura.

É necessario que a Magalhães, e Porto-Alegre, que já caminham pela vereda politica, succedam novos apaixonados da luz que os guiou.

Eu podia, por meio da ironia discreta, condemnar caracteres e julgar as idéas litterarias da nossa Academia, si entendesse que, por este processo rapido, alguma recompensa merecia. Não tomarei os accidentes por assumpto, porque não deve a litteratura praticar como a politica, que sustenta o mais extravagante contrasenso. Por exemplo: — " Em politica não ha homicidio, supprime-se um obstaculo; não ha idéas, ha pessoas; não ha sentimentos, ha interesses! "

" Do seio d'esta época de duvidas e de convulsões, de temeridades e de extravagancias " surgirá a brilhante legião que, deixando as ques-

tões de escolas por trabalhos sérios, legará ao Brazil o valor intellectual, o valor dos homens de lettras, com a esperança de uma remuneração ás luctas do poeta, ás fadigas do litterato.

Confiemos nos esforços da mocidade brazileira, e esperemos que a voz prophetica do presente nos indique as terras promettidas do futuro.

IMPULSO Á ARTE DRAMATICA.

O governo piemontez abrio, como tem feito outras vezes, um concurso dramatico. Destinou tres premios para as tres melhores producções representadas com bom exito no theatro regio de Turim.

O Brazil só tem premios para o *maestro*, para a *prima-donna assoluta*, subvenções e loterias para o Theatro Lyrico. As nossas summidades governativas, quando se lhes falla de artes, respondem que não é pouco o Conservatorio Dramatico (invalido), a Academia das Bellas-Artes (sem professores), o Conservatorio de Musica (desprotegido). Entre nós o desprezo que se vota ás aspirações artisticas, contribue para o estado de atrazo do paiz.

A Grecia foi reputada celebre por seus philosophos, seus oradores, seus legisladores e

poetas, depois que Sophocles, Euripides e Menandro levaram ao theatro as figuras dos heróes e dos sabios, explicando suas acções, suas fraquezas, seus crimes ou suas virtudes.

A França de Racine, Corneille e Molière é mais admiravel porque é mais patriotica que nos dias de suas conquistas, das brutalidades do vicio e corrupção de costumes.

Maior foi a Grecia e mais digna de admiração a França, quando as artes auxiliaram as letras. Então as industrias multiplicaram-se, e a nacionalidade tornou-se orgulhosa, e o povo mais considerado.

Vivemos de subterfugios, e um casuitismo criminoso domina todas as tendencias d'esta época.

O governo tem sido grande em atrocidades liberticidas, e não está longe o dia em que, á semelhança de Sylla, elle mande passar por diante de si os mais dedicados brazileiros para decapital-os.

O governo ultraja o povo e bate palmas a essa ignominia. Não ha alegrias publicas; insulta-se a nação pelo desprezo em que são tidos os seus mais distinctos patriotas, sempre afastados do poder. Importe-se do estrangeiro, e viva o Imperio-*colonia*.

BIBLIOGRAPHIA E CRITICA LITTERARIA.

I.

O folhetim do *Correio Paulistano* expirou, dando o ultimo arranco da Chronica Litteraria em Novembro de 1861. Teve tempo de pronunciar um nome e annunciar uma publicação: — Fagundes Varella era o nome. *Nocturnas*, volume de poesias — eis o livro. Em todo o estadio litterario do anno que passou, foram julgadas as producções academicas, umas nas associações litterarias, outras na imprensa, muitas no Instituto Dramatico. Um pugillo de cabeças trabalhou para a fecundação do futuro; entretanto é-me necessario confessar que muitas composições passaram sem um auto de accusação legitima e franca.

Ahi correm e desfilam innumeraveis abutres

da decencia litteraria. Ahi passam incolumes, publicações que, no rigôr critico, nunca terão absolvição de seus peccados. Terão, entretanto, a sua hora aziaga, o seu *dies iræ*. Quando a critica revolucionaria visitar a poesia heraldica com presumpções de realeza, ai dos sceptros e corôas que por um reprehensivel engano foram distribuidas!

Que divida contrahiram os poetas!

Que destino ao erario da imaginação!

Que dôres e que luctas vamos ter!

É verdade que muitos espiritos fortes, muitos pensadores sustentam, que *os poetas não são responsaveis pelo que fazem, porque elles não tem sciencia; são prescientes*:—*que a philosophia sonda o abysmo, a poesia eleva-se sobre as summidades; que os philosophos percorrem o mundo; os poetas o céo; que os philosophos têm compasso; os poetas azas.* Não sou eu quem o diz. Si é verdade, consintamos aos poetas o subirem até não os alcançarmos, ou descerem até não os comprehendermos.

Outros sustentam que o poeta é raramente proprio á acção; sua força está fóra do mundo real. Si ainda é verdade, admiro que a sociedade tolere taes obstaculos á sua vida progressiva e laboriosa.

De qualquer modo que o encaremos, um poeta

é bicho que atrapalha, e por isso aquelle que estiver domesticado ha de apresentar as marcas que lhe deixaram no corpo os ferros da jaula em que foi torturado, antes de ter liberdade para andar pelas ruas. Tal é a doutrina dos inimigos da poesia. Eu penso diversamente. Para mim o melhor poeta foi Coquillart, que perdeu no jogo duas abbadias e a sua casa: o peior é Sterne, que deixou a familia na miseria; mas enriqueceu um typographo!

Tambem gosto d'elles distinguindo-se pelo engorgitamento do pescoço, pelo andar, pelo artificio no olhar, ou se é coxo como lord Byron, ou tem um hombro esquivo ao outro, gosto, porque não se parecem com o vulgar da massa ignorante, que não comprehende essa *civilidade* da impostura. Sendo doentios como Boileau, tambem servem os poetas, porque então a sua especialidade é a satyra, e todos sabem quantos beneficios prestou Juvenal e Horacio á antiguidade romana, e Gregorio de Mattos aos nossos patricios. *Os doentes são satyricos, os coxos — vingativos e intrigantes.* Tal foi Byron, quando escreveu *D. João*, "essa vingança de um espirito transtornado pelo orgulho penoso contra aquelles que caminham direito."

A desgraça é malevola — seja dito de passagem e baixinho. A satyra é um genero de litte-

ratura que occupa entre nossos poetas um degrão inferior ; ha muito valor satyrico, muito elemento critico ; mas isso é lá na republica, na janella fumando um charuto, ou na porta de um collega. Satyras e criticas que têm a vida dos relampagos.

Miseravel ignorancia, sacrilega e ignominiosa situação em que se vive pelos instinctos de odio e inveja, de desgosto ou vergonha !

Gosto muito de tomar o accidente pelo assumpto, e isto faço para imitar os methodistas que escrevem nos nossos jornaes. Si isto é delicto ou crime, não conheço na legislação litteraria, nos artigos dos codigos de critica, disposições, decretos, artigos ou leis que o previnam. Viva a liberdade da desordem ! Abaixo os preceitos e regras ! Fóra a orthographia ; morte á grammatica !

" *En avant ! Voilá notre dieu, notre croyance, notre fanatisme !* "

Debaixo da impressão d'este distico na fronte do progresso, inspiremo-nos e saudemos a redempção do pensamento, a liberdade da palavra, o dogma da transformação. O chaos tambem é harmonico : n'elle vivem " o escorpião e o sagittario, o leão e o cordeiro — em sancta paz — e não se offendem. " A vida é tão curta, que é preciso aproveitarem-se todos os mo-

mentos; d'aqui a anarchia moral, a guerra das escolas, o exclusivismo dos systemas. E porque não será assim? " Os allemães abraçam o que os italianos rejeitam. As intrigas de Calderon não formam corpo na arte dramatica dos inglezes, e as grandes tragedias de Shakespeare nos parecem monstruosas, porque offendem as unidades e a sabedoria do theatro grego."

N'esta épocha, pois, em que as ambições do espirito se proclamam soberanas, para que respeitar essas convenções dos talentos creadores, si elles já desappareceram? Aberremos, rejeitemos a imposição; não queiramos as regras absolutas em letras, sciencias e artes; *excitemos a vaidade a sahir de sua esphera.*

Isto se observa nas publicações dramaticas de alguns apaixonados da arte e sciencias dramaticas, os quaes, ignorando as regras, nos têm apresentado obras que são um amalgama de incidentes sem explicação e de sentimentos sem coherencia. É uma fecundidade propria do romance, nunca legitima para o drama.

Assim as poesias e romances. Temos tido poetas e romancistas que têm sido julgados por uma parcialidade criminosa, cujas reputações são adquiridas nos *clubs* dos collegas, como si um *club* fosse o juizo final ou o *sursum*

corda das criticas que esclarecem e da imprensa que avalia e julga, que salva e condemna!

Com o desejo de tudo serem e sem chegarem a ser cousa alguma, precipitam-se no auditorio da publicidade, uns com estylo de carcereiro, outros com pensamentos e maximas de tabellião de provincia. Alem de agorentarem a lingua com tibias e *reaccionarias* phrases, perdularios gratuitos, cuja somma litteraria despendida em favor das letras serve para as libertinar, vão d'est'arte propagando um vicio que deve ser reprimido, porque em seus productos intellectuaes, si não deixam a obscenidade da linguagem como La Fontaine, o escandalo como Voltaire, a puerilidade como Gresnais, visto que só imitam os francezes, fazem peior, porque acceleram a revolução do pedantismo, que tem origem na ignorancia de tudo, e só nos deixam a triste convicção de que toda a mediocridade é ambiciosa.

II.

O que acontece a alguns retratos que se prestam em exposição á curiosidade publica, que sympathiza com tal quadro, porque o personagem tem um perfil que lhe agrada, acon-

tece ao livro que na galeria litteraria é feliz, si o critico o acolhe e lhe dá o sopro de animação, ou um passaporte para seguir a sua viagem incerta pelo mundo das lettras. Na officina do pintor encontram-se ás vezes certas physionomias reproduzidas nos quadros, que, apenas vistas, inspiram interesse ou indifferença. Assim na estante do livreiro se apresentam certas obras estrangeiras ou nacionaes, que pelo nome do auctor, pela primeira palavra de um capitulo, indicam qual o pensamento que as substancia, qual a idéa que sustentam. Condemna-se logo a obra, ou salva-se.

É esta a praxe dos nossos poetas e litteraleigos que de improviso se apresentam fallando de tudo e tudo ignorando. Si me refiro á Academia, está claro que a censura é dirigida a ella.

Por habito, vai-se a casa do livreiro, pega-se em um volume, abre-se a primeira pagina, lê-se o titulo da obra, vê-se como o auctor concluio, decora-se o vocabulo final, deixa-se o livro sobre o mostrador, accende-se um charuto e volta-se para a republica. Na hora da refeição diz-se aos collegas: — *li muito hoje!* — Isto, que sempre acontece, é exactamente o que prejudica.

São estes os homens de lettras que primeiro condemnam as publicações litterarias de seus

collegas. O que é mais triste, o que desanima, é saber-se que nem são lidos os livros!

Por isso muitos moços que começaram a escrever, desanimaram e não continuam, porque, ainda inermes para luctar contra os desdens da inveja, succumbiram no attaque. É em nome d'esses fracos que eu pretendo julgar os *fortes*, que só luctam contra a fraqueza e se julgam vencedores. Antes dos nomes e da historia d'essa miseria orgulhosa, vejamos as publicações na ordem bibliographica, e depois julguemol-as.

Cumpre que se observe o seguinte: ha muita critica justa, e essa, eu a aceitarei para louvor dos seus auctores e salvação dos que escreveram.

Sempre tive o defeito de ser censor de todos os que desprezam o que é nosso, para dar apreço ao que é estrangeiro, com injustiça e ignorancia.

Não se entenda que sómente nós somos tudo, e que mais valemos.

Não sei mentir; observo e exponho.

Prevejo que terei mil pragas, muito odio de presente, muito ensaio de resposta, mais de um juramento diante do moleque que serve á mesa; emfim tudo que eu condemnar com exame, merecerá anathema, no que serei differente d'elles, que, sem terem lido, proscrevem nomes e feitos. Dizem os escriptores da politica liberal

que as proscripções são partos da tyrannia. Em litteratura ha outro poder rival: é a ignorancia, que desterra sem confiscações de bens; mas isso é porque os auctores não possuem grandes sommas ou propriedades.

Tenho sido incansavel no empenho de apresentar todas as intelligencias laboriosas. Nunca fui accusador, e, graças á inercia, nunca fui accusado. Na minha publicação intitulada — *Dous Mundos* — fiz o elogio dos academicos que escreveram para a imprensa livre. Assumpto bem differente do que hoje me proponho tratar. Em politica, que é arte e sciencia ao mesmo tempo, lastimo os erros, mas não os emendo; em litteratura, penso de modo opposto, sem ser contrario. N'aquillo que posso (com inferioridade, sei, de muitos talentos que conheço e sabem escrever) irei apontando o que me fôr possivel comprehender que seja bom ou máo.

Apenas me occuparei das publicações litterarias de 1859 até esta data.

Quero dar a noticia, para que fiquem conhecidas em toda a parte, onde se lê o jornal do *Ensaio Philosophico*. Quem julgar e conhecer que n'isto presto um serviço aos auctores e ao paiz, ficará satisfeito.

Tenho reunido quasi todas as publicações desde essa epocha, e principiam o anno de 59:

Harmonias Brasileiras — cantos nacionaes, colligidos e publicados por Antonio Joaquim de Macedo Soares. — 1 vol.

Poesias — por Bittencourt Sampaio, Macedo Soares e Salvador de Mendonça. — 1 folheto.

Revista da Academia por Couto de Magalhães e Joaquim Augusto de Camargo. — 1859. 1 vol.

A voz do povo e a voz da razão, por P. A. Ferreira Vianna. — 1 vol.

Conto Mysterioso, de Ramos Nogueira. — 1 vol.

O romance de um moço rico, comedia-drama em cinco actos e sete quadros, por Luiz de Bivar, Salvador de Mendonça e Berfort Duarte.

Os Goyanazes, conto historico sobre a fundação de S. Paulo, por J. V. C. de Magalhães. — 1 vol.

Flores Silvestres, poesias de F. B. Sampaio. — 1 vol.

Considerações sobre a resistencia a ordens illegaes, por J. R. Coelho de Macedo — 1 vol.

Coroação da virtude ou a independencia do Brazil, drama em 5 actos, por J. A Leme.

O Poder moderador e o Sr. Ottoni, por M. de Barros. — 1 folheto.

Resposta ao folheto intitulado — *O poder moderador*, por Theodomiro.

Minhas inspirações, poesias de Antonio Manoel dos Reis. — 1 vol.

O cynico, drama em 3 actos, de S. Nabuco.

Rosina, drama em 5 actos, por J. Tito Nabuco.

Poesias de Zoroastro Pamplona. — 1 vol.

Alfredo, romance de Antonio M. dos Reis.— 1 vol.

O Sacrificio, romance de Antonio M. dos Reis — 1 vol.

Paulo e Flora, romance de A. M. Fernandes. — 1 vol.

Emilio romance de J. A. de Barros Junior. — 1 vol.

Haabás, drama em 1 prologo e 2 actos, de Rodrigo Octavio.

Amor e Odio, drama em 3 actos, por J. Ricardo Pires de Almeida.

Reflexões sobre a vida humana, por F. de Paula Leme. — 1 vol.

Ensaios Litterarios, de Ignacio de Azevedo. — 1 vol.

Virginia, romance de J. B. de Assis Drummond.

Fragmentos historico-politicos, de E. de Rezende. — 1 folheto.

Poesias de Cyrillo de Lemos.— 1 vol.

A Judia, drama de Quirino dos Santos.

Além das collecções dos jornaes, como — o *Tymbira*, a *Revista Dramatica* e a *Legenda*, que formam volumes separados, temos alguns romances em jornaes academicos e no *Correio Paulistano*. Taes são:

A Cruz preta — de F. Antonio da Luz. — *Correio Paulistano*, 1859-60.

A vingança de um irmão — do *Kaleidoscopio*, jornal do Instituto Academico.— 1860.

Conto Phantastico — de Rodrigo Octavio.— *Tymbira*, 1861.

Miserias da escravatura, conto historico — por .... — *Kaleidoscopio*, 1860.

Retratos a lapis. — Sandoval. — *Kaleidoscopio*, 1860.

Contemporaneos academicos.— Retratos a lapis — por Macedo Soares.— *Revista Popular*, 1859-60.

Inspirações do claustro — *Flôres Silvestres* — *Cantos da solidão* — e outros artigos de critica litteraria no *Atheneu Paulistano*, 1860-61 — por A. J. Macedo Soares.

Poesias de Juvenal Carramanhos, Zoroastro Pamplona, Barros Junior, Ulhôa Cintra e Antonio Manoel dos Reis — 1850, *Itororó*.

Artigos de direito e litteratura, por J. da Silva Costa e V. de Carvalho.— *Itororó*, 1858.

Dalzo — conto de Zoroastro Pamplona; — *Ensaios da Sociedade Brazilia* — 1859.

Cartas-Romances — de A. B. Campos: — *Esboços Litterarios* — 1859. — *A pagina sem vida.* — *A corôa de Sempreviva,* — conto de Americo Lobo: — *Esboços Litterarios* — 1859.

A educação e a instrucção do sexo feminino — de R. P. — *Lyrio,* jornal Academico. — 1860.

Folhas de meu album — fragmentos de Theodomiro. — Exercicios Litterarios do *Culto á Sciencia.* — 1861.

Basilio da Gama — por C. T. Flôres. — *Culto á Sciencia.* — 1861.

As lettras, sciencias e artes no Brazil — Rangel Pestana: — *Culto á Sciencia.* — 1860.

A quebra do juramento — romance de F. C. de Abreu e Silva: — *Culto á Sciencia.*

Estudos historicos — de M. de S. Bueno — 1859: — *Culto á Sciencia.*

Estudos historicos — por P. Fernandes — 1861. — *Atheneu Paulistano.*

A morte de Alinda — romance de Ignacio de Azevedo — *Ensaio Philosophico* — 1861.

Angelo — drama em 4 actos, por Floriano José de Miranda: — *Culto á Sciencia* — 1861.

A arte no XIX seculo — *Diario do Rio de Janeiro* — 1861: pelo bacharel Ferreira Dias (artigo augmentado do *Atheneu Paulistano.*)

Poverino — romance de J. F. de Menezes — *Civilisação,* jornal de Santos: — 1861.

Uma phase da vida academica — romance de José L. Monteiro de Sousa. — *Correio Paulistano* — 1861.

Typos Litterarios — Gonçalves Dias, por Macedo Soares: — *Ensaio Philosophico* e *Correio Mercantil.*

Ruinas da Gloria, Esther, Inak — contos por F. Varella. — *Correio Paulistano* — 1861.

Além destes artigos, temos muitos de critica litteraria e scientifica, alguns soffriveis, porém, rapidos; outros tão futeis, que deixo de os assignalar.

Todos que ficam mencionados pódem formar volumes em pequenos livros, em folhetos. A respeito do pensamento e do estylo, não será como querem seus auctores, nem como julgaram alguns criticos.

III.

No meio das agitações politicas tão contagiosas, que vieram influir nos animos de alguns academicos, no espirito das associações litterarias, a ponto de extremarem-se idéas e apparecerem luctas rivaes de competencia, protestos e odios; n'esta epocha de destructivismo politico, em que a existencia está reduzida a um calculo arithmetico, a amizade á troca de serviços, o caracter á medida do servilismo, a honra e

a dignidade sujeitas ao capricho da immoralidade, que mina, da ignorancia, que affronta; n'esta epocha, em que tudo se confunde para nada esclarecer-se, insania parecerá querer ainda fallar de poetas, dar um passeio pelo mundo das musas.

A effervescencia politica, mais utilitaria que o delirio poetico, constitue-se o cadafalso das inspirações, o algoz das harmonias do coração.

Com pouca differença, quasi que estamos nos tempos das devastações da reforma em Inglaterra, dos supplicios exigidos por Henrique VIII, das fogueiras e guerras civis; pouco nos falta para realizar a crise horrorosa das carnificinas e da escravidão na Irlanda, dos patibulos de Carlos I, e de Sidney, dos crimes da côrte e mil desgraças, originadas da politica centralizadora e corruptora.

Tivemos a emancipação politica como nenhum povo a conseguio; fizemo-nos independentes; porém, repito aqui, somos livres pelos accidentes, escravos por principios.

Não se tem comprehendido, no Brazil, que a primeira gloria de um povo começa por seus fastos litterarios; que antes de legislar canta-se; primeiro poetas, depois politicos.

Tem-se dito que o nosso cancioneiro de na-

ção infante está escripto, porque a primeira feição caracteristica é o lyrismo, a segunda o theatro.

Crêmos no axioma historico, mas elle não está no caso de applicar-se ao Brazil.

Qual foi a idade média, quando a sociedade se compunha de elementos oppostos, ora da religião romana, ora do paganismo em maior quantidade que a religião christã; quando os barbaros Francos, Godos, Burgodos, impunham seus usos e costumes e o caracter proprio das raças, quando todos os generos de propriedades se confundiam, « a herdade hereditaria, o feudo, a mão morta, o codigo, o digesto, as leis salica e visigothica, o direito costumeiro; quando todas as fórmas de liberdade e de servidão se confundiam — a liberdade monarchica do rei, a liberdade aristocratica do nobre, a liberdade individual do padre, a liberdade collectiva das communas, a liberdade privilegiada das cidades, a liberdade da magistratura, a liberdade representativa da nação» — tal é hoje a nossa sociedade, onde existem usos que se contradizem, resultados incoherentes. Triste theatro, onde o tragico e o comico, o gigantesco e o ridiculo se confundem no scenario cujo scenographo é — o politico!

Não nos admiremos.

O Brazil, por sua posição geographica, por sua topographia, por suas fontes naturaes de riqueza, estava destinado a gosar melhor conceito entre as nações da Europa, si as luctas intestinas porque tem passsado e a incapacidade de muitos dos seus homens de Estado, não contribuissem para o seu atrazo.

O fundador do Imperio nunca protegeu as lettras.

A politica reaccionaria que não protege as lettras, e aborrece as artes, é execravel, é mais do que tyrannica, é cruel.

Na epocha da independencia appareceu o movimento litterario cujo historico não cabe aos intuitos d'este trabalho. Entretanto predominaram os versos officiaes, e tambem a litteratura officiosa. Na epocha da minoridade, de triste recordação á familia liberal, que teve, tem e ha de ter em recompensa traições e ingratidões, n'essa epocha os espiritos preocupados com a duvida de seu futuro comprometteram o presente.

A poesia teve o seu imperio na adulação individual e nas asquerosas venias ao *imberbe augusto*.

Si poucas vezes, porque não podiam, alguns litteratos se occupavam das theorias politica, religiosa e social, eram confiscados, não nos termos da ordenação; eram proscriptos, e além

da perseguição ao individuo, passava-se á familia.

Mais ousados nas producções poeticas foram os nossos antepassados, que desde 1604 marcaram no cyclo litterario gloriosos triumphos alcançados pela imaginação.

O primeiro poeta que apparece é *Teixeira Pinto*, talentoso pernambucano, que no fim do VI seculo publicou um poema. No empenho da victoria entraram, mais tarde, *J. Brito de Lima*, poeta bahiano; *Salvador de Mesquita*, o fluminense que viajou Roma, onde publicou *O Sacrificio de Jephté*, drama sacro, em latim; *Manoel Botelho de Oliveira*, de quem já fallou o auctor do artigo *A Arte dramatica no Brazil*, com a differença que, n'esse artigo publicado na *Minerva Brazileira*, pag. 154, tomo 1.°, não se trata do auctor da musica do Parnaso, d'esse homem que estudou quasi tantas linguas quantas *José Bonifacio* fallava; *Borges de Barros*, o poeta didactico, ignorado pelo Sr. Emilio Adet; *Vieira Ravasco*, frade pregador de nome, auctor de diversas poesias publicadas na *Phenix Renascida* (1746); *Nolasco Ferreira*, bahiano, auctor do *Parnaso Americano*; *Vicente da Silva*, poeta elegiaco; *Francisco de Almeida*, auctor do *Orpheu Brazileiro*, poema latino. Não fallaram d'estes os escriptores francezes que

historiaram a litteratura brazileira, e na mesma falta incorreu o auctor da LITTERATURA DO MEIO-DIA, o Sr. de *Sismondi*. Manoel da Costa, auctor do *Labyrintho de Amor*, Camello de Noronha, poeta de pouca fama, João Mendes da Silva, Antonio José da Silva, José de Santa Rita Durão, Basilió da Gama, Gonzaga, Caldas, Claudio Manoel da Costa, Gregorio de Mattos e Alvarenga foram continuadores d'esses, que os precederam na ordem chronologica, porem, inferiores em fecundidade a estes ultimos.

Si, pela historia do Brasil, póde-se affirmar que, nenhum povo teve em sua origem poetas e musicos como nós os tivemos — verdade reconhecida e acceita por todos os escriptores estrangeiros e nacionaes que se occuparam de sciencias, de lettras e bellas-artes, onde se vê que a litteratura brazileira começa nos principios do XVIII seculo, embora predominasse a colonia portugueza —; si se demonstra que desde esse seculo ella se desenvolve, como se vê do poema *Caramurú*, do *Uruguay*, que é uma vingança contra os Jesuitas; si os trabalhos historicos de Rocha Pita, de Azevedo Coutinho e Rodrigues Ferreira, em litteraturas e sciencias diversas; si a bibliotheca imperial augmentada por D. João VI, e os manuscriptos de muitos brazileiros, que collaboraram para a

justa celebridade de que goza o antigo collegio dos Jesuitas na Bahia; si, estudando o que fomos, não podemos mentir ao passado, é honroso confessar que os nossos antepassados foram mais contrahidos ao trabalho, e não gastaram tempo em declamações ridiculas.

O primeiro periodo da litteratura brazileira assignala-se com a fundação das *bibliothecas*, da academia medico-cirurgico, associações litterarias, theatros, na Bahia, Pernambuco, Villa-Rica e Marianna, uma sociedade de historia natural, um gabinete de mineralogia, associações estas fundadas pelo Marquez do Lavradio, no Rio de Janeiro, em 1815. O segundo foi em 1833, quando a litteratura, perdendo os temores da infancia, se emancipou da politica. O terceiro foi em 1854, quando em todo o Imperio appareceram talentos fortes, espiritos preparadores, que vieram formar a revolução litteraria, cantando a gloria nacional, entoando hymnos á natureza americana, libertando-se da escola de ultra-mar, que por seu turno cessou de ser o tribunal das nossas consciencias.

Como todas as reacções, essa foi caprichosa, mas durou pouco. Veio em breve a seducção da fórma dos escriptores francezes; e a litteratura de Nisard foi repetida em todos os tons; isto é, a banalidade triumphou.

IV.

Disse que fôra o reinado do chaos aquella epocha de fusão. Facil me parece demonstral-o, recorrendo á nossa existencia politica, que foi e será uma ficção.

A litteratura, que tem seguido em todos os tempos os traços do mundo social, não teve incentivos legitimos para proseguir na organização de sua obra, tão necessaria no começo da monarchia.

Não presidio á constituição civil e religiosa, de modo que — costumes, idéas, caracteres, foram elementos sem força, que entraram para o organismo poetico.

A immensa e laboriosa unidade de alguns talentos teve de ceder á imperiosa opposição do despotismo material, ao incremento que tomara o paiz nas minas do commercio e da agricultura nascentes, protegidos pelo decreto de um rei mais propenso a destruir que edificar.

O mais ousado poeta, o que melhor estereotypou a situação, teve em recompensa os presidios da Africa; o que, esquecido do passado, satyrizou os primeiros dias do Imperio, ainda não foi feliz; e os que, mais tarde, se propuzeram cantar a nova éra, nem foram ouvidos,

e, si ficaram livres, não do látego da censura, mas dos carceres, foi porque o grito da revolução estava proximo.

A historia d'essa miseria representará o idolo bastardo da gloria; reservo a outros tão penoso empenho.

Fomos assim passando da timidez para a coragem, e chegámos aos mais bellos dias.

Periodico, ora fraco, outras vezes forte, pareceu o movimento litterario, devido aos precedentes que já assignalei.

O amor do paiz natal abrio ás artes e ás lettras outras fontes de riqueza e verdade; explorou-se o terreno da poesia, e obrigou-se o sol a confessar as scenas que presenciara entre o portuguez e o tamoyo.

Do feroz, do brutal, do versatil, passou-se ao nobre, ao generoso sentimento de justiça, ás desconhecidas necessidades de uma revolução litteraria, posto que fraca, mas valiosa e justa em suas intenções.

Para o erario das musas foram grandes os capitaes entrados em poucos annos; porém, em pouco tempo os timidos detentores d'essa riqueza, foram repartir os lucros com estranhas gentes.

Ficaram-nos, apenas, os annos de 1856 a 1857. *A Confederação dos Tamoyos*, poema épico de Magalhães, auctor de *Waterloo* e outras obras.

Mais tarde encetava o *Diario do Rio de Janeiro* a publicação do *Guarany*, que foi um acontecimento, porque é uma data litteraria.

Desmentir os historiadores estrangeiros, esclarecer e obrigar a Europa a melhor conhecer a indole das raças brazís; rehabilitar o estado dos indios tão calumniados, foi o intento dos poetas que ainda hoje trabalham.

Assim veio *Moema*, depois *Lindoya*, e logo appareceram *Iguassú*, *Y-Juca-Pyrama*, *Cobé*, *Aymbiré*, etc.

A epocha era dos productos da imaginação e fecundo foi o solo.

Sousa Andrade, apresenta *Ás Harpas Selvagens*.

Macedo, publica o seu poema *A Nebulosa*.

Beatriz de Assis Brandão dá o volume *Contos da Mocidade*.

O Dr. Cruz Junior, *O Livro da Mocidade*, precedido de uma critica que honra e recommenda o auctor.

Gonçalves Dias publica o seu poema épico — *Os Tymbiras*.

Gonçalves Dias, depois de escrever o Decalogo da poesia lyrica, tentou o Genesis da poesia épica, e essa obra ficou como o primeiro e unico livro do Pentateuco litterario.

A poesia épica, ávida de descripções e imagens, onde o poeta precisa mostrar e fazer

sobresahir as paixões, as sensações energicas, e os costumes naturaes de um povo; o vigor, o caracter, as emoções que se augmentam á proporção que esse povo se adianta; a poesia épica teve em Gonçalves Dias um apaixonado representante; isto é, um poeta que pelo amor puro e serio da arte, dictou reflexões; pelo enthusiasmo de nossas glorias, escreveu um poema.

Nos fins de 1857 appareceram dous livros de generos oppostos:

O primeiro intitulado *Lembranças*, por J. A. F. da Silva.

O segundo é o volume das obras de Monte-Alverne.

Monte-Alverne — a figura homerica n'um seculo de prosa, na expressão do conego Pinheiro, vinha obrigar o seculo XIX a recordar Bourdaloue, Tillotson, Vieira, Lacordaire, Ventura e Felix, que cansavam a audição da oratoria brasileira acostumada sómente a respeitar seus nomes.

Monte-Alverne — esse *Pedro Scarga* brazileiro, religioso e orador politico *que nos offerece o ideal do padre e do patriota*, foi o maior grito que se ouvio contra as usurpações inveteradas.

O Franciscano, revolucionando o pulpito, abalava a tribuna e guiava a imprensa. Suas

obras oratorias servem de diccionario para a historia da Independencia.

Depois appareceram romances. Taes foram a *Providencia* e o *Commendador*.

Não ficou o theatro sem o seu reddito, e em breve o *Rio de Janeiro, verso e reverso*, o *Demonio Familiar*, composições do Dr. Alencar, dominavam a scena e desmentiam os estrangeiros, que nos julgavam incapacitados para entrar nos dominios das sciencias e lettras, e ahi conquistar titulos gloriosos.

A historia tambem tem um contribuidor em F. A. de Varnhagen, que publicou, em dous volumes, a Historia do Brazil. O distincto membro do Instituto Historico alcançou o que nunca demos aos estrangeiros, que escreveram e escrevem a nossa historia: admiração e reconhecimento ligado á gratidão nacional.

Mais um livro apparece, é o volume de poesias pelo Dr. D. J. G. Magalhães. *Mysterios*, eis o titulo.

Estamos em 1858.

Na mesma epocha, das columnas do *Jornal do Commercio* passaram para o livro, *Os Typos e Romances*, por *Leo Junius*.

Lastimo que esse genero de escripto não tivesse imitadores ou continuadores.

Para mim é a melhor maneira de castigar

uma nação incuidosa, e o unico meio de fazer a prostituição recuar do seu declive.

Pedro de Calasans publica no Rio de Janeiro o seu volume de poesias intitulado — *Ultimas paginas*. Tanto n'este volume como nas *Paginas Soltas*, é sempre um talento que realizou a promessa: fez-se poeta.

Uma nossa patricia nos enviou da Allemanha o seu *Itinerario de Viagem*.

É d'aquelles dias a publicação dos dramas *Kobé*, *Cego* e as *Azas de um anjo*.

Chegára n'esse tempo o *Livro de Irtilia*, reunião de mimosas producções poeticas do illustrado brazileiro Ernesto Ferreira França Filho.

Pereira da Silva, o nosso melhor polygrapho, dá-nos *Os Varões Illustres do Brazil*.

Publicava-se n'esse periodo uma legenda brazileira, *D. Narcisa de Villar*, trabalho que foi lido com apreço.

Apparece a importante obra philosophica de Magalhães, *Factos do espirito humano*, julgada pelo erudito Wolf, litterato e philosopho allemão.

Sahiram do prélo da typographia Nacional, os *Estudos criticos e litterarios*, de Quintino Bocayuva. Seguiram-se os volumes, *Sombras e sonhos* de Teixeira de Mello, e as *Primaveras*, de Casimiro de Abreu.

Agora vejamos o que se passa em S. Paulo.

V.

Não foi pelo barulho da litteratura que a academia se levantou da prostração em que cahira; outro foi o motivo.

É que, entre nós, cada anno traz-nos uma gloria nova.

A mocidade academica até o anno de 1856 tinha sido historiadora. Na imprensa e na tribuna o seu genio se consagrava ao estudo da historia. Estavam em voga Cesar Cantu e Lamartine.

Conhecer o segredo da queda das monarchias; explicar a data de 89; conhecer *Mirabeau*; endeosar *Saint-Just*, fôra-lhe acertado empenho, e muito conseguiu.

Antes tinha sido philosopha. A Allemanha era-lhe salutar modêlo; fez-se uma geração espiritualista.

Não é aqui o lugar onde devo apresentar o quadro d'esses triumphos. Periodos diversos, phases oppostas na litteratura, na jurisprudencia, na historia e na poesia — formam a historia das idéas litterarias da nossa Academia.

Hoje trata-se de saber o que fomos em 1856, 1857 e 1858.

Uma transformação profunda nos escriptos caracterisa essa epocha.

Cansada da historia, a mocidade passa para a poesia.

Dão o grito de reacção dois poetas.

Pedro Luiz e Bittencourt Sampaio.

São talentosos, ha n'elles um mundo de esperanças, se não desprezarem o bello presente de Deus — as lyras tão suaves.

Terão a sua historia, e, como elles, todos, os que não ficarem no anathema da posteridade.

Desde então, em todos os jornaes academicos, a poesia enthronisa-se, ora por titulos legitimos, ora por direitos usurpados.

Ha n'esse reinado poetico nomes que por engano entraram na ordem do dia litterario, e é isso o que fica reservado á critica esclarecer.

A par de tantos que escreviam e publicavam n'aquella época as suas poesias, ha um nome que por muito tempo não fôra levado ao *auditorio academico* — porque, longe do *sacello* litterario, faltava-lhe a coragem de tomar parte nas deliberações, nas festas, nos juizos e na distribuição de certificados de talento.

A par com os eleitos da intelligencia, com as capacidades da nova edade — andava uma obscuridade apparente, um estudante de preparatorios; era Fagundes Varella.

N'este mundo ignorado mais prodigiosa é a

natureza; ha mais astros n'este céo; têm mais pompa as estações.

Não exijam a revelação do segredo que occulta esse mysterio; a razão porque um poeta era ignorado, não vol-a diria.

Nem ha justiça em affimar que Varella antes de pertencer ao templo das musas, foi abandonado: poucos o conheciam. Elle ainda não experimentava que *o talento é uma eterna origem de martyrios e opprobrios....*

De natureza excentrica; espirito timido; alma e coração que tudo acceitavam sem exame, mais de uma vez o falso o seduzio e o verdadeiro o censurou. Moço, inexperiente, viu-se cercado das seducções que offerece a ociosidade, e assim viveu como um bohemio resignado ao castigo de seu destino. Attendei a estes episodios para poderdes avaliar um poeta. Varella foi longe, e muito caminhou nas sombras do vicio, porque não o cercava a virtude; teve em seus principios máos conselheiros. Em sua biographia eu teria muito que dizer n'este ponto.

Isolado de tudo que lhe poderia ser util — não venceu a vertigem que o attrahia!

Pelo espirito elle podia combater; pelo coração sujeitava-se! Eis a causa de sua demora, de seu nome não ter pertencido ha mais tempo á grande lista das celebridades litterarias.

Acompanhei-o desde a sua vida obscura e errante, porque foi n'esse tempo que elle muito escreveu, e talvez sejam as poesias d'aquelle periodo as que alcancem no futuro a corôa que lhe está preparada.

Este estudante de preparatorios não imaginava, nem previa que, si sempre trabalhasse, chegaria a dar outra magestade, talvez phase diversa á nossa historia litteraria.

Infelizmente os maiores talentos desprezam a actividade e odeiam o trabalho.

VI.

(SUSPIROS D'ALMA, POR CYRILLO DE LEMOS.)

Si o merecimento da poesia está no trabalho da fórma, o livro de Cyrillo de Lemos, não incorre em peccados contra a arte metrica; caminha á sombra da escola romantica ouvindo hymnos e threnos da natureza que tem n'elle grande parte.

Si o principal merito da poesia está na exaggeração das imagens, e não no sentimento, na idéa, nas revelações do coração, n'esse caso o livro de Cyrillo de Lemos é pueril, pouco conseguirá n'este genero de lettras, tão tolerante e tão absoluto ás vezes!

Creio, porém, que o livro ha de ter a ben-

ção litteraria, porque em seu complexo ha valor poetico, e imaginação que muito favorecerá ao talento que cultiva.

No poeta quero inspiração.

O auctor do livro tem-n'a; e essa é honesta e moral. Aborreço a escola de Balzac, que tentou associar o materialismo ao mysticismo, como em *Louis Lambert*. Aborreço a escola de Byron — "por causa das metaphoras inuteis em certas descripções; por causa das violencias da paixão."

Nos *Suspiros d'alma* — acha-se a simplicidade e a verdade; encontram-se romances intimos que o poeta offerece á mais innocente das almas.

A nossa historia litteraria está passando por uma phase. O livro de Cyrillo de Lemos e muitos outros conhecidos por nós, confirmam que temos poetas, porém não cultivadores dos generos.

A poesia, em geral, tende a tomar um lugar na vida moderna, a assentar-se ao lado da politica, a abençoar a economia social, a acompanhar as nobres idéas pela canção, legenda, ballada, e até pelo epigramma, ou pelo poema.

Mas entre nós pouco se pensa n'esta lei do tempo, e desprezada vai a legislação da poesia, de modo que a mór parte dos poetas só encontram no céo — a séde da imaginação; no amor, o throno de sua musa. Sei *que não*

podemos exigir das instituições o segredo que as abate; dos poetas o motivo que os eleva para o firmamento; entretanto, bom será que deixemos o desconhecido e cantemos a nossa edade nova, os feitos heroicos, as virtudes exemplares, as victorias de nossos dias em lettras, artes, e sciencias.

A um poeta como Cyrillo de Lemos, perdoâmos esta falta, porque elle vem na primeira estação poetica saudar a primavera do amor.

É um poeta do coração; habita um mundo diverso, muito explorado; mas tem segredos na vida de seus habitantes, seducções, encantos, que obrigam aos poetas a darem-lhe seus primeiros cantos, como refens a um soberano vencedor.

Poetas amorosos foram Milton e Pope, Coopper e Chatterton. Canova — *esta divindade do Olympo de marmore — tambem o foi — devido á Dominica.*

São poetas que mais auxiliam a revolução das idéas, porque o coração tem rapidos crepusculos e em pouco torna-se um mundo de trevas; então, elles transformam-se: poetas de cabeça — passam da sensibilidade á intelligencia. . . . São os mais uteis á humanidade. Quero dizer que muito devemos esperar de Cyrillo de Lemos.

Vejamos si o volume tem o *prasme* d'esta monarchia litteraria que domina nossos animos.

Igualdade de estylo e relação constante de pensamento — eis aqui as qualidades sem as quaes não ha poesia.

Tem algumas d'estas qualidades o volume: e para dizermos o que fez o auctor, o que conseguio — basta convencermos a quem lêr de que n'esse livro ha uma nota dominante — é a tristeza.

Ha n'elle um continuo gemido — é a melancolia!

Em tudo isto acha-se o mesmo accento de verdade, a mesma doçura de expressão.

Em toda aquella tristeza que lhe peza n'alma, sente-se que ha resignação profunda e calma; lendo uma strophe, conheceis que o poeta é christão; em um hymno á natureza, sentis que elle é brazileiro; n'um grito de enthusiasmo notaes que o espirito, a expressão, a phrase é academica. Em alguns assumptos elle sabe elevar-se.

Cyrillo de Lemos quando imita não se escraviza muito ao seu modêlo. Muitas vezes sacrifica pensamentos ás fórmas. No começo sempre ha taes desvios. A timidez é a primeira musa da infancia litteraria.

Agrada-me o livro, porque nas poesias inti-

mas, nas melhores do volume, ha uma profundeza de emoção eloquente que bem inculcam um poeta.

A poesia intima que consiste na melancolia e nas lagrimas, tem em Cyrillo de Lemos seu éco legitimo e constante. Aquella alma de poeta foi vazada para estes martyrios secretos ás ordens do destino.

A tristeza e as lagrimas que o livro encerra não tem um ponto de commum com as dôres e desgraças que nos offerecem esses poetas que imitam os livros santos e tomam Jeremias por modêlo.

N'esta epocha de progresso e tolerancia, o infortunio tão caprichoso, a desgraça tão inexoravel, são acontecimentos pouco duradouros. Job e seus infelizes amigos decahidos não ressuscitaram.

As dôres e o pranto, as angustias e o desalento nascem mais da vontade do que da contrariedade; hoje é-se infeliz por imitação.

Comtudo, no livro de Cyrillo de Lemos a dôr não é uma musa de circumstancia; mas não ha perigo, porque em todo livro apparecem dous preservativos poderosos:— o espirito de familia e o sentimento religioso.

Hoje estuda-se o coração e a alma do homem de lettras, porque parte do destino das nações está confiada á sua direcção.

Na Europa pensadora attende-se muito á indole do litterato ; *foi por isso que a Inglaterra applaudio em Byron, o poeta, e condemnou o sceptico.* Não se entende o scepticismo religioso.

Cyrillo é um poeta crente; portanto, um poeta util. Vai expirando a quadra das indulgencias em materia litteraria, e por isso não perdoaremos mesmo ao maior talento os excessos e paradoxos monstruosos.

Cyrillo de Lemos não pertence á escola dos lubricos imitadores de Byron, *esse espirito distrahido, que teve culto e adoração porque resumia em sua natureza todos os defeitos agradaveis aos homens fracos e gastos ; porque avivava o scepticismo de Fausto e a ironia de Voltaire.*

Byron, o genio sem acceitação na Inglaterra, porém o maior em toda a Europa, veio até exaltar as imaginações dos poetas academicos. O poeta cantava a decadencia dos brios de sua nação ; satyrizava a venalidade nos caracteres, estygmatizava a corrupção nos costumes, e via em tudo a fatalidade.

Então seus imitadores repetiram *em todos os tons o monologo de Hamleto.*

Tornou-se effectivo o concerto *das maldições no theatro das blasphemias.* O numero dos *claqueurs,* foi avultado, porque applaudia-se como principal personagem a licença desenfreada.

Não se pense que julgo Byron, na poesia, como se costuma avaliar Lamartine, em politica. Os escriptores da *escola absolutista*, dão ao poeta francez a herança mais indigna que é possivel imaginar — a de utopista. Os contemporaneos de Byron chamaram-no *musa estragada*. Confesse a critica illustrada que, nas obras poeticas d'esse genio, ha satyras e verdades que hão de ser, em todos os tempos, proverbios poeticos. Vê-se que não o condemno á pena ultima.

Alvares de Azevedo foi o seu mais estrénuo imitador.

Hoje, apezar de estarmos sujeitos aos aspectos ignorados que nos promette a poesia brazileira, podemos ter fé, esperar, e tambem affirmar que a escola byronica não terá muitos continuadores.

Fanaticos admiradores do passado, alguns litteratos escravizam-se á fórma, ás idéas e aos sentimentos de poetas tão singulares, quanto ridiculos em seus excessos.

Si formos assim, acontecerá á poesia lyrica e épica o mesmo que á dramatica.

Com Alfredo de Musset adquirimos a descrença que tudo arruina e desaba; com o scepticismo de Goethe justificaremos Vico ; com o republicanismo de Schiller profanaremos o confessionario, os direitos sagrados da familia.

Klopstock está envolto nos ventos do exilio, e as musas da fortuna rendem culto á crapula homicida. Que não vingue a doutrina, e a mocidade — legião que prepara o futuro — engrandecerá o monumento litterario.

Porque Chateaubriand imitou a Virgilio e Homero — nos *Martyres* e nos *Natchez* — querem justificar o que praticam, esquecendo-se de que um genio commenta e engrandece o seu modelo; mas os poetas contemporaneos, os academicos, não são homens de genio; ha alguns de espirito.

A Cyrillo de Lemos direi que não se desvie de seu bello capricho.

A revelação sem fé, a religião sem milagres é o mais repugnante flagicio que o espirito poderia soffrer; assim, a poesia sem o seu genio proprio, *bastarda, é um idolo, não de gloria, mas esqualido* anachronismo.

O ANNO LITTERARIO DE 1862.

S. PAULO.

I.

Cheia de maldições, exaggerada, foi a applicação dos talentos. Deploravel preludio de um futuro negativo!

A coragem das grandes dedicações, o heroismo dos grandes deveres, tudo desappareceu, tudo foi sepultado em commum anathema. As intelligencias mais experimentadas nas luctas litterarias ficaram em tregoas. Dirieis que, depois de longas e porfiadas victorias, estavam contemplando o resultado de seus feitos.

O interesse novo que devia apaixonar todos os espiritos passou despercebido. O genio da mocidade academica, que deve de estar sempre vigilante, vio traições succederem aos escandalos, e ficou em reprehensivel indifferentismo.

Quando as discussões parlamentares se tornaram para o paiz uma arma de credito, uma arma do poder, nem aquelles que pertencem ao jornalismo se uniram, para protestar contra as virulentas diatribes lançadas á nossa classe.

Aquelles mesmos que pertenciam á imprensa, e, firmes em veros principios, redigiam aphorismos de politica pratica, foram timidos, e apenas uma vez feriram de leve nossos gratuitos sacrificadores.

Por mais que se tenha repetido que — todo o homem illustrado que suffoca por indifferentismo as suas idéas commette uma baixeza — nem assim, o temor mal entendido foi desterrado pela liberdade do pensamento. Um pugillo de cabeças que representam a excepção, eis o elemento de força que tomou a si a defesa, medio o plano da peleja e repellio o insulto. Tal foi a missão do *Futuro* e da *Razão*, jornaes politicos liberaes, redigidos por estudantes.

As passadas injustiças, os crimes dos invejosos que vêem na mocidade academica o perigo, a ruina da patria, serão vingados em tempo.

Não se póde negar que se discutio pela imprensa o que devia ser julgado pelo confessionario. Mas a imprensa academica, avassalando a si a condemnação dos actos de muitos individuos imprudentes, cumprio um dever de classe.

A egreja intimîda com a confissão e as penas eternas, com artigos de um codigo que a humanidade não conhece ; a imprensa defende a justiça, os direitos da sociedade e pede a applicação das penas aos delictos, combate o carrasco e a forca, legitima as leis penaes até onde ellas são humanas.

Si a politica se reduzisse *estrictamente ás sorprezas da força* e aos *expedientes da habilidade*, então a censura fôra medida bem aconselhada pelos governos prudentes e morigerados.

A imprensa academica vive longe das paixões ridiculas.

É certo que n'estes ultimos tempos o jornalismo politico tem absorvido o litterario ; mas isso não é grande erro. Entre nós — na Academia de S. Paulo — a litteratura independente não soffreu da politica ; e, si esta se encarnou na litteratura, foi para aprender e decorar suas maximas e seus beneficos conceitos.

Os jornalistas academicos — os politicos — pouco se adiantaram, porque tratavam as grandes questões do dia sem estudarem os problemas

sociaes: não indicaram os meios praticos, as instituições que se conformam com a indole, a natureza do povo brazileiro.

É preciso combater a conjuração do privilegio e tornar responsaveis os governos pelo relaxamento e ignorancia do nosso clero, pela falta de instrucção publica, lembrando-lhes quaes as reformas que devem realizar e principalmente a reforma da magistratura — proletaria.

II.

A epocha da riqueza litteraria, da formação laboriosa, da lucta jornalistica, teve a sua confirmação no esforço de um parlamentar que, no seio da representação nacional, violentamente apostrophou, injuriou a mocidade academica de S. Paulo. O pouco que a imprensa academica disse dos *Vendilhões do Templo*, o que a mocidade quiz indagar a respeito dos publicos negocios, dos erros de alguns dos nossos homens d'Estado, foi sufficiente aos olhos d'esse *visionario* para elle ousar aggredil-a. É curioso! A politica, em certos individuos, exerce tal força de transformar o caracter, desviar a razão, perturbar a memoria, que obriga a um homem de *consciencia*, ao Sr. Sayão Lobato, então mi-

nistro da justiça, a inferir disparates, a esquecer que o genio de um homem politico é a honestidade; mas, como é necessario tomar os homens como a natureza os fez — eu desprezo em nome da Academia, como actos de loucura, as palavras do ingrato collega, porque a sua organização doentia, enfezada, faz de um ministro o mais desbragado plebeu — peão sem fidalguia.

Felizmente, a invectiva do Sr. *Sayão Lobato* que chamou — *devassa* — esta mocidade moralisada, de que faz parte um dos filhos do irascivel ministro, isolou-se em uma sorte de vaidade esteril e de desconsideração.

As ridiculas difficuldades de manter a academia, apresentadas pelo executor do mandato dos conservadores d'esta capital e provincia, foram repellidas pela certeza que tem o governo e a nação de que — somos os mais respeitadores de todos que não peccam pela ignorancia atrevida e collaboram comnosco para a regeneração do systema representativo.

A imprensa academica foi uniforme e consequente, sustentando-se de principio a fim com a mesma inteireza de caracter no seu apostolado.

Devem muito ao *Futuro* e á *Razão*. Emquanto na camara dos deputados nós eramos triturados no odio do Sr. *Sayão*, a gazeta dos *casivares* politicos espedaçava nas ironias que desprezamos,

a gloria, a inculpavel attitude dos escriptores e jornalistas academicos; e, o que é mais triste, sem exame, disse o *postilhão* da imprensa conservadora (o *Constitucional*) que nós somos revolucionarios, athêos, discipulos de *Voltaire*. Somos tudo isso, mas nunca seremos miseraveis, transfugas, renegados, vendidos, desbriados. A politica do *Constitucional*, elaborada nos cafés, é toda chimerica. O ministerio de 12 de Maio derrubando sphynges, matou a idolatria, e esse paganismo politico arqueja e blasphema.

Sobre o imperio de circumstancias excepcionaes e pela emulação do exemplo foi que, intencionalmente, o jornal aggressor quiz lisonjear os seus condestaveis.

A nossa litteratura politica tudo previo, e por isso não foi algemada para o *casarão* do Sr. Lobato.... Os homens *fataes*, felizmente, desappareceram com os seus erros e defeitos. Ficámos para apontar á posteridade a sepultura dos perfidos e traidores, intelligencias venaes, sectarios de *Brissot*.

É a nossa vingança.

III.

Como um supplemento ao jornalismo *politico-litterario* considero a eloquencia academica.

Em minha *Revista Litteraria*, com referencia n'este momento á eloquencia academica, figuram sómente tres estudantes, Luiz Fortunato de Brito Sousa Menezes, Theodomiro Alves Pereira e Pedro Fernandes Corrêa. Ha n'estes talentos vivos modelos de pensamentos, que animam e instruem o auditorio. Guanabara, Felix da Cunha, Ferreira Vianna tiveram successores, póde-se dizer, continuadores.

A eloquencia academica representada por estes tres talentos oratorios, nossos contemporaneos, tem sido opulenta.

Fortunato de Brito — personificação da facundia, palavra energica, vencendo a aridez do assumpto com pensamentos rapidos. A sua eloquencia deriva-se da escola romana.

Seu estylo é epigrammatico.

Pedro Fernandes — imaginação descriptiva, augmentando tanto mais quanto se prende a natureza. Incredulo e sceptico. Suas opiniões philosophicas concorrem para a victoria do espirito humano, porque acreditam, propagam os triumphos constantes da escola racionalista, da qual é sectario. Orando é intolerante, violento.

Seu estylo é prolixo.

Theodomiro — emoção electrica na linguagem; a principio motono, obscuro; depois é um raio que atravessa o deserto; de repente sentis o

estrondo — abre-se a nuvem — ha claridades perplexas — surge o espaço limpido—harmonia, vozes invisiveis vos seduzem. Uma ironia amarga, acabrunhadora, investe-lhe a palavra.

Seu estylo é impetuoso.

A eloquencia academica tem tido intelligencias para a illustrarem e homens de merecimento para a defenderem das calumnias.

Durante as sessões litterarias das associações e as magnas, que são honradas com a presença dos Lentes, do Presidente da Provincia, Cabido, Corpo consular, commerciantes estrangeiros e nacionaes illustrados, familias e estudantes do lycêo e collegios, com os seus respectivos professores, apparecem muitos talentos que revelam gosto e estudos; mas não são oradores. Eu escrevo do anno litterario de 1862; acredito que todos esses que ainda não merecem attenção, mais tarde, hão de ser notaveis escriptores, bons poetas, melhores oradores.

Aquelles que não menciono ficam condemnados, porque confundem tudo. Fallam em politica sem terem estudos e tudo exaggeram. O insulto substitue o argumento.

Abusam da tribuna para liquidar odios pessoaes, quasi sempre provenientes das rivalidades que condemno porque não são confessaveis.

Nota-se em todos que aspiram representar a

eloquencia politica, que, nos paizes cuja edade lhes permitte maior civilisação, faz parte da litteratura, nota-se, digo, que nem sempre a revestem da gravidade propria aos debates ou discussões politicas e litterarias, peccando pela falta de logica nos raciocinios. Dominados pelo enthusiasmo do momento, cuidam mais das phrases que de desenvolver as grandes theses.

Entretanto o — *forum* — academico conta grande numero de capacidades nos differentes ramos das sciencias sociaes e juridicas.

Emquanto nas academias a liberdade tiver o seu imperio; emquanto a mocidade fôr independente dos poderes arbitrarios; emquanto o Brazil não conhecer o governo da tyrannia, tanto nas associações como na tribuna profana ou sagrada, o genio da mocidade brazileira, nas academias e fóra, ha de, pela eloquencia, pela litteratura, auxiliar os philosophos e os publicistas.

IV.

Passando da eloquencia, deixando de tratar d'este assumpto que estava appenso ao jornalismo, que tambem é uma tribuna, com a differença de ser maior o seu auditorio, occupar-

me-hei agora de mencionar em revista os jornaes litterarios das associações — em 1862.

— *Ensaio Philosophico Paulistano.*
— *Atheneu Paulistano.*
— *Club Scientifico.*
— *Amor á Sciencia.*
— *Ensaio Academico.*
— *Recreio Instructivo.*
— *Revista Juridica.*
— *Nucleo Juridico.*

N'estes jornaes a parte litteraria absorve a scientifica, excepto no jornal do *Nucleo Juridico* que é exclusivo.

Não pareça, pelo que se lê nos jornaes, que os academicos desprezam os estudos das sciencias juridicas.

Eu me occupo, aqui, dos litteratos, dos poetas; em outro lugar tratarei dos jurisconsultos.

Os artigos publicados n'esses jornaes formam um consideravel volume, no qual se acha grande somma de conhecimentos das diversas litteraturas — antiga e moderna.

Poucos são os bons artigos e poucos os bons livros; mas trabalha-se, e assim teremos o *Mabinogeon* d'esta geração.

A perigosa e perniciosa imitação tem acommettido os talentos ociosos, e por tanto eil-os na rotina.

Romances.

Já apresentei, em folhetim do *Correio Paulistano*, o talentoso poeta L. C. Guimarães Junior, auctor do *Lyrio Branco*.

Luxo de estylo e mentira de poeta, eis em que consiste o pequeno ensaio do futuro romancista ou poeta brazileiro que n'estes ultimos dias nos mimoseou com a sua primeira, e não será a ultima, producção litteraria.

O *Lyrio Branco* é um esforço que bem inculca a intelligencia que mais tarde nos ha de dar melhores festas. É elle a historia — ou a lenda amorosa de uma paixão que nasceu no inferno de um desejo e acabou no tumulo de uma dôr.

Denuncia-se este moço, auctor do *Lyrio Branco*, um poeta da escola de Arsène Houssaye, defrontando as exquisitices de Mürger e as seductoras imagens de Gérard de Nerval que viveu de *voluptuosidades ideaes, sendo o escriptor mais sincero do seu tempo* — a que a propria França contemporanea talvez ainda não fizesse justiça.

No *Lyrio Branco*, que não é um romance de grande substancia litteraria, ha tendencias d'esse lyrismo que caracterisa todo o espirito propenso á casta litteratura opposta a Brantôme e Balzac e a todos os *immortaes* que sanctificam as *Margaridas Gautier* e *Durval*.

Não é muito original e tem o Sr. Guimarães Junior o defeito de cegar-se por seu modelo. Ha de evitar esse defeito.

V.

GENNESCO — POR THEODOMIRO ALVES PEREIRA.

Severa franqueza e liberdade de critica me aconselham que não comprometta a minha consciencia.

A composição litteraria d'este academico, talento forte, intelligencia vigorosa, é de pouca importancia. O Sr. Theodomiro, laureado na tribuna, foi infeliz como romancista. Sei que é um ensaio.

Para ser prosador na fórma do romance, é preciso não ser monotono, tanto mais que, pela natureza do seu trabalho, quiz imitar ou exceder os seus mestres. Imitando a Alfred de Musset, a G. Sand, a V. Hugo, a Alvares de Azevedo, comprometteu-os. Os sentimentos mais elementares da natureza humana, as leis moraes mais rudimentaes das sociedades, os vinculos mais conhecidos da familia occupam alli o lugar do tojo no ingrato pragal.

Eu sei que a simplicidade dos antigos es-

criptores é uma pobreza de esthetica; que o poeta, porque tem azas, deixa a terra, despreza esta valla que a todos nivela; que um grande talento, para não ser commum, evita os defeitos das obras de arte e de sciencia; mas o Sr. Theodomiro em todas as suas concepções deixa o leitor esfalfado no vago. Para lêr o *Gennesco* é preciso ser gymnastico.

Eschylo, Sophocles e Euripides não o entenderiam. Anacreonte e Pindaro, que tanto honraram a personalidade humana, poderiam amaldiçoal-o.

Lendo-se o *Gennesco*, sente-se que o mundo mystico está ante nós, porque constantemente passam os vultos fataes, o destino, o incomprehensivel, a dôr sem consolo, a justiça vilipendiada, a innocencia vendida.

Consultei J. Bentham no ensaio sobre a nomenclatura, e não tive onde classificar os seus dous volumes intitulados *Gennesco*.

O *Gennesco*, senão fosse uma blasphemia, seria uma peste litteraria.

Deve o Sr. Theodomiro riscal-o da sua collecção.

Deus nos preserve d'essa labareda.

Eu comparo o Sr. Theodomiro a um sólo fertil, onde se absorvem ares limpos, "onde ha mares bordados de hospitaleiras costas, se-

meados de formosas insulas, horizontes claros, sem a reverberação ameaçadora dos desertos, vales sombreados, frescos bosques" — portento da natureza, uma floresta rica de harmonia, onde a escurdião não penetra, sempre invadida pelo sol d'este continente. Tenho-o n'essa conta. Sei que era muito alto o seu afanoso labor de polyglotta; de homem orgulhoso pelo seu cultivo intellectual; mas é preciso lêr aquelle livro — *Deus na historia;* o outro — *Espiritualismo na arte.*

A sua methaphysica é uma dynamica que *Buchner* não explica, e *Renan* condemna.

Ha no *Gennesco* um temperamento de todos os estylos; e para a Academia de S. Paulo, o Sr. Theodomiro está como G. Planche para os contemporaneos da França. Faço-lhe esta concessão. "Planche appareceu no meio da lucta entre duas escolas e não se decidio por qualquer systema"—; foi o oraculo dos imprevidentes e dos improductivos.

Sei que o desgosto, porque a sua vaidade tem estado á prova. Deve escrever outro romance, e tenho certeza de quanto é capaz a sua miraculosa intelligencia.

O *Gennesco* é um discurso declamatorio; faz lembrar o que os francezes chamam — *rebus.*

CRITICA LITTERARIA.

DALMO OU MYSTERIOS DA NOITE por Luiz Ramos Figueira.
Parecer lido em sessão do Ensaio Philosophico.

I.

Aos Srs. socios do Ensaio Philosophico tenho o prazer de affirmar que a composição litteraria, submettida á Commissão de Litteratura, da qual sou relator, satisfaz e tem o merito de salvar esta Academia de uma praga que sobre ella tem cahido, qual foi a mania de não publicar livros.

Si um novo periodo litterario attesta as evoluções futuras de um povo; quero dizer si a reacção em materia litteraria é uma convenien-cai para as excitações das escolas e novas ve-

redas dos talentos; si é verdade, o livro do Sr. Figueira merece a nossa attenção.

Desde já vos assevero que o auctor é poeta; é essa *a qualidade transcendente do seu talento*.

George Sand em um trabalho sobre o *Werther*, falla d'esses livros que se lêem em poucas horas e dos quaes sempre nos lembramos: tal é o livro do Sr. Figueira.

Dizer em que o auctor excedeu-se com vantagem aos nossos antecessores, excepto o author dos *Goyanazes*; apontar os lugares que a sua imaginação arrancou das trevas ante-historicas; apreciar a exposição dos factos; ir levantar a pedra tumular dos seus personagens, tal me parece o dever da critica que indaga, do juizo que investiga.

Pelas lucubrações penosas do auctor, pelo merito, por outros motivos, me parece ser meu dever apresentar tudo quanto se avantaja, quer estudando o enredo, quer o estylo, quer a these que se propoz discutir.

Teria José de Alencar, o nosso maior romancista, profunda alegria si ainda vivesse entre nós, e aquelle talento que opulenta todos os assumptos apertaria a mão do auctor do *Dalmo*.

Teixeira e Sousa lhe abriria o seu archivo, e Macedo teria orgulho de vêr que a pleiade dos romancistas cresce.

O auctor é um talento feito; conheci-o na côrte, ainda estudante no collegio de Pedro II. na famosa epocha dos Montadon, Bom-Successo, Teixeira de Mello, Casimiro de Abreu, Laurindo, Felix Martins, Ferraz, Moura, Schutel, Silva Maia, Tupaberaba, Cintra, Fernandes Pereira, Pinto Aleixo, Canto e outros que formavam o concilio ecumenico da litteratura, n'aquelles tempos da *Academia Philosophica*. As duas fórmas da litteratura contemporanea — o romance e a poesia dramatica — principiavam a ter n'aquella Arcadia os melhores cultivadores, á parte a philosophia, a historia e as bellas-artes.

II.

Em rigor critico, o livro do Sr. Figueira não é um romance completo.

Mysterios da noite, podem ser um poema.

A legenda dos povos celtas, a de Goldendaggens entre os indios *Panices,* a do XV seculo, que trata de um feiticeiro que evocava os espiritos, todas são mysterios aos olhos da historia, ainda que os factos não fossem sobrenaturaes.

Mysterio póde ser a historia intima de uma familia, a serie de infortunios de um povo, a

caprichosa desgraça exercida contra um infeliz. É exactamente o que vamos observar em Bruno, um dos personagens, o velho Bruno, que em todos os seus actos tem uma physiomia que nos faz lembrar aquelles religiosos que ainda hoje os viajantes encontram guardando o santo sepulchro.

Esse velho Bruno, que no refugio de uma angustia encontrou a agonia lacerante como allivio! a morte de sua filha como recompensa de seu infortunio! Esse Bruno antiquario de Florença, o qual tem para todos os trances de sua vida — *palavras solemnes que parecem uma meditação*! Ha mysterio sem duvida na vida de um tal personagem.

Os personagens d'esse drama funebre, cujo prologo sanguinelento começa em Florença e cujo acto final se representa em um hotel na cidade de Santos, são todos singulares e cada um isolado tem o seu papel, personifica uma idéa, realiza uma acção.

Bruno é a innocencia perseguida pela libertinagem, pela crapula homicida.

Mario é a ambição que deprava a alma, o vicio acabrunhando a virtude, o passado combatendo o presente. Um absurdo dos tempos, um attentado contra as leis moraes.

O padre Cecco um competidor de Jacques

Clément, um homem ávido, *um homem da egreja.* Dalmo é uma lucta nas trevas, um homem contra uma sociedade, uma idéa contra uma instituição, um *Esopo* impossivel.

O conego Santa Pandega, mixto de todos os crimes, Lovelace da egreja, Ulysses sem o escudo, um tentador de outra Penelope.

O conego Santa Pandega, vaporosa e sulphurica creatura !

Lucia, a martyr do amor.

Bruno, um pae desgraçado.

Sanzio, o typo da lealdade.

Mario, um heróe equivoco.

O conego, assassino de Lucia.

Dalmo é um academico de S. Paulo. Durante a noite percorre as ruas da cidade.

Quando a alma da solidão suspira por toda a planura e enche de terror as savannas que agasalham todos os hymnos da tarde e da manhã; nas horas da noite, horas tristes e vagarosas, Dalmo, como o genio vigilante dos thesouros dos contos arabes — não dormia. Foi assim que os mysterios d'esta cidade heroica e celebre foram sorprendidos.

O livro denuncia crimes que o confessionario oculta e a policia ignora.

Não é uma satyra politica.

O Sr. Figueira não parodiou nem paraphra-

zeou a *Noite da Taverna* de A. Azevedo ; foi alem, e o que lhe honra os seus talentos é a firmeza descriptiva, a sua originalidade.

Quem, longe d'esta terra classica das tradições academicas, das lendas mais ungidas de amor e dedicação; quem, longe das flôres, dos ares, das glorias, das bellezas d'esta parte abençoada do Brazil, poder ter o livro do Sr. Figueira, saberá que ha mysterios sombrios, scenas de excruciantes resultados, um amor que vive para matar, uma vida que corre parelhas com a desgraça e pede ao tempo mais duração para maiores males causar. É o mysterio de que Dalmo se vio preso.

III.

O auctor, quando fallou da academia dos *Antiquarios*, deveria levar-nos a essa terra dos 295 pontifices, á Italia — "que nos offerece por sua individualidade um Golgotha mais semelhante com o do Nazareno ; a Italia, que debalde acorda os apostolos do repouso dos seus sepulchros para punir o despotismo politico."

Deveria ter combatido o ultramontanismo — esse mercenario, essa lepra que tem solapado parte da humanidade, e de que melhores pro-

vas offerece *Laurent*, o seu maior e mais vigoroso algoz.

Eu disse que o livro não é um romance completo, e para ter essa qualidade absoluta— o auctor deveria ter levado o leitor até á abbadia do *Monte Cassino*, de que elle não falla, e mostrar a causa porque ella se tornou, *no meio da barbaria d'um paiz official*, onde tudo que pensa é perseguido, " o centro de um movimento intellectual cheio de originalidade. "

Poderia o auctor ter caracterisado as tendencias politicas da escola do *Monte Cassino*, que sempre foi inimiga da Academia dos Antiquarios. Duplo seria o merecimento do seu livro.

Dalmo não é um heróe; é um typo. Ha na composição litteraria sagacidade penetrante, attenção de artista. Aquelle que nutre ardente necessidade de gloria deve escrever um livro n'essa proporção e não se intimidar do folhetim enfeudado de sarcasmo.

As qualidades litterarias do auctor são boas e acreditadas: — não odeia a razão; ama o bom senso; não se armou de regua e compasso; a dicção é correcta, livre e honesta.

Aborrece o scisma litterario; estuda e não está longe de ser tão grande pintor da natureza como Cooper, ficando entendido que este commentou e não reproduzio.

Concluo, declarando que o *Dalmo* foi a palavra de ordem para o romance phantastico. O auctor deve tentar o romance historico.

É esta a minha opinião.

O ARREPENDIMENTO.

Conto historico de S. da Rocha Pombo. — 1 vol., 1862.

O primeiro capitulo do *Conto Historico* contém, em preciso resumo, a glorificação do heroismo admirado e talvez maravilhoso dos primitivos paulistas, e ligeiros traços de um grande assumpto que pertence á historiographia.

O auctor quiz, na dedicatoria, desarmar os criticos, prevenindo-os de que a sua publicação não aspira a gosar de um juizo litterario.

Apresento-me, e peço licença para lhe offertar algumas palavras; é um tosco presente, bem o sei; porém ha pessoas que só vivem para inspirar asco e raiva a outras.

Laissez-moi aller.

É possivel que algum critico indignado, ao

ver-me tratar destas cousas tão reservadas, privativas do talento inventivo, e não do plagiario, se anime a escudar os fracos e os que escrevem, e ao auctor do *Conto historico* diga:

Siste vel ambula.

Eu podia deixar de mencionar a publicação de que fallo, si estivesse estremecido nas ruas da amargura, por onde passam os loucos que vivem a alinhar ruinas e repetir, com enthusiasmo, os nomes e as glorias da gente de lettras, tão desprezadas pelos lobos *cervaes* do Balcão, porém querida e adorada pelos eleitos da intelligencia!

Podia, em vez da penna, menear o taco; em vez do livro prender-me á carambola; mas seria torcer a vocação, e desconhecer a verdade do poeta:

Nec omnia sunt omnes.

Assim cada um com a sua mania. Eu tenho esta que pouco aproveita.

Mas quem póde cansar o destino?

Permissão: quero entrar em materia.

Differentes e escolhidos são os episodios do *Conto historico*; tomarei o que o auctor apresenta como um accidente, e nelle vou achar motivo para justificar a necessidade que tive de fallar a respeito do seu ensaio.

Quem não tivesse lido a historia, ou não

tivesse conhecimento da chorographia do Brazil, lendo a composição do Sr. S. da Rocha Pombo decoraria a nomenclatura dos factos, e teria pelos registros dos crimes a historia das perseguições e os nomes dos facinorosos, que flagellaram por muito tempo algumas villas e cidades d'esta provincia. Em tempos que foram, em tempo do reinado da forca, tambem admiraria, como foi grande aquella epocha de homens valentes e generosos; de grandes exploradores, sertanejos corajosos; de energicos combatentes; de tudo que se distinguio nas luctas de uma epocha, em que o auctor, em synthese, deixou entrever o estygma que a historia lança e o direito sancciona; estygma e um brado de reprovação contra os erros d'aquelles, que se excedem na coragem da ambição e foram seduzidos pelos aventureiros de outras terras; estygma que se transforma em um grito patriotico aos brios d'esta bellicosa gente, que Amador Bueno ennobreceu, e que nunca deixará apagar dos évos de seus antepassados a legenda immorredoura de tão agigantadas victorias. Tem razão o auctor.

Do Brazil foram os Paulistas os primeiros sertanejos que levaram do Rio de Janeiro amostras do ouro achado em Minas taes foram Carlos Pedroso e Bartholomeu Bueno de Siqueira.

O Maranhão, sem esperança de ver em seu sólo vingar a lavoura, vio-se salvo quando o genio cultivador dos Paulistas lhe imprimio o sello do trabalho na grande zona inculta. Assim é que as primeiras fazendas de criar, foram fundadas pelos Paulistas. Thomaz Cavendisk, o celebre pirata inglez, que infestava muitas povoações e por ultimo a de S. Vicente, foi obrigado a retirar-se desesperado pela resistencia que encontrou da parte dos Paulistas.

II.

Este genero de trabalho litterario tem sido pouco cultivado entre nós, e a razão é obvia : porque é mais facil escrever o impossivel, o inverosimel, que o conto historico.

A litteratura, em outros paizes, se desenvolve, cresce e particulariza o caracter, a indole do povo que ella representa, porque vive d'aquelles costumes, de tudo emfim que constitue os elementos civilisadores de uma epocha.

A ballada, o dithyrambo, a satyra, a ode, a canção e o madrigal, tudo diz o nome do poeta; tudo representa a natureza d'aquelle dia; tudo se refere aos acontecimentos do lugar. É assim que ha romances que principiam e

terminam a sua acção sem irem de rua a rua, de cidade a cidade, como acontece entre nós, onde o poeta canta o verdadeiro ou o falso, não tornando conhecida a topographia do lugar, nem mostrando o theatro da acção. É este o raço caracteristico pelo qual as litteraturas de outros paizes nos excedem; nós gostamos muito do phantastico, porque somos infantes ou envelhecidos na inercia. Romances conheço de lavra academica, que nem podem apparecer em concurso com as dissertações de meninos de collegio.

Além de extravagantes pelas idéas, o estylo é de porteiro de cemiterio.

LITTERATURA DRAMATICA.

S. PAULO — 1860.

A historia das artes entre nós não é velha, e a razão é porque o Brazil não tem a sua historia antiga; o codigo sobre os generos de escriptos e regras de gosto não está completo; os grandes auctores da esthetica, os melhores mestres, não os conhece a mocidade de hoje; são pobres de assumptos litterarios os nossos archivos. Ainda que chronologicamente a epocha das rapsodias esteja extincta; os bardos e os menestreis esquecidos, todavia em uma ou outra parte do Brazil a imitação e a copia tiveram longa acceitação.

O contagio foi rapido e passou do drama ao

romance. O pensamento, que tem crises multiplas na sua constante e periodica revolução subjectiva, em todos os gráos e actos da intelligencia, trouxe-nos reformas, todas prejudiciaes. Desde Botelho de Oliveira e Alvarenga Peixoto, que produziram na arte dramatica o que servio para a sua epocha, até Magalhães — revolucionando o palco com a representação de *Antonio José*, enguiçada andou a litteratura d'esse genero.

Peixoto traduzio a *Merope* de Maffei, escreveu *Eneas no Lacio*; Antonio José deixou-nos *D. Quixote de la Mancha*, o *Magico Salerno*, os *Amantes de Escabeche*, em os quaes trabalhos sobresahem opulentos ridiculos e sarcasmos impiedosos contra a classe que elle detestava.

Antonio José, que era conhecido pelo reputado e celebre nome de Plauto Portuguez, não escreveu para engrandecer as nossas bibliothecas, nem glorificar-nos.

Almeida Coelho escreveu o *Patriotismo dos Estados-Unidos*. *Olgiato* é um alejão para as lettras d'este paiz, e seu auctor, Magalhães, deixou em paz a musa dramatica.

Os fundadores da scena franceza foram mais contrahidos ás responsabilidades dos seus talentos. É verdade que não viveram sobre o peso da tyrannia e do cruel despotismo dos Jesuitas, e, para não ficar sem reparo, convém notar aqui,

que tambem ao nascer, ao nacionalizar do theatro em França — houve quem imitasse. *Cléopatre Captive*, *Didon qui se tue*, *Phedre amoureuse*, *Antigone* — são copias. Traduziram o grego, disfiguraram, acommodaram, e assim estiveram por muito tempo até educarem o estylo, a linguagem e decorarem as leis e preceitos da sciencia e arte dramaticas.

Depois exaggerou-se.

Angela de Dumas e o *Trapeiro de Paris* por F. Pyat, *Jacques* e *Lélia* de G. Sand, o *Judeu Errante* de Eugenio Sue e os *Mysterios de Paris*, eis a praga da imitação. Salto mortal que pôz em completa revolta as leis moraes contra a escola materialista e sceptica, e apodreceu a invenção nos anneis indissoluveis das convenções, dos lucros, do sacrificio, da verdade ao paladar dos leitores. O drama, a comedia, a tragedia, a poesia lyrica, o romance, estão sujeitos ás leis physicas que a estatuária reproduz; inventar n'estas cousas é mentir á fórma e á substancia. A Grecia recúa ante Roma polytheista; Roma pagã envergonha-se ante a imperialista; o grotesco, o inverosimil extinguem-se, e o verdadeiro e o real governam.

A musa dramatica, como o quadrante dos tempos, tem leis ás quaes obedece. A tragedia

que representa as desgraças e as paixões dos grandes personagens, sempre se dividio em tres generos, fabulosa, historica e inventada. A fabula perdeu o seu imperio; a invenção tornou-se ridicula, senão impossivel.

A tragedia historica teve a sua epocha, e hoje o que ella fazia pelo terror a escola realista o reproduz sem apparelhos de morte, limitando-se a escrever epitaphios e a narrar pela attestação dos testemunhos. A comedia e o drama entre nós são pallidas imitações, pouco originaes.

As composições dramaticas, ultimamente impressas e representadas, umas aqui, outras na côrte, primam pelas ousadias da ignorancia em materia ou conhecimento de arte; bruscas, violentas, indecorosas, desrespeitadoras da moral privada, mais anecdoticas que historicas, dando tudo á hyppothese e nada á verdade, sem discutir ou ferir um vicio, porque não conhecem os meios por onde devem atacal-o, tudo confundem, e pervertem o gosto.

As idéas, as doutrinas moraes, as theorias philosophicas e sociaes prégadas por estes falsos apostolos, não vingam, porém entorpecem, depravam os sentimentos generosos da juventude, dos espiritos educados para melhores fins, bem oppostos aos principios desenvol-

vidos nas theses que fazem corpo de doutrina em taes livros, que operam o mal á maneira de uma conspiração, de uma praga ou vingança secreta.

O caracter de nossa nação, as leis que nos regem, as nossas instituições fallam ás aspirações generosas, grandes, edificantes ; entretanto os nossos jornalistas, os nossos poetas servindo ás paixões de outros povos, reproduzem factos que não se justificam aos olhos das pessoas de criterio e formam completa antinomia com os nossos costumes. Nasce d'aqui a depravação, o cynismo de muitos dos nossos melhores talentos.

Imaginações ardentes, espiritos promptos a inflammarem-se, descuram as verdades absolutas, têm em pouca conta o espirito de familia e o sentimento de patriotismo.

A antiga fé nas reformas e nos homens está morta ; e a mocidade das academias vai incuidosa seguindo as devezas da velhice.

O poder do theatro e o do romance, em sua esphera de actividade, devem invadir as consciencias pela alliança que formam com todas as outras manifestações da intelligencia. Mas a imprensa desbriada faz-se pregoeira da politica homicida ; o pulpito, orgão do confissionario, está desprestigiado ; invade-se o lar e o do-

minio da lei como um pirata se apodera de um territorio.

De que nos tem valido tantos ensaios de composições dramaticas, si ellas servem para lisongear a vaidade sem castigar os defeitos e os erros em commum, porque todos somos sujeitos á fraqueza?

Só é eterna a natureza na reproducção dos seus espantosos phenomenos, mas a humanidade... a humanidade varía na reproducção de seus factos.

Não temos litteratura dramatica; porque os nossos poetas dramaticos escrevem por distracção e só teremos um theatro quando o genio da mocidade brazileira quizer monopolisar as idéas, os successos, os acontecimentos politicos, as desgraças da familia ou suas virtudes, as glorias ou infortunios da patria, fazendo profissão, tomando por occupação o estudo dos publicos negocios, e as repetidas peripecias da fortuna, favoravel a uns, e contraria a outros, abatendo a opulencia, louvando a humildade evangelica, a penuria, a indigencia virtuosa.

Deixemos os paradoxos litterarios; acabemos com o thema dos materialistas, cumpre ser mais sincero; deixemos o testamento das edades caducas, vamos escrever para corrigir, e abaixo a anarchia moral!

Conheço uma parte sã e vigorosa de moços ainda dispostos a praticarem o bem. Mais circumspecção, e o Brazil honrar-se-ha de possuir uma litteratura.

REVISTA DRAMATICA.

Resposta ao Sr. Dr. P. E. Martins Pereira.

Acabo de lêr no *Diario do Rio de Janeiro*, um artigo de lavra original, assignado pelo distincto Sr. M. Pereira, tão considerado por seus collegas, tão bem reputado por aquelles que foram seus lentes.

Refere-se á *Revista Dramatica* — meu jornal — meu protesto contra a inepia e inercia da mocidade de S. Paulo, até hoje divorciada da litteratura dramatica, viuva da imprensa livre.

O illustrado academico habituado ás luctas da tribuna, e capaz de luctar um seculo para triumphar n'um momento, enthusiasma-se com tudo quanto actua, e actuando se desenvolve.

Augmentam em fortaleza as minhas idéas, tendo mais um companheiro de lettras que, não auxiliando n'uma collaboração, não duvida assignar o seu nome em artigo publico, apontando-me como o unico que trabalha. Agradeço.

Não posso dizer o que sou; declaro o que desejo.

Estou cansado de vêr o demagogo, os algibebes da sciencia pretenderem o absurdo, o paradoxo de encarcerar o futuro nas ruinas do passado, ignorando que — o caminho que a antiguidade seguio não foi o unico, nem o melhor, desconhecendo que nos tempos de grandes homens e descobertas permittio-se que mil bondades fizessem passar mil defeitos.

É inutil dizer que a necessidade de uma litteratura dramatica preoccupa todos os espiritos.

A politica vio-se foragida e com ella os thronos estremeceram, os usurpadores perderam de valor! Depois veio a traição, mais tarde sitiou-se a tribuna, e, não satisfeitos, amordaçaram o invento de Guttenberg! A esse jugo de infernal cálculo succede um triumpho: a expulsão de uma dynastia, o tombo de uma corôa! De novo enfraquecida, cambaleante, a politica, de mãos dadas com a iniquidade, pre-

tende tudo escravizar para adular os sceptros e libertar-se de firmes e uteis problemas. Então o temor de que não appareça a revolução social, traz a necessidade de destruir as intelligencias mais promptas, os talentos mais robustos. Nem ao menos querem equilibrar a sociedade, dividindo os espiritos. Nós porém, que estamos em outro horizonte, podemos notar seus defeitos, estygmatizar seus erros.

No estado actual das cousas, dous elementos pódem salvar nossa patria da apathia em que vegeta, da futura vergonha que virá cortejal-a: é a litteratura e a revolução. No primeiro caso, nenhuma objecção prosegue, porque n'elle está a sciencia; no segundo, a liberdade, as franquezas populares. A primeira descobre novos horizontes, caminha para o desconhecido a conquistar a verdade que lhe escapa; é a imagem de Colombo — procurando a felicidade dos povos; a segunda traz a mesma gloria que tiveram Pedro La Ramée, Vanini e Bruno, tres predestinados por Deus, promotores da revolução philosophica, continuadores de Cesar, Carlos Magno, e Napoleão. Basta, pois, de servilismo e baixeza.

Qualquer defesa n'este sentido seria uma frivolidade.

Basta de politica exclusivamente, porque ella

só deifica as divindades da epocha, só respeita o ouro; só condescende com as imposições da raça e posição dos duques de Medina Celi; só prepara o vehiculo para os grandes, e segrega os direitos dos pequenos quando estes são ignorantes. Para nós ella é inutil porque aquella que não é verdadeira, adula o poder, sanctifica o monarcha, prejudica as nações, sem vêr o que ha de sensivel, digno de reprovação. Tal politica despreza a litteratura, porque o poeta, o dramaturgo retrata a epocha, analysa os contemporaneos e diz:

— Que do primeiro ao ultimo rei — é tudo usurpação aos nossos direitos, tão visiveis na Escriptura, tão preconisados no Christianismo.

A litteratura — que é toda independente — sustenta que Saul é um assassino — como rei; é um despota, é o carrasco de Samuel.

— Que Cesar, é um deicida, tão criminoso como os Judeos.

— Que David é grande como guerreiro, como poeta, como propheta; porém David — o rei, é sempre o assassino de Uria.

— Que Salomão — como homem, foi grande por seus conhecimentos; como rei, — é um émulo de Sardanapalo.

Sob este ponto de vista eu adoro a litteratura, porque, em nome della, podemos sus-

tentar que os reis foram arcos de ferro que só serviram para comprimir a argilla do antigo mundo.

Em concreto ella tem esta utilidade; abstrahindo, ainda é digna de veneração, porque levada á cathegoria de drama, torna-se, pelo valor do pensamento, o pelourinho do dia, onde são açoitadas — *essas especies raras, cuja abnegação, contida dentro dos limites da sensualidade, e da preguiça, iguala aos monges, cenobitas do primitivo christianismo, dos cynicos da antiguidade!*

Amo o drama, e agradeço o interesse que por elle S. S. mostra — porque o drama é o recurso dos caracteres distinctos que procuram castigar e educar a sociedade, sem o *lorarius*, nem o ergástulo.

Amo o drama — porque elle é um resultado da litteratura, e esta é uma influencia legitima e necessaria que activa a marcha dos povos.

É o que penso: é o que sustento.

DISCURSO

RECITADO NO THEATRO

HARMONIA PAULISTANA.

A PAZ.

Morreram já os dias desastrosos,
Dias de maldição, tintos em trevas,
Marcados no volume dos destinos
Co'os roxos typos da feroz vingança.—
Desfez-se essa procella formidavel,
Que o horizonte cobria, e os céos em lucto
Rachava com relampagos de morte;
Que em prenhes nuvens de trisulcos raios
Contra nós lá de Europa arremessava
O sopro da ambição. — Apoz tormentas
Novo, brilhante sol assoma e vibra
Raios de gloria — a par dos de esperança.
É sol de liberdade! — A seus ardores
Seccam paues infeccionados, morrem
Venenosos reptis: a seu influxo
Do patrio sólo gerações rebentam,
Libertas, generosas. — Olhos fitos
No passado, recuam vendo os ferros,

Que a voz, que a mente, e os braços lhe prendiam.
Desventuradas gerações! nem mesmo
Lhes foi dado pensar: opprobrio, infamia,
— Morte na vida, foram seus destinos
Vexames, e oppressão foram seus dados.
— Mas os horrores jazem aferrolhados
Sob a campa do olvido; nem memorias
Se consintam dos tempos lamentosos.
Nem mais combates, que um combate é crime,
Crime que vexa as posthumas edades.
Hoje pois que em meu seio recostado
Repousas, ó Brasil; hoje que a série
De interminaveis fios de venturas
Singulares futuros te promette
(— Bem que ingratos corromper não podem —)
Hoje, Brazil, recobra forças novas.
Depõe essa corôa immarcessivel
Dos louros da victoria; adorna a fronte
Co'a palma augusta de immortaes triumphos,
Que o sangue não manchou, que o genio colhe
Das musas nos jardins: cumpre-te agora
Vingando a honra, que te foi roubada,
Vingando o eclypse que apagou teu brio,
Limites transcender, transpôr as metas,
Vôar da gloria ao derradeiro arcano.
Não sabes essa gloria onde se occulta?
Lá está no sanctuario venerando,
Onde se abrigam do furor dos despotas,
Filhas de Mnemosyne, Artes divinas:
— Ao lado d'ellas não se teme a morte —
Mesmo na sepultura: a seu bafejo
Brotam virtudes que tremer fizeram
Tyrannos sobre os thronos, que consolam
Existencia infeliz na vida afflicta.
O' filhas da memoria, ó tu Melpomene,
Que em r cas télas variadas pintas

Scenas de infando horror, quadros atrozes,
Maculados de sangue ; que apresentas
Aos mortos olhos, que de pranto arrazas,
Ao mesmo passo que a alma dilaceras
Tudo quanto o universo em si conserva.
Um templo queres? Eil-o aqui erguido.
O amor das artes, transbordando n'alma,
P'ra gloria tua este recinto ornaram
Homens magnanimos — do Brasil os filhos.
. . . . . .
Venturosos aquelles que se entregam
Aos encantos da scena! que em repouso
N'um ponto só do tempo e do universo
Vêem passar ante si romanos, gregos,
De Phedra vêem abominados crimes,
Furores de Orosmane, iras de Othelo,
De Roma observam torreados muros,
Serralhos de sultões, bosques d'America,
Que retalhados no intimo do peito,
Por males falsos, verdade ro pranto
Arrancam d'alma que em soluço expira!
— Ditosos ainda mais os que poderam
Por dom sagrado, inspiração sublime,
De humanos corações roubar arcanos!
Mostrar agora os crimes, e as cruezas
De ferozes paixões ; agora o vicio
Coberto não de opprobrio mas de escarneo,
Co'as mãos tapando o rosto de vergonha.
— Mais ditosos porém, mais uteis sendo,
Venturosos mil vezes, vós que abristes
Nova escola moral! Por vosso influxo
A patria scena vai reinar nas artes (*).

(*) No meu folheto *Os Dous Mundos*, a proposito de excavações litterarias, tratei da *Revista Philomathica* — onde escreviam J. José da Rocha, e Bernardino Ribeiro — a quem se attribue esta valente poesia.

GELIDUS HORROR!

A CIDADE DE SANTOS.

A critica acaba de sorprender uma verdade; o tempo testemunhou, hontem, um d'esses factos que em sua reproducção trazem a morte ás aspirações legitimas de todo aquelle que se esforça para dar á patria uma educação artistica, porque ella a não possúe litteraria nem scientifica.

Luiz Arlindo da Trindade, artista, brazileiro, teve um d'esses delirios que escapa ás pesquizas da sciencia explical-os, porque são resultado da febre que causa a arte no espirito dos seus sacerdotes. Conhecido na côrte, onde lhe offereceram os primeiros lugares para reger

orchestras em qualquer theatro, de uma gloria immorredoura, admirado por todos que o conhecem, engrandecido na maritima cidade de Santos, onde o rude marujo iria vêl-o executar, e dar-lhe por generosa paga, uma prova da grande homenagem que lhe tributam outros que conhecem o distincto artista, Luiz Arlindo teve a fraqueza de vir a S. Paulo pedir um beneficio para remediar por dias a pobreza que o cérca e poupar a irremediaveis necessidades — seus filhos que são numerosos! Acreditou em corações animados por bondades generosas; vio em sonhos as physionomias que aqui se cruzam, e do risonho prospecto, concluio que esta era a cidadella dos humanitarios.

Julgou que a mocidade, prodiga em caprichos, porém avara em acções que ennobrecem homens, teria o bom senso de proteger com mais razão um brazileiro. Engano! O artista não teve tempo, talvez, de conhecer que existe, presentemente, um indifferentismo systematico contra tudo que é distincto. O estrangeiro entre nós ha tido a habilidade de desvirtuar a nobreza que caracterisava nossos paes; de affastar dos animos todo o esforço que tende ao desenvolvimento patrio, esterilizando as vocações, banindo o espirito de emprezas, minando as nossas associações, desvirtuando nossas

idéas, finalmente monopolizando tudo que entre nós vive e procura organizar-se. Artista, pobre anachronismo, phantasma que sahiste de um purgatorio e vieste pedir em figura humana, uma esmola para expiação de peccados, de que só tu és responsavel porque não os soubeste occultar — porque não suffocaste teu genio? Não é este o teu seculo. A tua epocha acabou com Alexandre de Gusmão; o tempo do brazileiro ser comprehendido e compensado acabou com Angelo dos Reis, Marques Pereira, Nolasco Ferreira e Francisco de Almeida — esses vultos respeitaveis de éras que foram e das quaes a Europa guarda a memoria.

Hoje, não! Na epocha de destructivismo em tudo que é nosso, não venhas, porque, em vez de direito, o que te fizerem julgam ser uma esmola. Hoje, não!

O artista nacional está condemnado ao supplicio de Sisypho. O egoismo deslocou o mérito, a ignorancia exilou o saber, reina o chaos em lugar da luz, Satan expulsou Deus. Não venhas, porque a maldição de uma raça que foi punida ainda pésa sobre ti. Antes do titulo que nos conferio a nacionalidade fômos um povo brioso, forte e emprehendedor. A lucta de uma raça querendo exterminar outra, produz esses grandes solavancos da honra que a

Providencia encaminha até consummarem-se os sacrificios d'aquelles que se empenham nos louros do triumpho. Hoje é tudo ao contrario. Sê marinheiro ou soldado, porque as artes não nos pertencem; sê politico ou salteador de estradas, que é esse o futuro protector dos brazileiros que tentarem romper o involucro da obscuridade pelo talento que os distingue.

Quem te disse que aqui se protegem as artes? A infancia quer brinco; a gravidade é-lhe espantalho.

Chegaste grave como a arte; não te comprehenderam.

Si viesses com finas luvas, casaca de Paris, itenerario de viagem, nomenclatura das cidades, alguns titulos de conservatorios, tudo isso que o estrangeiro consegue sem difficuldade — então terias obtido a gloria de estar hoje não com o prantó, nem a dôr no coração, porém digerindo as viandas que um beneficio permitte.

REVISTA DO THEATRO.

Comedia em 1 acto — *Como acaba um casamento e como outro principia*, por João Soares.

« A critica tem por principal papel aconselhar o talento, revelal-o ao publico, que n'um paiz tão pouco dado ás lettras, nem sempre é bom juiz dos esforços concienciosos do poeta. » Grande verdade. A nova geração litteraria tem grandes direitos e deveres, tão importantes que os não póde desprezar sem mancha, nem abandonar sem censura.

Descuidada, por condição de sua infancia, é ás vezes indifferente, outras inconsequente, e até illitterata — quando julga sem raciocinio. É assim que ella desconhece a nacionalidade do entremez, não medita no estudo dos caracteres

e das paixões comicas, e quer ás vezes decidir de peças dramaticas. Louca pretenção! Por isso espiritos conheço, que, pessimistas por natureza, não acceitaram *in toto* a comedia — que é para nós fecunda nos elementos que a enriquecem. Do auctor já temos fallado; da comedia diremos depois o que pensâmos; hoje queremos fallar do actor que foi a incarnação typica do personagem creado pelo poeta. Miguel Fernandes, no papel de *Caipira*, é quem, unico, interpreta o pensamento do auctor no epigramma que legou ao rustico sertanejo.

A escola realista no Brazil tem no theatro do Rio o actor Martins, que é o *fac-simile* do Sr. Miguel, em papeis difficeis, de côr local, *caseira*, de costumes de nossos tempos. A vida da comedia está no actor que vivifica o personagem com rara habilidade.

João Soares escreveu essa comedia porque tem no theatro um actor que a podia comprehender no unico papel por que ella tem mérito: o actor é o Sr. Miguel — o papel é do *Caipira*. É um typo bem concebido, e, se não fosse o gesto descripto, o ridiculo de sua fórma grotesca e rude, figurados pelo artista da scena — ella cahiria n'um frivolo pensamento. Quereis que o actor tenha grande nomeada? Dai-lhe papeis em que seu genio se recreie.

Quereis vêr um perfeito artista na metamorphose da scena? Esperai que se represente *O Demonio Familiar* — onde se póde avaliar o talento do actor Miguel Fernandes, que tem trabalhado nestes tres mezes muito bem em qualquer genero.

A comedia em 2 actos — *Quem porfia mata caça*, não tem grande merito litterario. Não revela inspiração nem arte. O poeta não tem firmeza; o escriptor não manifesta um dos aspectos da intima psychologia de seus sentimentos.

Para os espiritos vulgares que não vêem nem nas figuras, nem na acção o gigantesco e o exaggerado das concepções modernas — a comedia póde agradar. Taes composições só nos deixam convencidos de que o auctor, no dia em que a escreveu, teve a ambição da universalidade. Se não fosse Mendes Leal — diriamos que era a febre de alguma mediocridade pagã. Ha certas verdades que só se dizem com o esforço de muita energia: ás vezes o talento adormece. *Quandoque bonus dormitat Homerus.* O Alexandre Hardy portuguez tambem tem alguns descuidos.

REVISTA DRAMATICA.

ARTHUR.

« Uma representação theatral é, incontestavelmente, uma batalha do espirito no meio de cem opiniões que atacam e de outras que defendem. » Sob o ponto de vista litterario, o drama em 2 actos de MM. Dupeuty e Davrigny — original francez — traduzido por Caetano Lopes de Moura, escapa em alguns pontos á critica, em outros, porém, está escravo. Sob o artistico e scenico, corre o mesmo plano, cahe no mesmo terreno. Elementar producto de pensamentos robustecidos pela acurada inspiração em materia dramatica, a composição litteraria orna-se de algumas belle-

zas. Recommenda-se pela força que tem no expôr a historia de todos os entes aos quaes a invencivel fraqueza impõe grandes desgraças. Maria, mãe de Arthur, é a parodia verdadeira das frequentes peripecias e infortunios que sommam altos desgostos, e fundas agonias — na vida de muitas infelizes. É o symbolo indelevel no templo da fraqueza, que se ergue em todas as praças, em todas as cidades, e condemnado a um martyrio injusto, nunca terá quem o evite, porque elle é erguido pela soberania dos vicios e crimes. A deshonra a par com a resignação, a pobreza a par com a esperança, o sentimento a par com a coragem, foram prerogativas que o auctor accumulou n'aquella mulher, que, em um dia inesperado, encontrou-se com um Luparto — *Lord Melvis*!

A heroicidade e dedicação da franceza que se vio deshonrada e sem seu filho, sobrepujam as difficuldades e perigos, de modo que o amor lhe inspira meios de superar obstaculos, e a levam á firme tentativa. É este o ponto em que o auctor foi feliz, collocando o amor maternal acima de tudo, vencendo o peso da vergonha. Lord Melvis, vice-almirante da esquadra ingleza, é o typo do bretão orgulhoso que hypocritamente desce á infamia e á ver-

gonha, e nunca o confessa, pelo orgulho e superstição que o leva a crêr, que é no mundo — *homem modêlo*. O pallido e tôsco discipulo de Nelson, figurado pelo auctor, é como os gigantes gregos que tinham duas faces: ante Sua Alteza e os pares, era inglez! ante a mulher que em França deshonra, era um *bife*! A mudança de clima, diminuia os escrupulos, e por isso diverso era o caracter! Na scena em que Maria, em casa do *Lord*, se reconhecem, devia o auctor dar mais fortaleza, linguagem mais vehemente, sentimentos mais fortes á mulher que, havia 16 annos, vivia sepultada no tumulo de tantas dôres.

Não é pelo auctor que os espectadores se interessam pela mãe de Arthur, mas porque uma innata inclinação e nobreza dos caracteres sensiveis, levam, em presença da ingratidão e da maldade, a tomar parte pelos mais infelizes.

A revelação entre pae e mãi foi tardia. Quando o desespero de Arthur, na lenta agonia de sua alma resignada, sensibiliza o seu soffrimento n'essa prece solemne do coração em monologos doridos com a divindade, a scena anima-se e salva tudo.

Arthur, que, em sua infancia, ou imberbe, fôra roubado por um marinheiro da armada, e viveu sob a protecção do homem que o dirigia, é a imagem vigorosa de todos

aquelles que, sem um nome de familia que os recommende, a si devem o que são. Engeitados ou bastardos, longa é a historia d'esses quasi-predestinados, que por seu proprio esforço, tornam-se semi-deuses na sociedade, á força de resignação, de luctas lacerantes, de miserias e pezares.

Ha n'esta composição um defeito e um mérito; um erro e um triumpho. No primeiro caso, não satisfaz as leis da arte porque demora a apreciação da moralidade ao acontecimento; no segundo, o escriptor comprehende o espirito do *vaudeville*, mas não o desenvolve; no terceiro, as scenas se accumulam e desvirtuam a gravidade do assumpto; no quarto, é o triumpho cego da Providencia pelo braço da resignação. O caracter de ligeireza que acompanha o *vaudeville* tem suas vantagens e suas inconveniencias. Foi no seculo XVIII, na epocha da revolução franceza, que um novo theatro se organizou, unicamente consagrado ao *vaudeville*, e desde o fim do reinado de Luiz XIV que essa composição tornou-se moda. Foi tal a influencia do genero, que o publico desprezava os bailes no theatro do Palacio Real, para ir aos suburbios de S. Germano e S. Lourenço, apreciar a orchestra.

Deslocado de seu primitivo pedestal, ainda

hoje não preenche tudo, porque alguns escriptores, não podendo circumscrever as idéas capitaes no plano da vida d'esse quadro que desenham, acontece que no desenvolvimento do caracter publico apparecem em detrimento as tendencias familiares que não representam a marcha da sociedade.

A LEGENDA E O LYRIO.

No paiz em que o ministerio é responsavel, — os jornaes são as sentinellas do povo. A liberdade da imprensa é o unico escudo da civilisação, e tanto mais util e sagrada se torna a sua influencia, quanto os seus apostolos mais sabiamente doutrinam os pagãos. Improficuo empenho dos governos passados foi o de tentarem abolir a censura facultativa, que só póde dispensar o homem que não pensa.

A França só foi livre quando a imprensa quebrou a mascara dos reis. Desde então ficaram os povos convencidos de que a monarchia representativa, sem a liberdade de imprensa, era um corpo sem vida, uma machina sem acção. O throno está tão elevado que o povo só

chega a elle pela escada dos typos — nas azas do jornal. Si inevitaveis successos, infindas necessidades crescem de momento, indispensavel é o jornalismo — antidoto contra todos os venenos que partem dos governantes aos pacientes governados. O Brazil tem comprehendido que não deve cercar o estado de bôbos e histriões, como tiveram outras nações. A par da inviolabilidade do monarcha, elle colloca a soberania do povo. É assim que jornaes politicos — uns bem, outros mal redigidos — ensaiam n'uma fusão de idéas, uma preparação de resultados.

Do fóco da luz é que devem partir os raios para o imperio das trévas. Das academias, onde o vicio não deve ter imperio, onde a intriga e a perfidia não tem com presteza ensaiado seus dramas, é que a verdade deve ir inconcussa guiar a multidão incauta e ignorante.

Esse fim se propõe a *Legenda*, jornal politico-litterario, redigido por academicos.

A *Legenda* professa um grande principio philosophico: nada omittir, nada suppôr. E a obra da reflexão.

Fórma um ramo da litteratura ligeira ou familiar o elegante jornal, dedicado ás senhoras, que tomou o casto titulo de — *Lyrio*.

Flôr e planta que entre todas sobresahe, pela

magestade da natureza, symbolizada no pensamento, é ainda digna de respeito.

Variado e em boa linguagem, fará, n'esta capital, o mesmo que o *Jornal das Senhoras*, publicado no Rio de Janeiro, e que só se occupava de *modas*, *litteratura*, *bellas-artes*, e *theatros*.

O primeiro esforço da redacção, julgo, deve ser — conseguir que em S. Paulo, appareçam em seu jornal — litteratas, como no Rio, Alisia, Carlota Noronha, Eulalia dos S. Pereira, Beatriz, e outras.

Espero que o nome contraste com a natureza da flôr — que nasce bella, ao meio dia dá fragancia e viço, á tarde curva o pedunculo e....morre....

Barros, Rangel Pestana e Quirino dos Santos, é a trindade intellectual, que emprehende esse grande trabalho litterario, que vem trazer grandes utilidades.

Lacordaire não pensou que, depois d'elle, alguem se animasse a emprehender a reforma, emancipando a mulher, que fôra antes rehabilitada pelo Evangelho.

O PHANTASMA-BRANCO.

A reputação do Dr. Joaquim Manoel de Macedo, como poeta e romancista no Brazil, dispensa elogios. O auctor da *Nebulosa* não se desmente na *Vicentina* e *Moço louro*, no *Forasteiro* e *Moreninha*. O escriptor da *Carteira de meu Tio*,—onde o espirito critico e a satyra caminham ridicularizando a indole e systema politico de muitos estadistas no Brazil, mais conseguiria, si, votado ao drama, aproveitasse sua vocação.

Como o poeta Alfieri, que foi o Tyrteo da liberdade italiana, fazendo representar em Napoles seus dramas, onde em cada proposição se lia uma maxima contra a dupla tyrannia dos papas e dos reis,—o Sr. Macedo póde ser em nossa patria o mesmo espirito no corpo social,—pois

em nada é inferior quando trata de analysar nossos vicios e habitos, nossos crimes e virtudes.

O Phantasma-Branco é escripto em genero diverso, por que particulariza a localidade e ataca os prejuizos de uma familia. Sobresahe n'essa composição o conhecimento da vida intima de nossos primeiros pais. O Brazil-colonia esforçava-se para que os homens apparecessem, se distinguissem pela força; o filho familia devia ser agricultor ou marinheiro. De qualquer modo, era um estratagema do governo portuguez, que encaminhava nossos irmãos para a brutalidade, excluindo-os das sciencias e das lettras. Tanto é verdade o que dizemos, que Silva Xavier, voltando da Europa, foi enforcado.

ACADEMICOS-MUSICOS.

NOMES CONTEMPORANEOS.

I.

Pretender que cada individuo se dedique a uma especialidade — é estupido raciocinio. Circumscrever a aptidão no crysol da humanidade, sem licença de variar na confecção dos principios sociaes, na indagação de novas formulas, para a vida, é um crime de lesa natureza. Deus, creando o mundo, deu o exemplo — de que as aptidões devem ser empregadas em differentes cousas: elle podia no mesmo dia crear tudo — e fel-o em seis!

Na primitiva edade só era sabio o homem que tudo conhecia, que tudo explicava; depois só mereceu respeito e honra de philosopho, aquelle que fallava tanto em cosmogonia como em medicina, em philosophia como em mechanica celeste. Mais tarde o sacerdote devia ser esculapio, o Papa devia ser guerreiro. Permittia-se ao homem mais que uma prerogativa, admittiam que uns fallassem tantas linguas como o polygotta Mezzofanti, que tivessem tanta sciencia como o erudito Freret. D'aqui os encyclopedicos. *Elles morriam por excesso:— nós morremos por diminuição! Elles por luzes; nós por trévas!*

Em nossos dias ha quem pretenda não sustentar, porém apregoar, que o jurisconsulto não póde ser romancista; que o mathematico não póde ser poeta! Desconhecem que, no estado actual, o homem que não trabalha é esmagado. D'aqui a necessidade que o leva a tentativas, a descobertas, aperfeiçoando systemas, ou votando-se a differentes ordens de estudos, a diversas especies de productos.

Si a seus eventos preside o genio, si em suas obras ha o sello do talento, e si esses feitos são uteis á sociedade e ás vezes prematuros em relação ao estado do individuo, pela edade, ou pelo ramo de vida que exerce—são mais

dignos de louvor, fallam mais alto onde vivem! Admiro a mocidade estudiosa.

É de nossos dias — o melhoramento e brilhantismo do Museu nacional, o desenvolvimento do Conservatorio de Musica. As bellas artes, entre nós, hão de ter maravilhosas vocações. A musica tem obtido um culto mais geral; a Europa admirada contempla e applaude os vultos brazileiros que se nobilitam, disputando lugares entre os bustos de Spontini, de Beethoven e Mozart. Os nomes de Mesquita, Carlos Gomes e Heloiza Marechal — não são abstracções ridiculas, porém encarnações, que se fundem nos arcanos de Berlioz e Paesiello. A Italia, menos egoista que a França, proclamou altamente a emancipação dos brazileiros — no estudo da musica. Já uma brazileira é *prima donna assoluta*, no theatro de Napoles; já um brazileiro conquista louvores pelos milagres do instrumento que immortalisou Paganini, Noronha e Paul Julieu.

Sou ardente panegyrista de tudo quanto é nosso; sincero admirador de tudo que é extrangeiro. N'este empenho de dar popularidade ao que é nacional, mais de uma vez tenho, sem condescendencia, justificado ou accusado. Escudado na incapacidade que me corteja, só desejo em vez de divinizar, não suppliciar memorias

ou condemnar virtudes. Sincera aspiração ás lições dos mestres. Escapam, porém, do grande livro da humanidade, algumas paginas que nos pertencem pelo brilho de feitos que registram, os quaes — narrados ás gerações por virem, serão corôas de perpetuos louros.

Menos egoista que a historia e a chronica — o jornal é o Argos do dia, no oceano das lettras e artes, que leva sem onus a lista e os nomes d'aquelles que roubam á morte direitos de esquecimento. Entram para essa excursão de distinctas luctas — os Academicos musicos.

É assim — que em S. Paulo, o Revm. Dr. Mamede, entra para a grande galeria dos academicos artistas.

O Dr. Mamede é distincto orador sagrado.

Outra é porêm sua gloria, aquella que lhe deu a musica. Ainda estava na bella quadra academica quando se manifestou entre seus collegas com esse prestigio que a tantos tem divinizado. Apaixonado pela arte, elle nunca a desprezou, a ponto de ter composto para innumeras comedias e *vaudevilles*. Subio seu nome a tal popularidade, que poucos serão os que o não conhecem. Perguntai a um francez quem foi Béranger e pedi-lhe que reproduza uma de suas canções: perguntai a um paulista ou a um estudante quem

é o Dr. Padre Mamede, e pedi-lhe que cante uma das suas composições. O que faz o francez? E' o mesmo que o estudante . . . cheio de enthusiasmo, reproduz com toda a força o que o genio transmitte.

Dirão — os algozes do bello . . . *um padre musico ! ! ? auctor de modinhas ! ! ?* Anathema! Dirão os entendidos: sim, *quando um homem se incumbe em pensar por muitos, é justo que outro se incumba de sentir por todos !* E' esta a gloria do Revm. Padre-mestre Mamede. Além de distincto musico profano — é elle sublime em musica sacra.

II.

N'esta epocha em que a existencia está reduzida a um cálculo arithmetico; em que uma razão severa proclamada pelo egoismo tudo tem *materializado*; em que mesquinhos, vergonhosos interesses, e um genero de viver anomalo e extravagante — occupa muitos espiritos —, indispensavel é a necessidade de glorificar os que escapam a esse contagio. Parte dos homens, como a phalange dos demonios de Milton — não poupa o que encontra, e só quer arrastar para a pocilga as almas puras e livres

de tantas culpas. Felizmente apparecem animos e dedicações que não se torcem; que cospem na face da crápula e repellem o convite do vicio, para ficarem livres da maldição da patria. Taes são aquelles que vivem nas academias, que não só auxiliam a litteratura, como favorecem a arte, tanto quanto permittem as exigencias e difficuldades da sciencia.

São os que seguem a lei do desenvolvimento humano. O sentimento segue as vistas do espirito, e os actos seguem o impulso do sentimento. Seja isto uma verdade philosophica. Portanto, na jerarchia interna e externa, o homem primeiro vê, e segundo a força com que o faz, experimenta na sensibilidade uma sympathia, ou uma repulsão; e, em conformidade com a sensação que experimenta, ordena dentro em si pela vontade, e pratica depois externamente o que lhe apraz. D'aqui nasce a tendencia invencivel para as grandes creações da intelligencia. E' assim que n'essa série de actos da organização activa, uns, pelo pouco estudo, fazem de Deus — um tyranno; da verdade — um suplicio; do mal — uma divindade. Outros, porém, perturbam o orgulho, e, fazendo de seu espirito uma arma poderosa, derrocam preconceitos, para, em troca, darem acções que inspirem inveja ao mais rebelde dos humanos.

Todo o homem que tem consciencia de que vive no tempo, isto é, n'um elemento singular que lhe dá a vida e a morte, deve apressar seus passos para chegar com prestigio, que é o emprego de uma força desconhecida, ou com a gloria de seus triumphos, ao mais elevado ponto da admiração e d'este modo adquirir direitos a ficar na memoria de seus contemporaneos. Si o homem, á medida que vai vivendo, descobre na vida necessidades cada vez mais profundas, sem duvida aquelle que apressa sua missão, fica na obscuridade sem poder salvar-se no reflexo dos annos que só deixa margens desconhecidas.

Os academicos-*musicos*, são justamente os que proscrevem o esquecimento, porque, quando a sciencia lhes negasse uma pagina no seu livro de reservadas glorias, a arte iniciadôra de todas as idéas uteis, rainha universal e respeitada, cederia seu throno e corôa áquelles que por ella são incansaveis zeladores.

Aos que mal conhecem a historia parecerá de pouca importancia o assumpto de que tratâmos. Supprir o vacuo no espirito dos descuidados — é em que consiste a utilidade da imprensa.

Em Athenas, nos lycêos, depois da sciencia, reinava a poesia — e o representante da poesia

era o da musica. O estudante era o poeta— este era um musico. Antes de tratarem da humanidade, se prostravam ante a natureza;— foi por isso que se cantou antes de legislar. Anceiavam por encontrar Deus, e por isso da cosmogonia cahiam no pantheismo; porém a escala que procuravam, o caminho que seguiam, era o que julgavam mais proximo ao Creador, era a musica. Foi de lá que vieram os typos e os modelos; foi lá que o espirito em continuo exercicio inspirou inveja ás mais nações do universo. No Portico imperava a philosophia; — no Lycêo a astronomia; — nos passeios a musica. Foi lá que a musica teve a sua eloquencia — como a religião a sua magestade.

Nos estabelecimentos abertos aos rhetoricos; nos adros dos edificios, nas praças — os discipulos em multidão, em discussões curiosas com os mestres, e depois com os sophistas de todas as escolas rivaes, obrigavam ao estrangeiro, por uma logica que elle desconhecia, a concordar com absurdos talvez, pela força da ultima argumentação — a musica! Do antigo mundo herdou exemplos o novo. A imitação não é fiel em suas manifestações exteriores. Nossos academicos-*musicos* não são os antigos saboiardos, nem continuadores da orchestra de

Lycurgo; terão o mesmo pensamento, os mesmos desejos, porém nossas instituições, costumes e leis vedam essa liberdade. Entretanto temos tido innumeros talentos que se distinguiram e hoje mencionamos um contemporaneo — nosso collega — que em pouco tempo poderá ter seu nome escripto entre os de Favart, de André da Silva e Elias Lobo, si estudar.

Queremos fallar de João Baptista Bernardino e Silva, primeiro annista do curso juridico em S. Paulo.

III.

Emulo de Blondel, o celebre violinista que ainda não foi esquecido — Baptista é ainda sublime como elle! Em todos os tempos apparecem d'essas notabilidades, e, para mais honra á classe, ellas sempre surgem nas academias.

Foi assim que em 1615, no concerto monstro, que se effectuou em Dresde, a expensas do eleitor João Jorge de Saxonia, se vio o prodigio artistico, na pessoa de um estudante, — Rumpler! Grundmous, o cantor, Raportzky, o organista, Bigazi, a prima-donna — todos respeitaram aquelle mancebo, porque elle — era a orchestra!

João Bernardino Baptista, tem essa gloria! E' o primeiro dos academicos-*musicos*. E' actualmente — o Giovanni Scioppio — que executa no violão as partes mais difficieis que lhe pedem.

Grande no piano, como Metastazio foi no amor, elle é capaz de, em um minuto, executar mil motivos. Tem mais uma virtude; é original e de um gosto attico em composições musicaes.

Candinha —polka — é o seu talisman. — " O genio tem seus mysterios que respeita mesmo quem os ignora! "

Talvez esta composição seja um poema, que o artista tenha concebido; porém, receiando a difficuldade das estancias, reduzio-o a uma folha.

Si a vida é um livro — essa composição é uma das paginas.

Para o theatro algumas polkas e walsas tem elle composto. Não encerram as difficuldades das de Straus, porém o romance do coração — cujas phrases elle reproduz por meio das notas.

O academico-*musico* venceu a força do esquecimento, que sempre apparece depois dos grandes successos, com uma inscripção immorredoura sob o pedestal de sua gloria: é a sua ultima composição — a *Quadrilha academica*. Não

se teria distinguido do auctor da quadrilha intitulada — *Os Bachareis de* 59 — si a originalidade não acompanhasse o pensamento do artista.

Ella é singular no seu genero.

Harmonizou o pessoal que dança, na escala successiva dos annos do curso juridico. Compõe-se de cinco partes, e n'estas entram os cursistas, do primeiro ao quinto anno ; de modo que a hierarchia academica funcciona n'aquelle circulo — distincta no exercicio de seus representantes — tendo cada numero de determinado anno de entrar por sua vez.

E' o melhor meio de conciliar o egoismo d'aquelles que, como as *Wills* são avaras da dansa !

Esta sublime composição do distincto academico, faz parte do archivo musical do *Club Familiar*, sociedade que tem por fim reunir familias e pessoas qualificadas, para formarem modestas reuniões, onde o respeito individual acompanha a alegria a par de um só pensamento, que é a — fraternidade social.

Além d'estas composições, algumas por ahi são conhecidas, que fazem parte de privilegiadas excepções, pelo gosto com que foram compostas. Tal é a walsa — *Olhos negros*, que foi offerecida a uma artista. Ha sempre esta

sympathia do talento para tudo que se distingue.

Não occultemos a melhor qualidade do artista ; não esqueçamos definir o academico-*musico*.

Academico, Baptista — tem a inspiração de Romani ; artista, elle realiza as composições de Paccini — porque tambem tem a sua Sapho.

Tão fecundo como elle, porém menos laborioso, é Nicoláo José dos Santos, de quem vou fallar.

IV.

Entre Baptista e Nicoláo existe, em musica, a mesma differença que entre seus genios. Aquelle é grave e serio como um allemão ; este é alegre e vivo como um napolitano. O primeiro deve ter sobre o piano o busto de Muller; o segundo deve ter o de Cimarosa. Um sustenta que as paixões postas em acção — formam o poema da vida humana em phrases sonantes ; o outro reduz a musica ao delirio posto em canção. Baptista ama — " a musica allemã, profunda e triste, como o Rheno correndo á sombra de seus pinheiros e rochedos; Nicoláo apaixona-se pela musica italiana que

é alegre e bella como o Mediterraneo á sombra dos eloendros." — Ambos estão convencidos de quanto pódem vencer na batalha das notas. Um, como Amphião, que edificou as muralhas de Thebas com sua lyra, póde com o seu violão fazer da ruina levantarem-se as estatuas; o o outro, como Orphêo, que fez rochedos e arvores moverem-se, póde com sua flauta fazer resuscitar phalanges de finados. Irmãos pela arte, extremam-se no sentimento. Baptista — compondo, é igual a Spontini; executando, é Dommange. Nicoláo, escrevendo suas inspirações — é como Gallet; tocando, é Renaud. Nenhum é como Liszt. Baptista concilia a gravidade das notas com o romantismo do assumpto. Nicoláo, paisagista habilidoso, metamorphosêa o mundo e faz vêr na musica um rio que se precipita, e que na marcha para sua fóz augmenta em volume e cresce no murmurio. Um caminha sob a influencia do relativo; o outro é absoluto. Baptista póde reduzir as poesias do poeta erotico — Silva Alvarenga — a um album mimoso e elegante para um salão especial; Nicoláo póde apoderar-se das canções de Claudio Manoel da Costa, o poeta lyrico, e formar um *Argus*, que viaje o mundo. Um e outro não podem achar defeitos nas obras sobre musica de Grétry; ambos preci-

sam consultar o *Diccionario de Musica* de Rosseau. O Brazil, que excede á França no gosto pela musica, á França, que tem entre seus filhos creadores, e imitadores da Italia, póde apresentar poemas em musica que rivalizem com a — *Polymnia* — de Marmontel, com as obras de Dubos e outros. Si os brazileiros, com fanatismo como os italianos, estudassem musica, e se compenetrassem de que ella é uma grande arte e difficilima, por isso que toda e qualquer arte tem em si duas partes: uma elementar e mecanica, que não é conhecida senão por habeis artistas; a outra que é o resultado das operações da propria arte; principio incontestavel que não pódem negar — poetas, musicos, pintores, nem esculptores, sem duvida a *Opera Nacional*, essa mumia encantada, cujo culto é anachronico entre nós, teria triumphado dos combates atrozes do *Theatro Lyrico*, novo *Baal* que tudo tem absorvido! Os artistas brazileiros ainda estão sujeitos e respeitam tradições como regras invariaveis. Apenas resignaram-se e esperam um *Messias* que os liberte do jugo. E' tempo de se convencerem de que — a resignação é uma cobardia. O povo que só vive resignando-se — anima sem o saber, o abutre que o dilacera: o governo. O governo brazileiro, que tem tanto de origem como

de ingratidões para os nacionaes. Tão joven e conta tantos crimes!

Tudo mais vai n'essa escala ascendente para o mundo da indifferença, que é a morte das grandes idéas. Não recebem o sello da arte as vocações que surgem, de modo que, entre nós, só se distingue o que de natureza excede ao commum.

E' assim que só pelo genio, temos grandes nomes. Sem profundo estudo, temos musicos que são barytonos de uma amplidão prodigiosa, que podem cantar, sem difficuldade, um trecho de Weber ou Mozart, ou uma aria de Méhul e Grétry.

Pelo talento, que é o patrimonio do brazileiro, grandes prodigios apparecem; pelo estudo, que é o espantalho de muitos nacionaes; pouco se conta.

Tal é a consequencia de nossos costumes!

Baptista, em musica, fortifica-se pelo estudo, Nicoláo nunca por elle se apaixona. N'este ponto claudica o principio philosophico de que o homem é dado á semelhança.

Nicoláo — desde a infancia era uma vocação pronunciada. Estudava o curso do Seminario de S. José, quando revelou-se a seus collegas como o escolhido da arte. Organista, elle acompanhava os ritos religiosos, as lições fu-

nebres, os kyries e psalmos; era uma homenagem á religião.

Flautista, perdia a gravidade do seminarista, tão recommendada pelos reitores, e do côro da egreja — passava ao cubiculo do estudante. Ahi, nas horas de recreio, via-se acompanhado de seus admiradores que só o deixavam, quando a *sineta*, esse *cadafalso* do goso, chamava cada um a seus deveres. Em meia hora de distracções, elle acompanhava walsas, e outras composições. Não escrevia musica, porém tinha grande repertorio. A' noite, antes do estudo, obrigava aos estudantes, a visitarem o páteo, onde elle, por habito, ia tocar. Alli, depois de variações, e motivos escolhidos, acompanhava com o auxilio de um violão—que tocava outro collega, alguma canção, hymnos e pedaços de *vaudevilles*.

Quem o visse diria:—*Em poucos annos quem o excederá!* A profecia não se realizou, porque o milagre é contestado! Não estudou.

De 1853 a 1860, o artista é o mesmo. Tem vocação; porém é rebelde.

Poucas são as composições que conhecemos do academico. D'elle nos occupamos, porque algumas tocam-se no theatro. Já é muito, dirão; resta, porém, lembrar que a Providencia, quando inspira os homens, é para que

elles apresentem multiplos feitos, e em tal gráo que perdurem e admirem. Accusa-se aquelles que muito podem e pouco fazem. Em lettras ou artes — " as idéas e o talento do homem pertencem de direito á nação que o instrúe, que lhe desenvolve a intelligencia. Não pagar á nação os premios vencidos é um roubo , e um roubo vergonhosissimo. Artista ou litterato, desprezando por indifferentismo suas inspirações — commette um crime ! "

S. PAULO.

Publicações litterarias. Jornalismo. litteratura dramatica e theatro. Tentativa de morte.

(DIARIO DO RIO.)

Prenhes de livros estão os ventres das typographias! Abortos litterarios esperam as parteiras! Grandes monstruosidades e tristes successos terei de registrar na sua folha. Abortos do talento, monstruosidades da intelligencia, chamo eu a tudo aquillo que é obra da mediocridade, ou a toda a publicação em que a injuria substitue facilmente o argumento.

Saber-se que, em pouco tempo, se imprimio um livro, que será o mistiforio mais insignificante que jámais se vio em nossos dias, considerando o assumpto mutilado pela incapacidade de quem o trata, a *originalidade* do estylo, o arengado

da phrase e o agorentado da lingua, que vem alli mutilada e vertendo sangue, tal é o que interessa. Tantos são os golpes de gallicismo, tantas as faltas de regras da grammatica! Advirto-lhe que não tenho d'isto certeza, e como a noticia, ás vezes, anticipa a mentira ou a verdade, por isso espero a nova *Messiada*, para então lhe communicar tão adiantados conceitos de elo quencia e tão finas *miniaturas* de dialectica.

Ao lado d'essa excrescencia litteraria, dizem que apparecerá um romance, de *verve neuve*, onde a litteratura de *Balzac* tem um importante *simile* nas descripções do amor trahido pelos cynicos, e a sensualidade fortes punições pela moral que o auctor desenvolve contra as seducções do vicio. Acalenta a nossa esperança de um futuro litterario para o paiz, a certeza de que o escriptor do romance é moço talentoso e apresenta um trabalho todo novo no meio d'estes conflictos de imitações.

Não sei que titulos baptisam esses pagãos nem os nomes dos seus auctores. Tudo quanto lhe digo sei por ter ouvido: não examinei nem ainda vi; espero. Desde já o previno de que por minha posição de *bicho chronico*, estou gosando do indulto que a generosidade dos professores dá a quem não entra para a casa dos escolhidos do saber, e por isso te-

nho mezes para me ir distrahindo; agora es. crevo.

Talvez não aconteça o mesmo com as tentativas litterarias do estudante Figueira, quarto annista: dos estudantes Reis e Theodomiro, ambos do quinto anno. Estas eu as conheço e uma d'ellas já foi distribuida; tal é o volume 2.° intitulado *Genesco*. O Sr. Figueira tem um trabalho de seu lavor e que muito promette:— intitula-se—*Mysterios da Noite*. O Sr. Reis tem um volume em que reunio alguns trabalhos litterarios já publicados, outros ainda não conhecidos de algumas biographias de estudantes.

Logo que forem distribuidas eu direi, bem alto e forte para que todos ouçam, o que valem esses esforços e o que são estudantes de S. Paulo.

Essa trindade de figuras litterarias, tão parecidas em sua diversidade, tão diversas em sua semelhança, que se lhes podia applicar o verso do poeta latino:

Facies non omnibus una
Nec diversa tamen, qualem decet esse sororum,

póde-nos levar ao rompimento dos nossos máos instinctos, que nos fazem vèr tudo sem exame, o que tem concorrido para a condemnação de muitas capacidades academicas. O que me auctorisa a fazer esta consideração é o exemplo. Propala-se que até Abril fundar-se-ha uma

typographia para onde concorrerá quasi toda a mocidade que escreve. Terá um jornal liberal, — e será diario. Não conheço o editor nem o redactor; entretanto devo convir em afiançar que é mais util essa folha do que pequenos jornaes que, com grandes sacrificios, os academicos costumam sustentar. Si tão necessaria empreza se effectuar, todos vêem que ella trará melhores resultados. A imprensa diaria e politica na capital não tem tido effectiva razão directora e nem séria observancia nos negocios de todos os interesses.

O jornalismo aqui foi sempre abafado pela machina das typographias: esfoladores, homens sem amor ás lettras, egoistas, faltos de espirito de associação, incapazes de ajudar a qualquer que deseja publicar um livro, carrascos emfim das pequenas vidas monetarias que qualquer poeta tenha, são os editores d'esta cidade. Aqui a imprensa não é iniciadora das grandes idéas; é a sepultura dos talentos, das vocações sem recursos. Venha o jornal novo.

Não está morta a litteratura dramatica. Aqui na capital sempre tivemos bellos ensaios de dramas e alguns arremedos de comedias, e, em melhores tempos houve o *Caetaninho*, que só uma vez vi representado.

O Dr. Paulo A. do Valle, escreveu muito, po-

rém não teve a coragem do escriptor; não resistio á inquisição dos emprezarios, ou não tentou que os seus dramas fossem representados; por fim publicou o seu THEATRO, e assim se vai dispensando do tyrannico enfado de pedir a actores e a toda aquella tribu nas terras do palco.

Queria eu ter o prazer de vêr representado o drama *Feiras de Pilatos*; gosto do que recorda o que foi, e espelha á contemporaneageração os erros do passado viver de nossos estultos avoengos. Além do Dr. Valle, appareceram Joaquim Candido e João Soares, que já se despediram; o primeiro, triste, porque teve o infortunio de vêr um drama *pateado*; o segundo, contente, de ter obtido muito louvor em algumas comedias. Ambos tem trabalhos que deviam ir á scena, e trabalhos de grandes verdades sociaes. Antes e depois d'estes, sempre da academia, foi entulhado o theatro com alguma asneira dramatica. Ultimamente, sim, foi melhor o querer d'aquella gente que amanhece enfumaçada em *Byron* e anoitece transparente em frente de um *toast*. Com effeito, ha dous para tres annos que a mania foi toda theatral e então volumes foram para o repertorio do Sr. Henrique, emprezario. N'aquelles dias apenas representaram dramas do estu-

dante *Nabuco*, comedias do professor *Paulo Eiró*, de *Malachias Guirlhanda*, do estudante *Ferreira Alves*, do estudante *Reis* e de Furtado Coelho.

Emfim, presentemente, dizem que ha alguns aleijões de litteratura dramatica.

Ha tambem um drama de um estudante e uma comedia de outro; vamos esperar até vêr si o comico é dramaturgo ou si este é aquelle.

Depois da questão anglo *stultitia*, que mereceu dos jograes — gritos infrenes, dos *Triboulets* das praças — maldições e anathemas cheios de um bafo não de odio, porém de bom vinho; depois da questão ingleza, que, para esta cidade, foi a barca de passagem para alguns idiotas, que estavam proscriptos no limbo do desprezo, depois de tudo isto, que pouco mais ou menos não passou de palhaçada, excepto o lado sério que apresentava o acontecimento, pelo que louvo aquelles d'esta cidade, que, circumspectos e dignos, fizeram o que deviam; veio, depois desse delirio de meninos e moleques, a quadra séria dos homens; a hora de ferir ou matar; porém, não foi mais por causa do Leopardo nem dos piratas, foi por causa diversa e mais proxima.

Em 1862 já um homem foi apunhalado por causa de uma mulher; e esse homem era de-

lator de moços honrados e sérios superiores a elles, porque eram liberaes e o desprezavam.

Por causa de uma mulher está na cadêa o estudante Laurindo, que veio ao jury accusado não sei se de complicidade na morte de uma escrava, que, segundo informações, fôra assassinada pela mulher d'esse moço Elle é digno de toda a consideração, por que é uma alma e um coração propensos ao bem e nunca a tão barbaras qualidades. Por isso Lamartine fallando de *Roland*, diz na *Historia dos Girondinos*: "*Procurai a mulher na origem das grandes cousas*, o que equivale a dizer, dos grandes males.

Por causa de uma mulher foi espancado ha poucos dias um individuo, longe da cidade. Ainda é recente a tentativa de morte contra o typographo Cabral, que, estando na casa do livreiro Cunha, na rua Direita, foi ferido por um individuo que o chamou fóra da porta e o ferio com um canivete. Aqui não foi negocio de mulher, foi conselho de uma deusa — a cachaça.

ESTATISTICA BIBLIOGRAPHICA.

I.

A *Revista Dramatica* agita todas as questões, ataca as idéas e não as pessoas, condemna os extremos, prega a paciencia, até a caridade, se é possivel, e não tem egoismo. A prova está tirada: — anima o talento, abate a inveja, e defende esta academia, já vantajosamente conhecida e acreditada na Europa, em virtude dos seus esforços. A proposito, publica hoje o movimento litterario-politico.

I. — JORNAES POLITICOS.

O Correio Paulistano. — Redactor, J. R. de A. Marques.

A Lei. — Redactores, Dr. J. M. de Almeida, e D. de Azevedo.

A Imprensa Paulista.— Os Andradas.
O Cruzeiro do Sul. —Dr. B. da S. Carneiro.

II.—LITTERARIOS.

Revista Mensal do E. Philosophico. Estudantes.
Ensaios Litterarios do A. Paulistano.
Memorias do Culto á Sciencia.
Exercicios Litterarios do Club Scientifico.
Esboços Litterarios.
Revista Dramatica.
Murmurios Juvenis.
Ensaios da Basilia.
O Kaleidoscopio.
O Lyrio.

III.—POLITICO-LITTERARIOS.

O Tymbira.
A Legenda.
O Votante.

Exceptuando os quatro — politicos — redigidos pelos chefes dos partidos, com exclusão do *Correio Paulistano*, que é neutro, todos são escriptos pelos academicos.

II.

Os que foram de sociedades litterarias e ainda continuam, terão uma noticia consciencio-

sa quando d'ellas me occupar; presentemente assignalo a existencia dos que se votaram á imprensa livre, e ás luctas politicas.

O primeiro é o *Tymbira*, que appareceu a 5 de Maio de 1860.

Não é preciso dizer que seus redactores são resolutos e amigos de sua patria.

Appareceram quando a situação o exigia. Illustrados e intelligentes, não eram — ainda — estadistas nem politicos; mas estudantes de todos os annos que conhecem a Historia-patria, os homens e os acontecimentos.

Prudentes, não disseram que a nação era regida á maneira de um autocrata da Russia; nem dos sultões da Babylonia.

Appareceram na época de um ensaio de compressão constitucional; de uma centralisação administrativa. Vieram a tempo.

Sabiam que a verdade desce difficilmente do throno dos reis até o estrado dos povos; fizeram-se uma lição para o povo.

Os que têm acompanhado toda a comedia politica devem saber o que foi o ministerio de 60.

Na côrte e nas provincias, a imprensa agitou-se, e a imprensa periodica augmentou e cresceu em todos os angulos do Imperio.

A opposição da tribuna parlamentar não

foi mais energica que a da imprensa. E a imprensa tambem é uma tribuna :

— " Seu recinto é o Universo !

— " Seu orador é o Saber !

— " Seu auditorio é a Humanidade ! "

Os que dispõem d'esta alavanca escravizam o mundo — porque elle é um feudo da intelligencia do homem.

O *Tymbira* fez-se representante do jornalismo politico em 1860, sem sacrificar o genio e o pensamento da imprensa litteraria.

Redigido pelos academicos, fez-se o guia do povo ; écho dos sentimentos dos verdadeiros patriotas, encarnou-se na imprensa diaria, que influio aqui e por onde foi lido, sem tomar accidentes por assumptos, sem ultrajar nem condemnar sem exame.

Herdeiros da sciencia, representantes das lettras, com a consciencia livre de crimes, queriam *a verdade conquistada, o erro rectificado, o horizonte entrevisto, Deus no mundo, a luz no chaos, a olygarchia destruida.*

Quando os redactores d'um jornal possuem intelligencia, caracter, conhecimento, independencia, consideração, patriotismo, podem arrostrar os odios dos que os cercam e continuar a sua obra.

Si fallam dos politicos, devem perseguir os

que se concentram n'um partido para d'alli tirarem proveito, especularem e *levarem seus mediocres asseclas ás dignidades cimicas do poder; — que se postam como um ponto de junção entre os extremos de seu viver — ambição e intriga. Narsés* modernos, que tudo enervam e conspurcam — e passam incolumes pelos comicios do povo!

É porque não temos brios!

III.

Os redactores do *Tymbira* tiveram e continuaram a ter esse mérito, essas qualidades indestructiveis em caracteres conscios de seu valor.

Viram com um olhar triste, porém certeiro e profundo, as miserias do nosso paiz, consequencias das saturnaes de uma administração delirante.

Conheciam que as idéas, no seu omnipotente impulso, venceriam as comportas do monopolio centralizador. Não cruzaram os braços.

Livres — manifestaram seus pensamentos; Brazileiros, definiram os caracteres representativos.

Não foram, nem são penegyristas: não serão facciosos.

Sustentaculos das liberdades populares, elles disseram pela imprensa que o governo tem invadido o peristyllo do povo.

Foram á historia buscar os factos dos reinados e governos absurdos, e entre elles acharam exemplos para os factos reproduzidos em nossos dias.

Nada os dissuadia do seu proposito

Fortes para resistirem contra a mordaça que o governo tentou lançar pelo *Regenerador — esse velho barometro de um partido politico*, eram os primeiros a mostrar a fraqueza que minava o Estado.

Crentes e amigos de todo o progresso possivel á nossa patria — animaram o paiz na força de suas palavras, na esphera de suas idéas e foram attendidos.

« Não ficaram insensiveis a este culto que muitas vezes sacrificamos ao reconhecimento, ao respeito devido a nossos pais — *e desejo de vêr a patria engrandecer-se.* »

Liberaes por instincto, não consultaram a genealogia de sangue, nem pediram certificados de idéas politicas que adoptaram seus pais, para se decidirem ao sacerdocio da imprensa, á communhão politica.

Vingaram como poderam os insultos feitos ao partido que aspiram representar.

Foram aggredidos pela imprensa conserva-

dora, por alguns deputados da assembléa provincial, mas não foram vencidos.

Tenazes como as convicções que nutriam e sustentam, como ellas foram invulneraveis !

Não se derrocam crenças quando os que as representam não são apostatas.

Ficaram convencidos de que — *com facilidade se calumnia o que se teme* ; mas foram victoriados porque oppozeram systema a systema, doutrina a doutrina, e quando julgavam, não se decidiam senão pela verdade.

Educados na academia, aprenderam dos mestres a serem resolutos como o direito ; severos como a lei. Depois,— uns se instruiram nas idéas de Lafayette ; outros nas de Bayle.

Foram longe buscar seus modelos, porque temiam ser accusados de susceptiveis do *protheismo* que distingue os nossos politicos.

Empenharam-se na lucta intellectual sem visos de recompensas futuras, e respeitando as instituições do paiz, não sustentaram a utilidade darevolução na Egreja, nem a republica nò Estado. Conheciam que a *theoria democratica da liberdade,* em alguns paizes, é incompativel com a *doutrina theologica da graça ;* não escreveram paradoxos. Pregaram á imaginação do povo, que tanto necessita de instrucção, grande numero de preceitos, de tradições que elle des-

conhecia. Dividiram a historia do Brazil em periodos distinctos para fazer sohresahir as épochas que em baptismo de gloria e heroismo os sanctifica á memoria do futuro ; e os tempos de execração e escandalo, de vergonha e oppressão que tambem nos legaram governos estupidos que já lá vão.

As guerras intestinas, as luctas civis, as tragedias dos partidos, tudo foi julgado com mais ou menos critica, porém valiosa e réflectida.

Não olharam desprevenidos o movimento politico de nosso paiz, nem suppliciaram virtudes e memorias dos grandes vultos da historia patria. Censores, tiveram como guia de seus juizos — a justiça.

Moços, reflectiram muito antes de accusar; mas o que escreveram não foi controvertido nem tergiversado.

Não calumniar — foi o seu infallivel thema.

Não sacrificaram a ganhos nem aos elos de amizade *a energia de sua vocação.*

Quem desconhece a importancia d'esses nomes, o prestigio d'esses jornaes redigidos aqui na capital pelos academicos!?

Quem transforma para edificar?

Quem derroca para construir?

Quem abate para levantar? A sciencia!

Logo; toda a empreza do estudante *distin-*

cto, do pensador, é grande : cumpre respeital-a.

Deixai-os mostrar, em politica, as faltas dos homens no poder ; elles podem fallar.

Na Historia, em que se escudam, encontram provas para robustecer sua vontade, e trabalham para conseguir a realidade social no vacuo pessoal.

Querem a intima união do monarcha com o povo ; do monarcha — que é illeso em suas intenções, porém illudido pelos aulicos.

Sustentaram e nós o faremos com elles — *que as sociedades, os governos, não duram, se falta unidade, accordo perfeito nos interesses entre o principe e a nação* — em toda a parte onde se reina ou governa.

Reprovação completa á edade de Philippe-Augusto, Luiz XI, Philippe o Bello.

Queremos a *sociedade de Carlos V, Carlos VI, com as grandes theorias constitucionaes, condições de liberdade* ; que o corpo legislativo não seja anomalia, um misero simulacro, a primeira vergonha da nação, quando deve ser a primeira gloria.

Eram estas e continuam a ser as doutrinas sustentadas pelo *Tymbira*, jornal liberal, redigido pelos academicos de S. Paulo.

Temos em nosso poder a collecção do anno

de 1860: folheêmol-a, e façamos sobresahir o que é principal, de mais interesse.

IV.

Creio em tudo que dura, que se constitue e desenvolve. Creio em politica, com principios; em religião, com dogmas; em moral, com costumes. Creio na imprensa, porque é um sacerdocio e não a arena das contradicções, como querem os seus inimigos.

«— O pensamento mais justo, santo e puro, passando pela imperfeita humanidade, d'ella sahe lacerado e vertendo sangue: » disse-o Lamartine.

Si ha calumnia mais atroz é a palavra — *prostituta*, applicada á imprensa!

Nem ao menos a chamaram *lorette*,— *que sacrifica a sua formosura ás doudices do luxo e da vaidade.*

Inimigos da imprensa!... São os reis, usurpadores ou os governos despoticos.

... São todos aquelles que não têem o genio de Catilina; os que não têem a coragem para defender seus semelhantes.

O seu principal inimigo, o *dragão hybrido*, a

Inquisição — desappareceu ; vivendo, não a prostrou na lucta de seculos !

— *E' que nenhum poder infernal esteriliza a actividade humana* !

Antes, luctára a imprensa contra a egreja ; depois foi a sua protecção.

A imprensa sustentava a integridade do dogma ; porém fallava ao mesmo tempo das crapulas de alguns papas ; accusava o escandalo de alguns sacerdotes ; fulminava seus raios contra o abuso, porém por modo contrario ao Vaticano !

Desde que os Cesares christãos inauguraram a politica de exterminio, a imprensa fez-se propagadora da justiça e punio o sacrilegio na egreja, a ignominia e a tyrannia dos reis.

Quando impozeram a fé e o culto, pela força, ella protestou ! e protestou em nome de Deus, que condemnara a cimitarra, Mahomet e seu propheta.

Flagellada pelos concilios, teve de luctar contra as potencias pontificias, porém sem ultrage.

Victima innocente, sua paciencia era maior que o capricho da perseguição.

O Restaurador do methodo, por causa de uma defesa que fez da imprensa, soffreu a imposição de um capitulo que o impossibilttou de escrever.

— *Armand de Brescia, Sylvestre de Florença* só porque disseram que a imprensa era a arma dos povos, foram ao supplicio!

Hoje sabe-se que *Vanini* foi queimado em Toulouse, cortando-se-lhe a lingua; e *Giordan Bruno* lançado á fogueira, porque eram amigos de typographias!

Quando a imprensa sustentou que o direito civil e mesmo o canonico não deviam ser interdictos á multidão — procurou-se o auctor dos artigos, queimaram-lhe a lingua e cortaram-lhe o braço direito!

Mas o odio votado a esse martyr vinha já de outras causas: elle tinha perguntado á egreja o motivo que a levou a canonizar Santa Cyrenne, tendo ella mandado assassinar o marido e arrancar os olhos a um filho?!

Tinha accusado de incestuoso o papa *Sixto III*; tinha accusado as grandes riquezas da egreja; de assassino a *Urbano VI*; de cruel a *Benedicto VIII*, de violento a *Hildebrando*.

Defendera João Huss e Jeronymo de Praga!

Mas a politica religiosa não raciocina.

Vendo-se os capitulos do martyrologio em que se acham os nomes de Guttenberg, o artista obscuro que ousou realizar o que estava escripto na legenda allemã;—elle, que não ignorava o passado que lhe fallava de um

papa, de *Æneas Sylvius* — que perguntara a Aristoteles — si uma bibliotheca era util ou perniciosa á humanidade: *Plus boni an malis rebus humanis attulerit*, fica-se convencido da miseria d'aquellas épochas de tristes e desgraçadas cousas.

Foi n'esse tempo que mais se agitou a colera da egreja; foi desde essa época que a historia começou a registrar os nomes de Henrique II, que mandava arrancar das officinas typographicas os livros e jornaes, e punir os escriptores.

N'essa época em que nada se publicava sem auctorização do *Index*; quando Carlos IX ameaçava os impressores com a corda e o cutello, — " as victimas não faltaram: e o numero cresceu. "

A Europa e o Brazil tiveram grandes dias de triumpho pelo sangue que jorrou, pelos cadaveres e multilações que horrisavam, mas não obstavam de continuar, aos que tinham certeza de que trabalhavam por libertar a dignidade humana aviltada pelos papas e reis!

— Por causa da imprensa é queimado, em Paris, o Dr. da Sorbonna *Jacques Pouvaut!* 1525.

— *Luiz Berquin*, conselheiro de Francisco I não escapa; queimaram e cortaram-lhe a lingua!

— *Geoffroy Vallée*, enforcado e queimado em Paris! 1573.

Os auctores do — *Codigo do livreiro* — acabam n'um hospital á fome...

— *Claudio Morlet*, livreiro, proprietario de duas officinas typographicas, é enforcado!

Depois — um apostolo da imprensa, *Pedro Dupuys*, veio ao Rio de Janeiro e quiz fundar a imprensa livre: puniram-o *d'este crime!*

O tempo, que se incumbe de tudo transformar; que muda o caracter do homem; que corrompe a alma, cheia de virtude; que faz o crime exultar, e a innocencia e a honra succumbirem; o tempo, que tudo abate e tudo eleva, revolucionou o mundo e com elle os homens!

Os annos succederam-se e as paixões, degenerando, tomaram seu nivel regular na escala humana, dando ganho ás idéas, sem perseguir as leis da razão.

Deixai a Europa e vêde o que occorreu no Brazil.

.... *embora protegidos pelas montanhas, cercados de riqueza, não é isso o que nos liberta e nos faz grandes!*

Digo e julgo conveniente, porque tenho o escudo do seculo: a imprensa; ella, que apezar de perseguida, vive, obscura, mas vive longe do carrasco.

Pedi ao auctor do *Plutarcho Brasileiro* — a historia da imprensa antes da publicação da *Aurora e Minerva Brazileira*, e tereis a lugubre e misera verdade dos abusos que n'aquelles dias o despotismo alçou ao pelourinho da tyrannia.

Não sei fallar do que existio, do que existe — sem narrar a sua historia. E' pela historia que avaliamos o que temos vencido e conhecemos a differença das épochas. Hoje não funcciona o *placet inquisitorial*.

Não ha mais ultrages: o sceptro e o altar não se postaram no caminho do pensamento universal que dirige o mundo; respeitam o genio moderno; aceitam a imprensa livre e por ella conseguem o que á forca é recusado.

V.

Garantidos pela Constituição — os redactores do *Tambyra*, inscreveram-se para o concurso nas luctas das idéas litterario-politicas. O programma é democratico.—Na introducção ha uma proposição que define o pensamento do jornal: — *Queremos*, diz a redacção, *que o interesse pessoal não supplante o interesse publico, que é o de todos; a independencia dos poderes; e a responsabilidade dos ministros, que a liberdade do cidadão não seja uma chimera . . .*

Distinguiram a democracia da demagogia e explicaram o que foram as classes politicas em Roma, Athenas e Sparta, onde, entre patricios, cavalleiros e plebeus, o privilegio tomára o lugar do direito.

A sua democracia, como o futuro virá sanccionar — é o triumpho soberano da igualdade. Prova-se este empenho, conhece-se esse pensamento na theoria expendida nos artigos intitulados — *Idéas para o povo.* Toda a linguagem não é elevada, porém o estylo é philosophico. Desde a primeira até a ultima parte, a satyra domina as palavras, entrelaçando a ironia com a *diatribe*, energicamente accusando o povo que consente ser illudido e não usa de seus recursos poderosos e independentes.

O artigo — *Brazil em dois quadros*, é a narração dolorosa de nossa patria — livre por accidentes; escrava por principios. E' uma apostrophe energica, uma allusão aggressiva ao governo d'aquelles dias. N'este genero apparecem outros artigos, tendo diversos auctores. *As idéas acerca do principio de eleição; Uma carta a J. M. V.;* um artigo que *trata da abertura das camaras; Qualidades exigiveis nos representantes do povo;* artigos estes, que, sommados, dão o seguinte producto: — *chamado aos brios e patriotismo*; sérios estudos da actualidade para comparar os actos do mi-

nisterio Ferraz. Chegado a este cyclo, o *Tymbyra* assume o lugar que lhe pertencia. É n'essa época de *soirées ministeriaes* que a imprensa academica, como irão ver com a apparição da *Legenda*, se apresentou nos arraiaes do povo.

A opposição insurgio-se na côrte e incarnou-se nas grandes capitaes.

Aqui — a imprensa politica teve a sua eloquencia vigorosa e proba; descreveu em resplendentes phrases — as virtudes civicas de alguns Brazileiros mesmo longe da politica, mas dispensou odio e perseguição aos falsos e transparentes representantes da nação. Acompanharam até o ultimo gráo de aviltamento e baixeza, os homens que amanheciam liberaes nas listas do povo, e anoiteciam conservadores na *bulla* do ministerio!

Em nome da liberdade — que não tem velhice, nem infancia — os academicos, e com elles a *Imprensa Paulista*, redigida pelos Andradas, interpellaram os delatores e assassinos da nação.

Foi um ensaio prodigioso o da imprensa diaria e peridioca n'esses dias de luctas, quando velhos e moços entraram no fermento politico.

Deram direito ao povo de comprar os principios da sua philosophia com a disposição de suas leis e a pratica do seu governo.

Redigiram axiomas sociaes, e enumeraram os direitos legaes criados e garantidos pela sociedade civil.

Prégaram a verdade das relações entre o estado e o direito dos cidadãos.

Por pouco tempo, sim, e com inferioridade da imprensa em outros paizes, porém severos e com o bom senso que ainda os distingue, se constituiram — sociedade intellectual e moral — na localidade, repellindo a theoria do systema eleitoral *pleiteado* pelo governo; e, analysando o edificio dos architectos politicos de 1860, apontaram defeitos, e com estes os crimes de *lesa-administração.*

É extranho, e por isso devemos começar o trabalho que a França e outras nações não sepultam no pó das salas, — a historia da imprensa. A lucta das idéas é o o constitutivo das sociedades.

Não serão esquecidos os jornalistas — esses tribunos protectores da vida das nações!

Altivos, inaugurando uma era nova nos fastos da academia — os redactores do *Tymbira* e da *Legenda,* juraram que os fructos da philosophia e da liberdade não poderão jámais pertencer ao despotismo.

Como vamos ver, elles apresentaram as phases dos imperios, na medida da existencia, não

dependendo dos governos, nem se inspirando nos sepulchros dos reis, mas nos planos das nacionalidades.

VI.

Cada época tem um principio dominante, que é o seu fóco de vida; *porém as épochas, como as religiões, têm grandes sacrificios.* Poucas idéas fecundam a humanidade sem o orvalho de sangue; raro é o triumpho que não custe um martyrio. Como o Christo pregado á cruz; como Prometheu ao rochedo; como Thomaz Morus ao cêpo;—Joanna d'Arc ao supplicio; — Nunes Machado a um plano; — Pedro Ivo a uma idéa: isto é, cada um com sua sombra, cada um com o seu mundo, tal é o espirito humano, tal tem sido todo pensamento grandioso, toda a heroica tentativa dos predestinados, aos quaes os incredulos chamam — utopistas!

A quem devemos cada progresso da philosophia, do pensamento, da sociedade, senão a um d'esses martyres da idéa, hereticos que não querem a communhão dos sacerdotes que não sejam Gallileo ou Vesale, — Campanella ou Lesurques?

Quando os academicos vieram pela impren-

sa, já que a tribuna lhes escapava, apostrophar contra os abusos, que herança opulenta de ridiculo se oppoz á sua obra!

Assim é tudo.

Cuvier, entre nós, não poderia dizer tudo do homem fossil....

— *Papin* e seu pyroscopho seriam apedrejados....

Fulton escarnecido!

Alexandre de Gusmão, ludibriado!

Pareceu contrasenso que a par do barulho das orgias andasse o barulho do estudo sob as fórmas da poesia, da litteratura, da arte e da politica!

— N'esse tempo confundiram a elegia do escandalo com o dithyrambo da gloria!

Os rebellados por impostura e sem a justiça que os defenda, acabam por um exilio; tal foi a primeira revolução no céo, que causou a quéda dos anjos-máos!

Os que não se aviltam, mas se engrandecem n'esses torneios do espirito contra a materia, da aptidão contra a fraqueza, concitam o reconhecimento dos contemporaneos e firmam sua independecia de caracter no mappa-mundi das acções humanas, dos feitos que perpetuam os nomes de seus heróes.

Em grande ou pequena escala, todo o trium-

pho obtido pelas idéas — é um signo de gloria para o individuo que o assignala.

Eu respeito todo esse cortejo da intelligencia, applaudo todas essas formulas do trabalho, e anticipo-me em patentear e recommendal-as aos amigos de tudo que se distingue como penhor da grandeza futura reservada á nossa patria. Respeito esse começo, porque n'elle vejo a promessa do presente que será realizada no futuro. Enthusiasmo-me, porque sei que as grandes maravilhas que hoje assombram o mundo moderno foram em sua remota origem — toscas, rudes cousas !

A ordem e a vida moral das sociedades organizam-se no mundo pelas leis das idéas, si a philosophia não abdica sua missão e a sciencia economica não desapparece. Ordem e vida tem a sua norma de acções nos exemplos da historia : desenvolvem-se por meio dos pensamentos ; definem-se pela imprensa.

É axioma social.

Conclue-se que das academias é que devem sahir aptidões para dirigirem o destino d'essas sociedades.

Não julgo necessaria ao estudante a paixão da politica ; mas é indispensavel, n'um tempo de destructivismo politico, que o academico — razão esclarecida — se pronuncie nos clubs

ou na imprensa, sem pertencer ás facções, podendo apreciar os caracteres e guiar pela historia do paiz a marcha dos movimentos politico-sociaes, ou reprovar erros e crimes administrativos, palpaveis e prejudiciaes á nação.

O *Tymbira* appareceu em uma d'essas épochas. Mais tarde elle e a *Legenda* pediram á politica do paiz uma these heroica e grandiosa.

Entenderam que a historia do Brazil não devia continuar a ser um panegyrico; que o governo não devia fazer, porque não póde, o papel de *Aristoteles*, entre os philosophos da antiguidade: o papel da Biblia entre os theologos.

Quando o Sr. conselheiro Ferraz apresentou o projecto — *A sacrilega emissão dos bancos*, elles provaram que menos funesto fôram á Italia os sceleratos da escola de Borgia, que taes medidas ferrazinas.

Respeitaram a corôa, mas não deificaram o ministerio informe e sem valor intrinseco, por que nem ao menos se salvou com a politica exterior.

Um governo que na ordem economica e intellectual não estimula os factos em sua energia não merece conceito.

Regulamentos, subvenções, monopolios, eis o triplice aspecto da pyramide ministerial.

O presidente do conselho, como o Stentorello do theatro, nunca pôde apresentar-se em scena a caracter. Triste infortunio em tão plena abundancia!

Sommando todos os artigos do *Tymbira*, precisamos da synthese para abreviar a exposição succinta e necessaria das idéas principaes d'esse jornal que foi redigido pelos estudantes do 4.º anno:

Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes.
Henrique Limpo de Abreu.
José Luiz Monteiro de Sousa.
João Roquette Carneiro de Mendonça.
Antonio Vaz Pinto Coelho.
J. C. de Paiva Tavares.

O Sr. Tavares — formou-se em 1860. Além destes, foram collaboradores — estudantes do 1.º até o 5.º anno. Ficaram os cinco mencionados, e o *Tymbira* tem continuado em 1861, redigido pelos mesmos e os Srs. F. Rangel Pestana e Florencio Carlos de Abreu.

Nos primeiros capitulos disse que, si os redactores de um jornal reunem — honra ao talento, prestigio á intelligencia, dignidade aos seus actos — merecem a confiança de todos; e tem direito ao respeito, porque todas as

convicções sinceras não acceitam outro apanagio.

Eil-os.... todos — caracteres honestos, homens sem mancha!

VII.

A importancia desse jornal está na arte de se dirigir.

A velhice, como a natureza, que é avára de superioridades, não acreditava na empreza de moços.

Tomando a fórma de um appello ao povo, o *Tymbira*, occupou-se com a administração d'esta provincia, acompanhou toda a apathia da assembléa provincial, constituio-se por seu turno — censor e guia, sem perder de vista todos os actos do ministerio

Os serviços publicos, as prestações do governo, a somma dos impostos, os debates do parlamento, não passaram despercebidos, como se vê na questão da imprensa suscitada pelo Sr. conselheiro Nabuco de Araujo.

Quando o governo deu o grito para se effectuarem as reformas politicas, economicas, elles ponderaram que, quando um governo se constitue — caixa de deposito e consignações — faz

um triste papel; provaram o impossivel, mostrando que a divisão do trabalho na alta e baixa classe não estava em proporção com a densidade da população.

Quando se tratou da moeda de papel e ouro, do credito, de associação dos capitaes, de machinas, de industria agglomerada, elles lembraram que isso era tactica, e incompativel com a *banca-rota* que então apparecia.

A tal governo podemos chamar — a Turris Fatidica ou Panthera hydrophoba na floresta da Fazenda.

Com politicos sedentarios, com estadistas paralyticos, não havia outro fim, era inevitavel a quéda para o nosso atrazo.

Como se póde vêr, em differentes artigos, nem as precauções eleitoraes devidas ao *zelo* do governo, nem a questão da responsabilidade dos ministros — escaparam ás suas considerações.

Ficou-se convencido de que a politica d'aquelles dias foi incoherente e delirante como as visões de um insensato...

Para que não injuriem a imprensa academica, observo que esses jornalistas não confundiram em commum anathema o que não merece censura. — (Desde que se trata de fallar em publico, diziam elles, é preciso poupar a

delicadeza dos ouvidos supersticiosos, fallar verdade e attender a que o seculo está bem esclarecido para avaliar). Atacaram d'est'arte o elemento oppressivo, sem honrar com duplas mentiras a intenção de suas idéas.

Em conclusão direi que — esses moços, robustecidos nas sciencias juridicas e sociaes, iniciados nas difficuldades da imprensa livre, lucraram, conhecendo melhor os negocios de nosso paiz.

Serviram a uma idéa, embora lhes chamem fanaticos. *O fanatismo é o delirio das grandes virtudes* !

Quando os atheus se encontrarem com esses crentes — o Evangelho das idéas não será um mytho : o milagre, cujo thaumaturgo é o trabalho, será respeitado.

Respeitemos todos os sectarios de Armand Carrel ; glorifiquemos a independencia do talento ; amemos os livres, porque a escravidão deprava a alma.

VIII.

A *Legenda*.

Si não tivessemos o *Correio Mercantil, Diario do Rio, Actualidade* — bastavam-nos o *Tymbira e a Legenda* para conhecermos a· situação politica do Brazil.

Si o *Tymbira* não fosse politico, bastaria a *Legenda* — esse energico ensaio que preparou um caminho aos seus redactores — moços que pensavam como anciãos, em 1860.

Do fóco da luz é que devem partir os raios para o imperio das trévas.

Das Academias, onde o vicio ainda não tem manchado o coração, onde a intriga e a perfidia não tem com presteza ensaiado seus dramas, é que a verdade deve ir inconcussa guiar a multidão incauta e ignorante.

A este fim se propõe a *Legenda*, jornal politico-litterario redigido por Salvador de Mendonça e Theophilo Ottoni.

A *Legenda* professa um grande principio philosophico: *nada omittir, nada suppôr.*

" É a obra da reflexão. "

IX.

A redacção do *Tymbira* foi energica e activa, a ponto de dirigir aos redactores da *Legenda* as palavras que transcrevemos:

— Aos collegas da *Legenda*.

" Quando, no conselho em que se tratava de defender as liberdades gregas contra o absolutismo meda, Eurybiades, encolerisado, ameaçava com seu bastão a Themistocles, o he-

róe de Salamina, este, não obstante a consiencia de seu genio, friamente respondeu ao ousado spartano :— *Dá, porém escuta.* "

Dá, porém escuta! devemos tambem nós, os moços da imprensa, responder áquelles que nos barateam os epithetos de — levianos, presumpçosos, visionarios e operarios cegos de inutilidades. Elles fazem bem ; defendem sua causa. Gastos pela acção do tempo, a ponto de não poderem mais cortar os ramos que enfesados ou seccos promettem o anniquilamento da arvore, cujo cuidado lhes foi confiado, são ainda ambiciosos e espantam-se ao contemplar o fogo e enthusiasmo dos moços que parecem disputar-lhe o lugar!

Corrompidos, desmoralisados, tendo do rosto pendente o sevandijado emblema da hypocrisia, e conservando as acções mal definidas envoltas na torpe atmosphera da época, elles tremem ao ouvirem a linguagem franca, nobre, desinteressada da mocidade!

Temem que lhes arranquemos a mascara, e com o dedo da indignação lhes apontemos na praça publica os escarros que nas calejadas faces lhes tem cuspido a infamia.

Não temam, que somos generosos: respeitamos as excepções e desprezamos as generalidades.

Mas qual! Julgam-nos por si e continuam a propaganda. — Moços mettidos em politica! — Se hão de estudar os seus livros, não; levantam-se ridiculos Titães, e querem abarcar o céo; não sabem soletrar e já querem lêr e dar lições! Si o tempo é sobejo, que estudem a sua litteratura, mas deixem-se de politica, porque esta não é para criançolas.

De feito; o conselho é prudente, nós os moços não comprehendemos vossa politica, porque não comprehendemos como a tanto desçam os homens! Si ahi nos remettermos seremos asphyxiados, e receiaes por nós, que respeitamos a brisa, para vós incommodativa, da liberdade. Mas nós, que temos a infelicidade de conhecermos uma politica, a maior das sciencias e aquella que de preferencia deve ser estudada, vos agradecemos a bonhomia e proseguimos em nosso caminho.

Em nosso modo de entender, si a geração que chega, e que tão pouca é, se entregar toda ao estudo da litteratura, sciencias e artes, desprezando a politica, essa geração verterá lagrimas de sangue.

Não nos illudamos.

O Brazil terá uma vida de seculos, e lá, além, quando elle fôr grande, teremos gloria em lettras, em sciencias e artes.

Demais, quaes são os que nos censuram? aquelles que já apontamos; aquelles que, no dizer de Rybeyrolles, defendendo a imprensa são: — As religiões que o debate mata, o poderes que vivem do silencio, as intrigas ou crimes que precisam da sombra.

Saudamos a *Legenda* como irmã de lettras e como irmã de principios.

O pensamento das duas redações, *Revista Dramatica* e *Tymbira*, foi comprehendido pelos redactores da *Legenda*, que são inimigos do repouso, do silencio, e da obscuridade.

Os homens que vinham pedir uma nenia e um goivo para — Gabriel e Nunes Machado, que pediram, aos poetas, mais um canto para — Pedro Ivo, Landulpho Medrado e Garibaldi — não podiam ser d'outra tempera. Entendem que o equilibrio está nos contrastes e provam a vida pelas contrariedades.

Raça de Antheo — quem lhes póde immolar a vontade?

Os redactores da *Legenda* envelheceram em seis mezes de proficuas investigações na região da historia do Brazil. Nem um facto, um nome foi apresentado sem commentario, critica e justiça.

Ha deputados, presidentes de provincias, ministros, diplomatas brazileiros que não conhe-

cem tanto a politica do paiz, quanto esses moços. O principal esforço consistio em argumentar com a historia, e n'isso foi tudo. É no que os admiro.

A historia futura, quando julgar o ministerio de 60 — tem só um vocabulo para o definir:— *o mercador fallido.*

Emquanto a Europa se precipitava na India, emquanto a Inglaterra se precipitava no banho do Mediterraneo e erguia o estandarte do seu dominio em Gibraltar, emquanto o velho mundo augmentava a sua estatistica em riquezas do commercio e industria, o Brazil — menino distrahido, não tomava ao sério a carranca do mundo europeu, que sempre o anda intimidando. A sympathia poderosa e seductora que por elle tem a Inglaterra, levara-o ao gabinete de S. James, e acharam-no bello, porém aconselharam que elle cortasse a cabelleira, e de repente, vio-se calvo, porque sobre o craneo deitaram-lhe algumas gottas — de immaculado oleo!

Decepções, que não devem aterrorisal-o, porque foi destino o martyrio, como punição á nossa vaidade.

A Providencia quiz que o Brazil fosse pouco a pouco padecendo, porém com a resignação evangelica, e tanto é verdade, que a doutrina dos primeiros jesuitas obrigou os nossos natu-

raes ao soffrimento. Para provar que é sina, vêde:

O primeiro golpe que nos convence de um fim lugubre é o seguinte: Deus determinou que a quarenta leguas do oeste de Villa-Bôa, o rio Paraná cortasse o tropico de Capricornio e dividisse o Brazil em duas partes. Quando Colombo descobrio a America, a corôa de Castella, e depois as bullas do Papa Alexandre VI exigiam todas as riquezas:—foi o primeiro esgoto. Os tratados assignados n'aquelle tempo entre Hespanha e Portugal, as concordatas entre o Papa e a côrte de Setubal, sonhavam que na fóz de um rio havia um paiz riquissimo.

Quando o naturalista Freville fixou os meridianos de Montevidéo, Buenos-Ayres, e outros pontos; quando o engenheiro Fregier verificou a situação da ilha de Santa Catharina, na proximidade meridional; quando a commissão scientifica franco-hespanhola, que esteve em Quito, determinou as posições physicas, accrescentaram que o Brazil era essencialmente agricola, mas nunca forneceria *instituição de crédito* —porque tudo entre nós era favorecido pela natureza, e conseguintemente—o trabalho que nobilita—seria anomalia, chiméra! Isto quer dizer que o estrangeiro sómente deve tirar partido de suas especulações licitas—no commercio

ou outras fontes de riqueza. E tudo se vai realizando, porque nossos estadistas assim o querem.

Colonisação e conquista — consignações diversas de um mesmo facto, não foram mythos; colonisamos as ilhas de Inglaterra, e só tivemos *crédito nacional* nos bancos de Loanda, S. Salvador, e nas Costas do Ouro — em Africa.

Infelizes complices n'um crime que o futuro deve punir! Annos de corrupção e de timidez representativas — desde que somos um imperio — tem contribuido para a miseria que nos cerca. Como a hydra de Hercules, que nem se entregava nem morria — o Brazil postou-se entre o passado que é a morte, e o presente que é a vida, sem cuidar dos perigos a que se expõe, sem vêr as ambições que o rodeiam, o opprobrio que o espera!

Como o antigo governo civil, que recebia instrucções da côrte de Lisbôa, o de hoje, mudando de fórma, venera o systema, praticando o que exigem as nações da Europa; pratica — porque nada tem de original: imitando-se por ellas, prejudica-se.

Desmenti com essas palavras os dous historiographos francezes que ultimamente se occuparam do Brazil: — Reybaud e Dutot. Ha intelligencias mercenarias, genios venaes que

pouco respeito nos incutem. Os francezes historiadores do Brazil—merecem conceito quando elles dizem a verdade: taes são Warden, e N. X., secretario do consul geral da França.

É esta a vantagem dos escriptores da — *Legenda:* foram verdadeiros.

OS ESTUDANTES DE S. PAULO

E

S. EX O SR. SENADOR FONSECA.

Sem o fausto pedantesco das palavras do Sr. Jobim, respondeu o Sr. senador Fonseca á *philippica* contra nós pronunciada n'aquelles momentos de preexcitação e frenesi que distinguem o senador pelo Espirito Santo.

Já respondemos ao auto de accusação e mostrámos a falsidade do arrazoado.

Hoje pretendemos dirigir-nos ao Sr. senador Fonseca, que melhor nos conhece, e por isso é competente para se responsabilizar pela defeza d'esta Academia, que não gosa do indulto de outras, porque o ultramontanismo não foi nem será enthronisado nas associações

litterarias, nem nas doutrinas dos professores e lentes, e isto acontecia antes de *Laurent* publicar a sua obra. O motivo é porque a razão philosophica, a liberdade de consciencia, ainda não foram amordaçadas pelo systema de compressão dos governos despoticos. Si esse é o nosso crime, não queremos remissão.

O Sr. senador Fonseca não defendeu a Academia de S. Paulo, porque ella não foi accusada. O Sr. Jobim não gosta nem da cidade de S. Paulo, nem da Academia ou de algum lente. Quando S. Ex. aqui esteve com o Imperador...

Quando um filho de S. Ex. aqui vegetou...

O Sr. senador Fonseca não defendeu a Academia de S. Paulo, porque provou que ella não é o que o Sr. Jobim quer que seja.

Nós somos gratos ao orador que respondeu ao Sr. Jobim, por duas razões.

Porque foi verdadeiro e porque foi o unico.

O Sr. Jobim é um homem anachronico; pertence aos primeiros tempos do christianismo, quando as sibyllas, essas interpretes dos oraculos pagãos, dominavam os supersticiosos pelo abalo que lhes imprimiam na imaginação.

Seria mais feliz o senador pelo Espirito-Santo, si ainda Abrahão vivesse, porque teria S. Ex. um lugar entre os anjos e os patriarchas.

S. Ex. é *puro*.

Para a idade média só um proveito se tiraria do Sr. Jobim — o seu busto — que entre a architectura antiga seria objecto de curiosidade.

Ha quem acredite que está ligada á natureza do Sr. Jobim uma mysteriosa predestinação. Espera-se encontral-o intacto depois de morto. Será canonizado.

Nas tradicções e legendas das raças celticas ha argumentos e provas de que S. Bernardo encontrou-se com Judas n'um rochedo nos mares polares, e que se compadeceu e o protegera. O Sr. Jobim, si viesse a S. Paulo, não seria tão feliz, porque as ruas d'esta cidade, para elle, serão as de amargura. Os homens podem inventar supplicios que só no momento poderiamos dizer; porém as mulheres haviam de punil-o a pedradas.

Ellas o dizem.

Que homem infeliz!

O Sr. Jobim pertence em politica, á *escola absolutista*; julga os homens e as cousas com violencia, sem exame, e sempre com o desespero na alma, e por isso passa por leviano.

S. Ex. ignora que a polidez encerra um grande fundo de justiça e philosophia, e é por isso que o Sr. Fonseca o venceu sem precisar imital-o, recorrendo a um estylo cheio de

colera e uma certa grosseria de expressão que perturba a *pureza* do seu gosto.

O Sr. Jobim não póde ser senador, nem o deve continuar a ser; primeiro, porque não tem a indulgencia do homem judicioso, como deve ser um senador, nem a alta placidez de uma philosophia propria e exigida em sua idade; segundo, porque atacou o Imperador. É verdade que S. Ex. póde estar de tal modo preparado nas argucias da escholastica, que confunda todos ou a nação, si esta invalida se lembrar de tomar contas ao Sr. Jobim pelo que praticou.

O Sr. Jobim, quando nasceu, tinha 40 annos; entrou para o senado e disseram-lhe — *Aqui ficará, si o senhor disser que os estudantes de S. Paulo são....* etc.

O homem olhou para os lados, e como vio que alli não estava um estudante — em gritos accusa a Academia, e por ultimo regougou uma blasphemia e sahio para fóra do Senado, gritando:

— Estudantes de S. Paulo!

— Estudantes de S. Paulo — o que vos fiz para me perseguirdes e dominardes o meu espirito? —

E, correndo, foi á casa de um padre, o qual verificou que o homem estava fóra de si.

Houve exorcismo. No dia seguinte soube-se que um insecto maligno occasionára aquella desgraça.

S. Ex. está salvo.

Causou apprehensão aos senadores a original e fatal desgraça do infeliz, porém, como são conhecedores do capricho que a desgraça exerce sobre a humanidade, disseram para se consolarem: *Nihil est a boni parti beatum.*

O sensato e independente senador Fonseca merece dos redactores da *Imprensa Academica* muito mais do que seus collegas eleitos por esta provincia, porque S. Ex. não se perturba entre os eclipses do senso moral e tem uma qualidade, que é humilde em apparencia, porém na realidade a maior de todas, amor á verdade. O que falta ao Sr. Jobim.

O homem honesto não mente, não avilta a sua posição por um dito calumnioso

O homem honesto diz a verdade, como fez o Sr. Fonseca, e não o Sr. Jobim, que é versado na estrategia de Braccio, e divide o espirito como um *judeu* o ouro.

Deixamos a outros o examinar si as infamias são possiveis e si devem ser encaradas como o fructo da mocidade complice no libello torpe e falho, phantasiado pelo senador do Espirito Santo.

Houve um partido violento na assembléa, que desejou fulminar-nos; agora apparece no Senado. O Sr. Jobim, é a prorogação desse grupo.

O Sr. senador Fonseca respondeu a uma accusação que tentou fazer o Sr. Jobim, pois é fóra de contestação que a Academia de S. Paulo não é theologica. Não estamos em *Florença*.

Si a Academia de S. Paulo dependesse do apoio do Sr. Jobim, retirar-nos-hiamos, porque S. Ex. não quer o ennobrecimento do espirito.

Deixemos o Sr. Jobim, que teve a lembrança de citar Molière sem ter consciencia de um ponto de semelhança que ha entre S. Ex. e o grande escriptor.

Molière podia tudo ousar, com a condição de divertir o rei. — O Sr. Jobim diverte-nos. O senador Jobim não é justo; o senador Fonseca é um homem serio, verdadeiro quando trata de expor a historia do seu paiz.

S. Ex. disse o que é a vida em S. Paulo; apresentou o lado vulneravel dos estudantes, e indicou os meios de os salvar, provando que, si alguns se prejudicam é porque a policia não sabe o que é um *vinagre*, não conhece um *cadaver*, nem sabe o premio como varia de hora em hora nas mãos dos Israelitas.

O governo o que deve fazer é fundar uma Universidade, o que já pedimos.

Posto que o art. 76 do Codigo do Processo já prevenisse a immunidade, e o art. 26 da Constituição auctorize um senador precipitado a exaggerar tudo, todavia ficamos satisfeitos, porque o art. 9 do Codigo Criminal e o § 1.° do art. 179 da Constituição ainda não foram supprimidos e nos auctorizam a responder a qualquer insolencia.

Paramos aqui.

Os estudantes de S. Paulo tomam em consideração o acto de S. Ex. o Sr. senador Fonseca.

JOSÉ LUIZ DE SOUSA MOTTA.

I.

Não achei, na pedra tumular de sua sepultura, epitaphio ou inscripção pela qual o curioso que visita um cemiterio podesse saber se aquelle de quem fallo foi tão obscuro ou tão malvado, que não se consinta memoria que o recorde.

Para os estranhos, para muitos que são indifferentes, para alguns que desprezam a intelligencia, para esses elle pouco mereceu, porque nunca lhe deram attenção.

Si é certo que Deus assignala a cada individuo o seu horizonte, é evidente que o ignorante, o homem *raiz* ou *pedra*, não vê no homem-

pensamento, no homem-*talento* senão um imbecil ou um ser inutil; assim — quem virá reparar n'esta lousa, senão quem comprehendeu o homem que está envolto n'este sudario?

José Luiz de Sousa Motta foi meu irmão no soffrimento, pareceu-se commigo n'aquelle embate do destino que ninguem cansa ou subjuga. Foi meu irmão pelo laço de familia que a meninice fórma.

Elle era menino e eu moço; eu e elle encontramo-nos n'uma segunda-feira na sala de uma casa onde morava o Padre-Mestre Joaquim Francisco da Cruz Paula — que não era ávido como são quasi todos os homens da egreja.

Em 1852, na rua do S. S., o coadjutor Padre Joaquim (assim conhecido) tinha intimamente em sua casa alguns moços que desejavam estudar latim e francez, linguas que o Padre-Mestre Paula ensinava, e assim tambem a grammatica portugueza. Conheci os intimos d'esse tempo, os quaes aproveitaram tanto das lições e conselhos do mestre-amigo, que hoje ahi no mundo são homens de valor moral e posições regulares.

O Dr. Luiz Martins da Silva Coutinho.

O Revm. Padre Manoel Marques Monteiro.

O Revm. Padre José do Canto Coutinho.

Mezes depois, o Padre-Mestre Paula, teve pe-

didos para acceitar mais alguns moços que desejavam aprender as tres grammaticas, e como elle nunca se recusou a um pedido que lhe fizessem, cedeu, pelo que cresceu o numero, e desde então tornou-se mais seria a posição do mestre que até aquella data entre os tres discipulos — era o chefe da *Bohemia*. Si o escriptor *Murger* tivesse conhecido o Padre Paula e seus discipulos, mais um capitulo daria em seu volume onde se occupa da historia d'essas creaturas que gastam o que ganham, consomem o que possuem e vivem sem algarismos nem borrador ou diario.

Antes do Padre Paula ter mais discipulos, elle com os tres primeiros costumava sahir da cidade, em sabbados principalmente, e iam, como *Enéas* e seus penates, visitar as ilhas dos Amôres. Muitas vezes o *Vianna*, *Porto-escuro*, *Caroatás*, *Poço*, *Barra*, *Ilha-grande*, *Terra-nova*, *Convivencia* e outros sitios onde havia abundancia de passaros e fructas, foram visitados por esses moços e outros amigos da infancia, que, em companhia do Padre Paula, tinham certeza de serem muito bem tratados, e quando terminava aquella escaramuça, todos desejavam outro sabbado ou dia de suéto, como dizem aquelles bons estudantes, para continuarem a distrahir-se.

Tudo mudou.

Logo que entraram outros, a aula tomou nova face, porque augmentaram-se cadeiras, e tudo era restrictamente observado; tornou-se uma sessão de collegio.

D'entre os neophytos conheci o estudante José Luiz de Sousa Motta, que recebeu logo o epitheto ou cognome de *traquinas*, porque era o mais desenvolto. Outros vieram e muitos succederam, dos quaes não me recordo.

Os companheiros ou collegas chamavam-no *traquinas*, porque ainda não podiam qualificar a natureza, ou como vulgarmente se diz, o genio. Hoje cada um d'elles tem achado um termo ou vocabulo proprio para apresentar aquelle José Luiz, que tinha um temperamento de fogo, uma imaginação ardente e boa memoria. Eu vi-o muitas vezes, e, si acontecia chegar em hora de lições, ouvia a todos e não me distrahia de reparar quando José Luiz dava a sua lição de *Artinha Latina*. Era o mais vadio da aula; era o mais decorador; e, quando o Padre contava lá para si reprehendel-o, *enganava-se*, porque o *traquinas* não esquecia uma syllaba, e sómente em uma sabbatina o vio atrapalhado na conjugação de um verbo impessoal, porém foi demora de um minuto, e logo satisfez.

N'aquelle tempo os odios privados dos contemporaneos não entravam em conta nas justas

do talento. Quando um se elevava não incommodava nem fatigava os outros: a ignorancia orgulhosa não lançava ridiculos, nem os tinha como mais tarde appareceram; a inveja não *trabalhava* por manobras surdas; tudo que se distinguia estimava-se.

José Luiz de Sousa Motta era estimado por seu mestre e seus collegas; algumas vezes que elle *cabulava* ou fazia a sua *synalœpha*, deixando de ir uma semana á aula, o Padre não desesperava, porque elle depois estudava todos os atrazados e sómente recebia por castigo — decorar *preteritos* pelo *Novo Methodo*, livrinho que elle aborrecia como um estudante de direito aborrece o *Corpus Juris*.

José Luiz era dotado d'uma natureza frenetica, e nos seus momentos de expansão traquinal não procurava outro para o aturar senão o menino Rangel, que era seu collega de *Artinha* e a creança mais pacifica, inoffensiva e tolerante que tenho conhecido. Com os maiores entrava elle em lucta; porém, não podendo subjugal-os pela força de musculos, vingava-se em fazer caricaturas que definiam bem a indole e qualidades do individuo. Nunca estava em estado de paz, e, si elle não mudasse como temos de vêl-o, seria um homem detestavel.

Quando o conheci na aula do Padre Joaquim, tinha 13 para 14 annos.

Genio folgazão, vivacidade, boa alma e bom coração; o mais era attributo da idade. Quem não o conhecesse bem, tel-o-hia por perverso ou maligno, como se diz em nossa terra, porque era seu unico prazer deitar rabos em todos, e quando sahia da aula José Luiz por força havia de ir á rua da Banca *inticar* com o tio Sousa— um velho que ainda ha poucos annos vi no adro da egreja de S. F. de Paula no Rio de Janeiro; e quando não achava o tio Sousa, ia com alguns collegas procurar o *Chico de góla* ou *toca corneta,* assim conhecido pelos meninos, e provocava-o, si o encontrava ébrio. Pensareis que elle fazia isto por maldade?— Engano. Tanto não fazia, que muitas vezes os vintens que levava dava-os aos infelizes ou pobres, excepto o velho Sousa, que não acceitava e enfurecia-se. Quando não era este o seu divertimento, ia elle para a rua da *Boa-Morte,* entrava n'um quintal onde havia jogo de bola, de meninos, desmanchava as marcas e sahia. Elle praticava estas cousas debaixo de gargalhadas, e si os outros quizessem punil-o, era embalde, porque era elle activo e corria bem para escapar-se. Actos de coragem vi eu muitos, e si o *enfezassem,* tudo estava perdido, por

que elle não recuava, e si alguem o offendesse e elle não estivesse de *pachorra*, havia bordoada grossa.

Dos discipulos do Padre Joaquim os mais endiabrados, como se costuma dizer, foram o bom José Luiz e o Monteiro, que professou na Ordem Carmelitana, e até hoje não sei d'elle. O mais moderado e pacato era o Canto.

Aquella familia, pois, não esteve muito tempo no lar domestico, porque de anno a anno os meninos se foram retirando com alguns preparatorios sabidos, uns para o Seminario de S. José, outros para a Secretaria de instrucção.

José Luiz foi para o Collegio Marinho.

II.

No Rio de Janeiro, pouco tempo depois, José Luiz era já um moço cujo caracter original offerecia todos os contrastes. Começou a distinguir-se nas aulas por espaço de alguns mezes; depois foi desprezando o prestigio que adquirira, e por causa das más companhias perdeu do conceito em que era tido, mas não foi em prejuizo moral; pelo contrario, sempre honesto passou os primeiros annos.

Uma luz o seduzia, um prisma de encan-

tos lhe acenava para outro mundo onde imperam o pensamento e a imaginação : era a poesia.

No collegio alguns collegas fundaram um jornal litterario, e d'entre os collaboradores principiantes estava inscripto o nome de José Luiz de Sousa Motta.

A publicação desse jornal era uma medida que o director tomava para erguer estimulos e instigar brios que d'alli podiam vir ; com effeito a idéa foi seductora, e para José Luiz teve algum exito, porque elle nasceu n'aquella aurora e quiz ser pregoeiro de um bello dia. Depois passou do pequeno jornal para as Associações litterarias e começou a escrever artigos, dramas e poesias. Não eram mediocres as suas composições, tambem não eram regulares. No drama a confusão do enredo matava a inspiração ; na poesia a fraqueza do pensamento não lhe emprestava imagens ; nos artigos o pouco nexo das idéas, o contraste dos periodos condemnavam-no a não ser julgado com louvor. Eram ensaios.

A sua natureza era artistica, tinha phantasia e seria poeta si a adversidade não o ferisse.

A elle podia applicar-se este juizo :

Il a de la gaieté dans l'esprit et de la mélancolie dans le cœur.

Poderia ter sido feliz si sua alma não se

alterasse em angustias e dôres lacerantes pelo que eu nunca descobri. Si a existencia fosse dôce e agradavel para todos; si a felicidade tranquilla fosse a partilha dos homens, porque mundos andaria o mal? *Si a dôr não fosse o aguilhão da vida*, a ventura que céos habitara?

O infortunio quebrou-lhe as azas da esperança, e em breve aquelle moço que sempre viamos alegre apresentou-se triste como o desengano!

Aquelle gesto prompto, aquella palavra viva que iam bem com a rapidez do pensamento mudaram-se para o coração e lá no fundo de seus affectos nem uma affeição foi suspender aquelle abatimento de faculdades que lhe coara a morte das emoções. Elle mudou completamente.

Passaram-se muitos annos e não o via. Bem distante d'elle eu soube que abandonára os estudos e resignara-se á modesta profissão de educar a mocidade. Hoje cheguei a esta cidade e soube que está sepultado.

Perdão aos indifferentes de nossos dias, que não ouvem o que dizem loucos, esses que amam as lettras; perdão pedirei a todos que não sabem o motivo porque escrevo estas linhas, nem adivinham quem as apresenta aos leitores.

É uma divida da infancia, que incuidosa passou, mas que não prescreveu : é um voto da recordação que ficou das impressões da época de *ledice e flanar* sem conta; é um dos companheiros do finado, um que sempre ia com elle ás restingas de nossa terra, aos passeios do campo, ás viagens d'uma manhã pelo Parahyba.

Não leiam, e si lerem, não exijam estylo, ou phrases que agradem; eu me dirijo sómente aos seus parentes e fallo áquelles que ainda vivem e foram d'aquella communhão, d'aquelle abernaculo de innocentes e despreocupados annos da minha infancia que já vai tão longe...

Fallo áquelles que se hão de recordar do humanitario, do prodigo, do amigo sincero, do incansavel protector dos pobres e a quem tanto devem os sacerdotes e outros individuos que tiveram na pessoa do Padre Joaquim Francisco da Cruz Paula — a dedicação e amizade desinteressadas... Fallo emfim aos discipulos do Padre Paula, aos collegas de infancia de José Luiz de Sousa Motta.

Quizera não ter memoria para não saber onde está hoje o meu mestre, aquelle que me dirigio e aconselhou impellindo-me para outros horizontes onde achei mais ar e luz no espaço que me cerca.

Quizera não existir para não ser testemunha da desgraça do mestre, e da morte de um companheiro.

São estas as exequias que eu offereço a ti...

— *José Luiz de Sousa Motta.*

POETAS E JORNALISTAS

ACADEMICOS.

1860—1864.

POETAS ACADEMICOS.

BITTENCOURT SAMPAIO.

I.

Conheci-o na rua do Ouvidor, na republica de Macedo Soares, onde se reuniam, por vezes Belisario S. de Sousa, Mello Mattos, G. Pinto Moreira, póde-se dizer, a Bohemia litteraria d'aquelle quarteirão latino. Eu era calouro; elles estudantes do curso juridico.

D'aquella republica sahiam como em ordens do dia ou bolletins do exercito, os louvores e as penas. Mais de uma vez assisti aos conselhos de investigação, de desciplina e de guerra. Os vogaes nem sempre eram veteranos e poucos se afastavam dos artigos do conde de Lippe.

Fuzilava-se sem piedade; muitos innocentes foram condemnados. Era semi-barbara aquella *mesa de consciencia*, aquella congregação tenebrosa. Para merecer alguma consideração pessoal, e não soffrer o insulto das vaias, bastava constar que o calouro era da tal republica.

Quem veio a S. Paulo ha tres annos e não teve protecção d'aquelle Tribunal — passou pelas forcas caudinas — e não entrou nos geraes da Academia, não se demorou na portaria sem ter occasião de observar a indifferença de todos.

Eu fui um calouro dissidente e creei o scisma.

Sem pedir venia aos condestaveis da polemica illustrada, escrevi para o *Correio Paulistano*, e o grito de revolta servio-me para adquirir as sympathias dos monopolisadores de intelligencia. Do chefe da republica eu era amigo e collega desde o seminario de S. José; os outros vi-os na mesma tarde, nessa saudosa occasião quando conheci Bittencourt Sampaio — o auctor das *Flôres sylvestres*.

Estudando o movimento litterario da Academia, observei que não era sem fundamento racional e historico aquella especie de vedeta em que se achava a republica de Macedo Soares, Belisario, Almeida e Candido Torres.

Era uma épocha de transição. Ha dous ou tres annos a moda, o toque de distincção era ser

grande orador, pelo que a poesia queria reinar e governar a despeito das mais absolutas formulas do direito publico. O poeta da moda era Bittencourt Sampaio.

Sempre cheio de alegrias intimas, sympathico, traquinas como um collegial em hora de recreio, de casaca azul de botões amarellos, chapéo branco, luvas e calçado parisienses, ora em passeio pelos arrebaldes, ora nos theatros ou em diversas reuniões de estudantes, era estimado e seu coração justamente recompensado na lealdade com que servia aos seus amigos, pois é preciso não occultar que uma republica de estudantes é como a casa de qualquer familia. Almoça-se, janta-se, ceia-se, adoece-se, ha medico, ha o dono da casa, ha o vinagre — eterno usurario —, ha a lavadeira, a engommadeira e a Nha-Tudinha, que é cozinheira.

Pelo menor accidente, em qualquer acto o companheiro da republica decide do caracter do outro. Sampaio era bom amigo. Não revolucionou as legislações dos povos, nem reformou os textos do direito romano, porque entendia que ser poeta vale mais que ser jurisconsulto.

Poderia escrever uma epopéa divinisando Justiniano e as Pandectas, e com isso não fica-

ria muito áquem de Ortolan; mas escrever uma dissertação para demonstrar a vantagem das sciencias juridicas sobre as sociaes? Elle diria que é facil de convencer quem as estudasse.

Apaixonado pelos progressos da physica, praticava alguns dos seus prodigios sorprehendentes, ora em sua republica, ora em outras, executando os processos mais admiraveis em magica branca, e n'esses espectaculos a concurrencia compunha-se de amigos e familias. Era a alegria da casa, o iniciador de divertimentos uteis, dos saráos litterarios e musicaes. Não esperdiçava seus talentos no emprego de horas consagradas á crapula nos lupanares, ao assassino regaço das camelias. Nunca amesquinhou a sua individualidade, nem aviltou sua intelligencia.

Não fui seu amigo; viamo-nos, comprimentavamo-nos. Elle deixou S. Paulo, depois de formado; eu fiquei estudando. Antes de retirar-se escreveu alguns versos para o *Atheneo* e *Ensaio Philosophico Paulistano*, que formam a collecção de Extravagantes, por estarem fóra do seu volume. Tambem discutio algumas theses litterarias em associações, onde foi como orador ou socio effectivo.

Não era eloquente, não tinha boa dicção nem o habito de discutir. A sua reputaçã^{o}

de poeta que muito promettia amparava-o da critica ou da argumentação mais feliz dos impugnadores das doutrinas que se propunha defender e sustentar. Ensaiava-se, e quem sabe se virá ser um optimo orador!

II

Escreveu-lhe a biographia litteraria o meu amigo Macedo Soares. Não subscrevo o auto de critica do illustrado academico, porque tenho necessidade de, mais tarde, verificar o que ignoro. B. Sampaio não é um poeta didactico nem satyrico. A sua imaginação, a tendencia de sua indole litteraria inculcam um poeta épico de maior exuberancia de vida intellectual, de maior originalidade que os nossos pesados calhamaços auctores de poemas que temos tido o bom senso de esquecer. Os seus cantos populares, inflammando a coragem dos heróes que combatem pela liberdade do povo, valem a gratidão do paiz, porque, pregando os deveres do patriota, cantam as glorias dos nossos martyres politicos.

É inutil repetir qual a natureza do merito litterario das poesias, porque ellas estão á

prova. Ha em alguns versos, cumpre dizer, pensamentos triviaes e sentenças obscuras.

A singular cultura moral e intellectual que caracterisam a musa e os sentimentos d'este poeta desculpam os descuidos não de fórma, mas o thema, o elencho, a philosophia pouco acatada do assumpto.

Não posso affirmar si n'esta academia foi B. Sampaio o primeiro que melhor tratou da poesia popular — que melhor escreveu sobre os cantos populares.

Não suscito aqui a fatigada questão de escolas, não indago si elle fez protestos contra as pequenas subtilezas d'este ou aquelle genero de litteratura.

A poesia lyrica tem em B. Sampaio um alentado cultor, e acredito que o auctor das *Flôres sylvestres* será laureado mesmo em outro genero litterario. Tem a poesia lyrica exercido grande, profunda influencia sobre os costumes e convicções religiosas, porque o seu melhor pedestal são os assumptos sagrados. A lucta penosa entre o genio da mocidade brazileira e a falta de factos historicos contribuem para esta pobreza de poetas lyricos de que se ressente o nosso paiz. As odes, as elegias, as canções, as eglogas, os sonetos, podem perpetuar os dramas do amor, os romances do infortu-

nio, os mysterios da fortuna, as desgraças dos Estados, a quéda dos Imperios, a decadencia dos povos. O seu livro está acreditado.

A simplicidade do estylo e a harmonia do verso bem denunciam quaes foram os primeiros poemas que o estudante preferio. A profunda Allemanha produzio o grande poeta lyrico Klopstock, que ainda occupa o primeiro lugar. Para as ficções é o modelo que indico; para as imagens o poeta tem recursos nos seus talentos, nas leituras dos grandes mestres.

N'esta época em que se accusa a philosophia de ter enfraquecido as crenças religiosas cumpram os poetas os seus deveres, combatendo os desvios da religião e essa metaphysica obscura da qual a Egreja faz alarde. Venha a justiça da historia pronunciada pela voz poderosa da poesia. Justifiquem a philosophia que é verdadeira; seja o auctor das *Flôres sylvestres* — um dos juizes.

PEDRO LUIZ

I.

A historia tem o dever, ou deve ter o cuidado de proclamar os titulos gloriosos dos heróes da civilisação, dos fundadores da prosperidade da patria.

No meio da prodigiosa excitação dos espiritos, no centro do auditorio illustrado, no mais respeitavel recinto, entre as opiniões que combatem, no seio privilegiado das celebridades academicas, dominando um dos grupos das grandes divisões de annos e de capacidades nos diversos ramos das sciencias, vivia Pedro Luiz.

Na tradicional chacara dos Inglezes, no bairro da Gloria, bem no meio da planura alegre

e defrontando o antigo cemiterio, n'essa historica e celebre casa onde Alvares de Azevedo ensaiou os primeiros capitulos do seu poema *A Noite da Taverna*, ahi dominava a republica de Campistas, tendo por principaes Thomaz Coelho, Passos, Gesteira, Bento Baptista — cursistas e os bichos Cabral, Soriano, Faria, Nunes e o auctor d'estes traços biographicos. Depois do classico banho nas aguas do Tamanduatahy, veio a caravana escholastica ao café, e, terminado este sacramento do estomago, prepararam-se todos para recordarem licções e redigir objecções, quando o menino Manduca, irmão de Bento Baptista, trouxe a boa nova de que, por motivo que não se discutia, os lentes tinham participado que não iriam ás aulas, o que confirmou, mais tarde, o porteiro Fortunato e o bedel Firmino.

Festejava-se esta noticia, quando entrou P. Luiz. N'esse tempo morava na rua da Gloria, perto da republica de Thomaz Coelho. Conheci-o n'essa occasião.

— Querem ouvir ?

— Algum edital? aviso da congregação? perguntaram os recolhidos d'aquella abbadia, onde tudo concorria para a meditação, estudo e boas lições de virtude.

— Não, disse P. Luiz. Venho lêr uma poesia

que escrevi e dedico á memoria de Nunes Machado.

Os conservadores admiraram os talentos de P. Luiz, mas não sympathizaram com a escolha ; os liberaes não fizeram menos que o auditorio que ouviu Alvares de Azevedo recitar o auto de defeza escripto em verso a favor de *Pedro Ivo*.

Pedro Luiz leu a poesia.

Si elle a publicar, Nunes Machado não passará ultrajado á posteridade.

O poemeto tem 18 ou 20 estancias.

O que alinda a portentosa imaginação de P. Luiz, o que mais o eleva é a vigorosa sentença nas comparações e nas aproximações de homens a homens, de épochas a épochas.

NUNES MACHADO.

. . . . . .

Oh ! sombra augusta, sombra veneranda,
Despreza nossa pobre geração !
Ella chamou de vil e de nefanda
A bandeira que erguias n'essa mão.
Lá nos campos escuros do passado
Tua figura está ! Nunes Machado,
Tão grande como é grande um semi-Deus.
Elles querem manchar-te o nobre vulto,
Mas tu deves-te rir, calar o insulto ;
O gigante desdenha os pygmeus !

Tu, heróe, que viveste grande e forte,
Sempre cheio de crenças no porvir,
Tu, que luctaste tanto — até á morte,
Sem no peito a esperança succumbir,
Vem dizer aos soldados do futuro
Que, si acaso o horizonte está escuro,
Nem por isso elles devem vacillar;
Vem da força dos bravos á fileira,
Que elles hão de seguir tua bandeira
E com ella na frente hão de luctar.

Levanta-te, vem vêr, nobre guerreiro,
O que n'este paiz hoje se faz;
Ha de ler algum dia o mundo inteiro:
« Infamia, perdição! » nos seus annaes.
Tu, que outr'ora bradaste furibundo,
Á face do Brazil, de todo o mundo,
Pela santa bandeira da nação,
O que farias hoje, heróe sublime,
Si é sómente poder — fingido crime,
Liberdade — fingida escravidão?

Propheta de uma épocha mais feliz que a fé politica parece annunciar, P. Luiz, tanto mais se distingue, quanto engrandece o enorme vulto do mais sincero, do mais infortunado dos patriotas.

Eu amesquinho-me, si meço a grandeza d'esta intelligencia, porque, reparando na sua altura, acho-me carecedor de instrucção, de illustração para avalial-o.

As estrophes que reproduzi dão-me a medida de sua intelligencia, e quem as lêr ficará

convencido de que o que nós chamamos civilisação, *não passa de uma monstruosa decadencia*, e nem o mais prudente philosopho justificará os crimes de uma épocha, os factos de uma sociedade que assassina um martyr da liberdade.

Remetto ao desprezo em que são tidos aquelles que Esquiroz já condemnou, por ter certeza e provas de que os algozes são de todos os tempos, de todos os paizes.

Orgulho-me, tenho intimos contentamentos em ser contemporaneo de P. Luiz.

Não acabava de percorrer as Revistas Litterarias quando na *Legenda* li a sua *Ode*, o seu protesto, o seu grito de dôr e desespero; quando ouvi o som da sua nota funeraria — que foi recebido como um signal de orphandade no seio da familia academica. Tal foi a poesia consagrada a — *Landulpho Medrado*.

Patriotas! cobri as vossas frontes!
Em signal de tristeza os horizontes
Vestiram lucto, um astro se sumio;
Nos ares vibra um canto de saudade:
Aguia altiva, voando em liberdade
Lá no abysmo cahio!

Patriotas! parai n'essa jornada!
Um cadaver cahio na vossa estrada·
Celebrai-lhe uma funebre oração.
A terra para vós é sempre um horto;
Trajai de negro, pranteai o morto,
Cerrai os olhos a esse vosso irmão.

Rodêem todos seu caixão de morte!
Elle era moço, porém grande e forte;
Nunca manchou su'alma e seu paiz;
Valente sempre esteve na vanguarda,
E limpa a consciencia, limpa a farda,
De planos torpes, de projectos vis.

A poesia a Tira-Dentes não a transcrevo, porque todos a repetem, quer sejam poetas, quer apreciadores.

P. Luiz é um dos academicos mais considerados; não tem inimigos, tem invejosos.

Prosador de uma dialectica que não varia; poeta sem rival no seu genero, orador sentencioso, critico que opulenta todos os assumptos, ainda mais notavel por ser preguiçoso.

Ha uma sessão magna de installação, e uma de anniversario. Vai o P. Luiz na qualidade de orador? — pergunta a mocidade illustrada.

Não escreve os discursos; os versos, como os artigos de critica, compõe-os no momento em que lh'os pedem.

Tem publicado em jornaes da Academia diversas poesias, transcriptas com applauso da imprensa na côrte.

Sonha um futuro mais garantidor das glorias litterarias. Poeta e philosopho, acredita na transformação dos partidos politicos como um astronomo na possibilidade de um eclipse. Suas opiniões são sinceras; não compromette a

litteratura com a contribuição de anecdotas diffusas e trivialidades superfluas, o que caracterisa grande parte ou numero de moços que tudo aparvalham.

A sua fé nas instituições juradas d'este paiz, a sua descrença a respeito de alguns dos nossos estadistas, devem leval-o a uma posição vantajosa.

A Pedro Luiz, a Landulpho, á grande legião de espiritos que trabalham para o engradecimento da patria — o que mais impressiona é a seguinte catastrophe :

Quando nações incultas imperavam
Nas cruzes os ladrões se penduravam;
Hoje que reina o seculo das luzes,
Pendentes dos ladrões andam as cruzes!

FAGUNDES VARELLA.

I.

Eu acharia mais de um typo na colleção de perfis extravagantes de T. Gautier, intitulados *Les Grotesques*, para ter semelhança perfeita de Fagundes Varella.

Apagam-se as tradições do bando joco-comico dos estudantes de Coimbra, desde D. Diniz até o ultimo reitor da Universidade; chegam sem merecimento pela inferioridade as extravagancias, as façanhas dos de Salamanca, notaveis na estroinice por indole e por desculpavel idade.

Tudo quanto é possivel imaginar, tudo quanto tem sido o toque de distincção dos estudantes de Heidelberg, quer nas glorias do

talento, quer nas mais desaforadas e originaes leviandades, de tudo isso ha em Varella uma abundante quantidade..

Halle, Goltengem, Kiel, Erlangen, estas quatro universidades da Allemanha, prestam-se, por seus annaes, aos desvarios d'aquelles que não respeitam os tempos, á *tyrannica* lei das conveniencias e querem praticar hoje o que em outras épochas já se considerava abuso, máos habitos.

Varella lê os escriptores allemães, vê em Henri Heine o Christo de sua religião e em Byron o apostolo da sua fé — tolerado por uns, aceito e imitado por outros, sendo certo que é condemnado pelo maior numero, não a musa patriotica, mas os excessos de sua imaginação, que é um complemento directo de sua organisação doentia, da má indole lasciva, sceptica, capaz de tudo, menos de levantar o coração ás alturas do destino da alma.

Inspirando-se na leitura dos livros de George Sand, prega o scepticismo religioso, propaga phantasias poeticas que se reduzem a um atheismo desesperado de que é instrumento o naturalismo brutal dos blasphemadores chamados Mesmer e Sedemberg, que explicam os phenomenos moraes pelos magneticos. Da opulencia scientifica, da riqueza e honesta litte-

ratura allemã os nossos poetas pouco tem aproveitado.

Lendo-se os versos de Varella ou os pequenos romances e ligeiros contos, nota-se a influencia que sobre seu espirito tem a hyperbolica litteratura hespanhola.

Ainda não disse que Varella é poeta e já lhe notei os defeitos de sua indole litteraria.

Varella é um typo academico.

E' uma continuação substanciada de Bocage, menos que Manoel Maria no genio repentista, tanto quanto elle o foi no cansativo penar, na incerteza de sua sorte, nas doutrinas, no infortunio.

Conheci Fagundes Varella no dia em que foi matricular-se no 1.º anno do curso juridico.

Matriculou-se e só appareceu depois das ferias da semana santa.

Vivia longe da Academia. Ceias á Lucullo, caçadas á Scott, serenatas á hespanhola, vida de nomada, eis a sua ocupação.

Encontra-se no Braz, na Penha, em S. Bernardo ou Santa Ephigenia, em Pyrapóra ou nas fazendas dos Frades-Bentos e Carmelitas.

Ha dias me disse o estudante J. Americo que Varella foi ao extincto aldeamento do Pary— onde estuda os apodrecidos enredos dos amores de uma indigena, de uma Goyanaz.

Antes de matricular-se esteve como o propheta Anatoth contemplando ruinas — as da Gloria; e provam isso o seu poema *Ruinas da Gloria*, e o conto *Esther*, primores de imaginação.

Varella é o thema das palestras. Contam-se cousas espantosas d'esse moço.

Quando fez exame de geometria, levantou-se no fim do prazo marcado para a prova, e entregou uma ode — a Euripides — em latim; — escreveu sobre os escriptores romanos e disse que Juvenal nunca fez exame.

Quando chegaram a esta cidade Furtado Coelho e E. Camara, elle tentou escrever para o theatro, tendo antes recitado uma poesia a F. Coelho, de que não tenho cópia. Citam-se com enthusiasmo os primeiros versos. Não ensaiou a litteratura dramatica, porque seguio para Campinas, acompanhando um astro que ia irradiar n'aquelle horizonte. Creio que perdeu o 1.° anno por causa d'essa excursão.

Sabe-se que fez uma viagem á côrte, onde conferenciou com seu pae sobre negocios de que a biographia não deve occupar-se; reappareceu em S. Paulo, e escreveu um poema erotico — contra os conegos da Sé de S. Paulo. A satyra intitula-se — *A Terra da Promissão*

Perdi o 1.° canto — o capitulo 1.°; mas os contemporaneos de Varella sabem de cór e

salteado todos os versos d'este futuro Byron. Darei como amostra de seu talento sarcastico as seguintes strophes:

A TERRA DA PROMISSÃO.

CAPITULO II.

I.

Conheceis a cidade onde as beatas,
Em sombrias mantilhas envolvidas,
Nas ruas mal calçadas se abalroam
De rosario na mão? — Onde as tabernas
Regorgitam de vates e oradores,
Que os direitos da plebe preconisam
E deffendem a murros? — Onde a nevoa
Em seus mantos esconde ás horas mortas
O turbilhão sem fim dos namorados?

II.

Em que bairro estamos, fetido, nojento,
Cheio de lama e sombras! — A saraiva
A luz dos lampeões abafa ao longe;
Miam os gatos no telhado; a brisa
Fria e raivosa agita os pecegueiros
Que dos quintaes inclinam-se na rua,
Vergando as grossas taipas. São dez horas
E a noite vai medonha e pavorosa.
Não vêdes esta casa escura e baixa?
Pois bem, vamos bater.— Abrem.— Entremos.

III.

Mal clareado, sordido aposento
De borradas paredes, fundo tecto,
Sem forro, enfumado, se offerece
A nossos olhos ávidos. No meio

Junto de bem provida e lauta mesa
Está sentada uma mulher. — Seu rosto
Poderia ser bello, si as vigilias,
A miseria e o vicio não tivessem
Lhe bafejado os halitos malditos,
Si no dia em que a fome a vez primeira
Fez-lhe escutar seus brados exigentes,
Em vez das garras de voraz abutre
Achasse um'alma compassiva e boa
Um coração piedoso, que soubesse
Quanto é treda a desgraça, e o crime horrendo!

IV.

Quatro crianças pallidas, immundas,
Brincam n'um canto, riem-se, felizes!
Sem presentir o abysmo em que se passam,
Essas noites de infancia, tão formosas
Quando Deus abençoa o lar tranquillo!

V.

Batem á porta: a misera levanta-se
E abre pressurosa. Entra um mancebo
Alto, curvado, envolto em negra capa;
Cinco após elle, finalmente.... um padre!
Um padre gordo, baixo, rubro e alegre
Como um satyro antigo. — « Boa noite »,
Dizem deixando os humidos capotes
Os moços libertinos.— « Boa noite,
Formosa e encantadora Magdalena »,
Mais galante que os outros, diz sorrindo
O rochonchudo, espesso sacerdote.

VI.

Deveis lembrar-vos, meu leitor querido,
Do primeiro capitulo da historia
Que tenho a honra de contar-vos; vistes

Como fôra encontrado no caminho
O gracioso e amavel reverendo,
Heróe d'este poema malfadado.
Sabei agora que o ruidoso bando
De airosos cavalleiros, se compunha
De jovens estudantes que voltavam
Da morada paterna, a proseguirem
Na formosa e afamada Paulicéa
Seus brilhantes estudos. Estes moços,
Amigos do prazer e da alegria,
Deram graças a Deus, de haver achado
Um tão bom companheiro, e resolveram
Trazerem-no comsigo, embora o padre
Allegasse os deveres que o chamavam,
E contra a violencia protestasse.
Sabeis o resto; agora prosigamos.
É na grande cidade de S. Paulo,
Terra da promissão, que este periodo
De nossa pobre Iliada se passa.

VII.

Sentam-se á mesa, — as libações começam,
E com ellas o jubilo rebrilha
Nos olhos dos convivas. O vigario,
Postado junto á nympha macilenta,
Suspira enternecido, os beiços lambe,
E cada olhar lhe crava, tão vorace,
Que ao lampejo tigrino, a desditosa
De mais a mais emmagrecer parece.

VIII.

A alegria recresce de hora em hora,
Chocam-se as taças, as cantigas soam,
O fumo dos cachimbos e charutos
Empallidece as luzes vacillantes
Da sordida espelunca. De repente

Batem na porta. Electrisado, forte
Pelo vapor do vinho, o reverendo
Salta com ar tremendo e bellicoso
A receber o temerario que ousa
Interromper a festa; mas de subito
Depois de a porta abrir, estaca e pára,
Indeciso, perplexo, murmurando
Destacadas palavras sem sentido.

IX.

Uma voz infantil, estremecida
Pelo frio da noite e pelo medo,
Faz-se ouvir supplicante :— « Por piedade!
Deixe-me entrar — murmura — ; já não posso
Suster-me de cansaço !... Elles me alcançam !
Eil-os que vem ! oh ! minha mãe, soccorro !»
E uma formosa imagem de creança,
Loira, de quinze annos, semi-nua,
Atira-se chorando no aposento,
E vae cahir aos pés da Messalina
Que a segura tremendo, e diz olhando
Ao derredor de si medrosa, livida,
— « Maria, tu aqui ! — tu, minha filha ! »

Não comparecendo ás aulas de direito romado e direito natural, soube-se que Varella suicidara-se: um dos seus companheiros espalhou esse boato, e mais tardé confessou Varella ter sido quem o pedira, para observar o effeito e poder conhecer se tinha amigos.

Voltou de Campinas e seguio para a côrte; d'alli voltou e compôz o poema ; entrou em lucta desabrida contra o vigario geral, o deão

e a conezia. Si eu podesse reproduzir o que elle dizia, prestaria um grande serviço ás lettras, porque Varella fez uma excavação litteraria para collocar-se superior ao José Agostinho e ao Diniz. Investia contra os padres, como um capinha contra touros.

A reacção foi tremenda! Esquecia os seus inimigos e em pouco tempo, quem desejasse vêr o poeta Varella, precisava alugar um canivete (cavallo magro) do Capitão, para ir ao Camucy, onde Varella e outros vestiam mulheres á soldado, militarmente, dansavam, comiam, lavavam-se no rio, corriam a cavallo, tocavam e cantavam, com uma differença que d'isto tirava o poeta o partido que elle sabia.

Eu supponho que as extravagancias d'esse moço eram resultado da leitura de livros que elle não podia combater.

Em Roma, por exemplo, houve épocha em que os medicos dissecavam os escravos vivos para examinarem ao natural os phenomenos anatomicos! Os pintores abriam os servos da pena em vida para modelos palpitantes das ancias! Ordenava-se a morte, pela novidade de vêr morrer um vivente, ou para estudar os arrancos da agonia.

Uma noite, o prior do Carmo, Padre Mestre, Fr. Antonio de S. Gertrudes, recebeu em sua

cella um hospede inesperado. Pedio ao padre que o levasse ao locutorio, ao côro e ao refeitorio ; foi aos lugares ; depois quiz ir ao claustro, aos jazigos, á sala do provincial, ao carcere. O padre fez-lhe a vontade. Por ultimo pedio papel, tinta e penna. Era F. Varella. Passou a noite no convento, e durante semanas foi o serão mais appetitoso que os collegas tiveram, porque Varella, além de muita imaginação, quando expõe exaggera. Não o vi por espaço de mezes. Soube, mais tarde, que elle se dirigira á cidade de Sorocaba, onde pretendera organizar uma companhia dramatica, empreza sua, com o plano mais bonito que se póde imaginar : elle compunha o repertorio de seu theatro.

Não passaram 15 dias depois d'esta noticia, vio-o na livraria Garreau, expondo o modo como pretendia escrever as biographias dos lentes e estudantes de S. Paulo. Depois foi morar na republica dos Estados-Unidos, ladeira de Francisco, theatro de maiores phantasias; por ultimo vivia na republica de Sizenando Nabuco, que o prendia horas, dias e noites, com o fim de colleccionar todas as poesias conhecidas, e foi por este meio que appareceu a primeira collecção de seus versos, intitulados — *Nocturnas*. Depois casou-se ; depois foi uma serie de infelicidades ; depois foi a

Pernambuco, onde estudou até o 3.º anno. Hoje não sei onde vive.

Penso que será o maior poeta, si deixar de ser o maior extravagante.

AMERICO LOBO.

I.

Como Deus, das trévas e do somno faz sahir a luz, a vida : — *dixit de tenebris lucem resplendere*; assim a consciencia — Deus do direito, deve livrar do esquecimento as glorias da intelligencia.

Americo Lobo parece um homem *sui generis*. Si eu não fizesse esforços por indagar até onde é verdadeira a sciencia de Gall, cahiria na falta de, approximando a sua physionomia, julgal-o idiota.

Ha sombras que são indefinidas ; ha caracteres refractarios á analyse.

Quem ao perto encarar este academico, á primeira vista, acreditará, que elle sahio de uma orgia de espectros! O todo, o andar, os olhos, a organização physica do corpo, parecem determinar o dansarino lugubre das legendas persas; parece um transfuga da região dos phantasmas!

Ha em S. Paulo muitos fosseis; ha de tudo. Ha dous lentes côxos; um é maluco. Ha estudantes que nem a policia sabe como entraram n'esta cidade, nem onde moram. Elles andam, apparecem nos theatros, nos hoteis, e o proprio Lefevre não lhes dá pelos nomes. Outros aqui vivem, e tendo merecimento, virtude, dignos de toda a consideração, passam desconhecidos.

Excentricos.

Americo Lobo é dos ultimos.

Cursa o 2.° ou 3.° anno. Vio-o na casa de Joaquim Elias — discutindo uma these litteraria na Associação Ensaios Juvenis.

O thema não era novo, porque os compendios de rhetorica tinham dedicido — *Carvalho* e *Blair*. Perguntava-se — *qual das duas escolas é preferivel — a romantica ou classica?* Camillo M. de Brito, Celestino, Figueiredo, e Ignacio de Azevedo, — sustentam a romantica; Americo Lobo, não por convicção e só para haver discussão, historiou as vantagens da classica.

A sua dialectica não é vigorosa, mas a sua

intelligencia tem movimentos bonitos. Arido, ás vezes, outras facil na expressão, e sempre salvando a philosophia moderna dos insultos da ignorancia.

Sophismando para mais augmentar o interesse da questão, elle mostrava que a escola romantica pecca, porque as suas fontes, isto é, a sua inspiração, é a physiologia ; que o realismo apregoado—que a nova escola teria necessidade de chamar em seu auxilio—tambem seria viciado, porque a escola romantica nunca se libertaria das brutalidades das paixões.

Eram d'essa sua opinião Assis Drummond, Moraes Costa, A. Corrêa de Oliveira e Thompson Flôres.

O seu talento de orador pouco inculca as suas convicções politicas; mas, pelo que tenho lido, acredito que o jornalismo lhe dará arrhas para tornar-se um prestimoso combatente nos arraiaes da politica liberal e a sua intelligencia nunca aceitará a missão de celebrar as vergonhas de sua patria, porque elle, pelo que revela, só me convence de que é profundo o seu patriotismo.

Além d'esta occasião, já vi Americo Lobo uma vez no theatro, outra na republica de uns patricios, estando eu bem perto.

Sempre meditativo, só pelas ruas, circums-

pecto em toda parte, doentio, triste, tal o tenho encontrado.

Não sei si é da companhia dos invisiveis, isto é, de uma sociedade de perversos que durante a noite vão levantar as telhas e assombrar as familias, ou laçar cabrito capado para as refeições na figueira do Braz, perto da chacara da Marqueza de Santos.

Não parece.

Em jornaes publicados na cidade de Santos, n'uma *Revista Litteraria* — redigida por Santiago, no *Correio Paulistano*, no *Itororó*, tem A. Lobo impressas algumas das suas poesias.

Ha na Academia detestaveis poetas que não gostam da musa de A. Lobo; elle está pago, com a differença que os enfadonhos poetinhas não sabem o que dizem; A. Lobo é conceituado pelos moços illustrados, pelos mais entendidos.

A. Lobo, como B. Guimarães, é um poeta da solidão — vive na natureza, e os que d'ella se divorciam merecem tanto como N. Garcia e Maranhense.

As suas comparações são abundantes de imagens; tem pharses á Virgilio e pensamentos ricos de ornatos.

Si eu me propusesse tratar de todos os assumptos litterarios, a julgar todos os trabalhos dos contemporaneos, teria serios embara-

ços, por não saber qualificar a natureza de artigos, romances e versos de muitos dos nossos companheiros, que, sendo mediocres, querem passar por grandes poetas, por litteratos. Parece-me que essa critica, essa revista cabe ao Moraes; eu não posso.

Por uma inconsequencia de nossos habitos academicos, os moços de real merecimento são ignorados, e os artesãos de lettras, a mendicidade litteraria querem affrontar e levantam-se atrevidos, contra aquelles que lhes impõem silencio.

Em algumas das poesias de A. Lobo pressente-se o cunho do republicanismo de Schiller; e, si elle entregar-se aos estudos historicos e philosophicos, póde o paiz ter esperança de vêr mais um sincero patriota combatendo pela prosperidade e honra d'esta nação.

São raros os heróes da poesia; mas, si as musas dessem batalha contra os sarcasmos das sciencias do banqueiro buçal e charro burguez, A. Lobo seria um dos victoriados.

E' fecunda em poetas, em musicos, em oradores, em estadistas, em artes, em industrias a provincia de Minas. Eu tenho fé, eu espero que Americo Lobo, Pedro Fernandes, Theodomiro, P. M. Pereira, J. Pinto Moreira e Couto de Magalhães, que, hoje, estão bem longe d'aqui

— hão de levar muito alto as glorias d'esta Academia.

A poesia não será a legisladora para este paiz; mas a illustração d'estes distinctos contemporaneos os habilitará para as grandes posições.

Possa eu testemunhal-o.

Não é a sua melhor producção poetica; mas ao assumpto até devemos ser gratos.

FLOR DAS FERIAS.

Flor das ferias só vive de suspiros,
Sózinha, sem cultores;
Se na esphera reluz a bella aurora,
O aroma de seu seio lembra e chóra
Uns longinquos amores.

Eu amo a pallidez que então revestem
As folhas luzidias;
Oh! tão langue dissereis se evapora
Na saudade do bem que mais lhe adora
As dôces ambrosias.

E ninguem sabe, meu Deus, porque tão bella
Vae triste descorando!
Seu mal é como sons de um canto aério,
Sim dorido, mas cheio de mysterio
Nos ermos desmaiando.

Lá resplende a manhã; eil-a, estremece
De susto e de receio.
Depois pende qual debil sensitiva,
Escondendo c'a frente pensativa
O extasi de um enleio.

É que n'alma affagou doce esperança
De reviver um dia,
Longe, bem longe, quando o peregrino
Cumprir sorrindo seu fatal destino
De tanta romaria.

Oh! que vida de canticos suaves
Alli na soledade!
Riso de outra estação agora expira!
Planta da primavera que suspira
Nas maguas da saudade.

Flor das ferias, oh anjo de doçuras,
Elegia de Deus!
No gemido final ao vento brando
Revela teu segredo miserando
N'um nome, e n'um adeus.

Eu sei que estas não são as melhores amostras da exuberante imaginação d'este poeta, porém exerço um direito, *meum jus*, publicando algumas das poesias que melhor e mais strictamente particularizam os seus talentos.

Tendo de fazer melhores excavações e historiar copiosamente tudo quanto de 1860 e 1864 aqui se escreveu e se publicou, os assumptos litterarios, as capacidades de seus auctores hão de ser ahi mais explanadas.

Consinta-me o leitor em apresentar-lhe mais a seguinte poesia de Americo Lobo — e ella fecha esta primeira serie de meus ensaios.

SCISMANDO.

Eu vi-te hoje, descahida a fronte,
Languidamente ví um scismar sem fim,
E disse ás brisas com o seio em penas:
Soprai serenas, ella pensa em mim!

Não é, oh virgem, n'esse dôce enleio
Tua alma veio a reflectir os céos,
E minha imagem, colibri fugindo,
Pousou sorrindo nos scismares teus.

Como nas flôres se adivinha a messe
Tudo parece annunciar-me um céo.
Tu viste incauta quanto a luz é bella,
Pensaste n'ella desdobrar o véo.

A madrugada estremeceu ardente
Do sol nascente aos amorosos raios:
Assim quizeste, despargindo odôres,
Morrer de amores em febris desmaios.

Ai! que eu não possa no luar sereno
Queixoso threno murmurar-te aos pés,
Pallido em sustos presentindo ainda
Si idéa infinda te annuvia a tez!

Ai! que eu não possa, a teus pés rendido,
N'um ai sentido evaporar meu ser;
Em dôces sonhos, no primeiro beijo
Á flôr do pejo virginal colher!

Ai! tu serias tão ditosa amante,
Astro brilhante que no azul fluctuas!
Em ti saudára o alvorecer da gloria
Gentil victoria das caricias tuas.

Na terra erguêra para ti altares,
Por onde aos ares o teu nome iria,
Entre de incenso nuvens mil cheirosas
Fragrantes rosas de gentil poesia.

Mas, vãos enganos! O prazer que cesse
Nem me conheces, nem pensaste em mim
Pobre do vate! De sonhar de amores
Só, entre dôres, despertou emfim.

Já desde a infancia por extranhas vistas
Em negras listas minha sina eu li.
Ai! nunca, nunca sentirás oh virgem
Esta vertigem que me vem de ti.

Fica ahi sempre, sem calor nem vida,
Flôr embebida no matiz dos ceus,
E não perturbe teu scismar risonho
Mais leve sonho dos amores meus.

Mas, si os suspiros de infeliz lamento
Levar-te o vento no correr veloz,
Si quer respondam a meus ais e prantos
Teus labios santos, tua meiga voz.

Nem tú me escutas nem meus ais respondes;
No céo escondes a formosa tez.
Visão de um dia para mim perdida,
Não mais na vida te verei talvez.

J. JULIO.

I.

Si é verdadeiro, si é aphorismo, senão está negado que o infortunio abastarda os espiritos porque os desalenta, porque os transfigura, o que poderei affirmar a respeito de J. Julio?

Por muito tempo, nas festas litterarias, o auditorio juridico lastimava-se de que não houvesse um poeta. Varella desapparecêra, e a ruidosa litteratura não tinha na tribuna representantes que enchessem aquelle vacuo.

Um marasmo dominava, apodrecia algumas imaginações; chegara-se a um periodo em que não era nada a poesia. Ha phases na Academia de S. Paulo; ha manias.

Algum poeta que apparecia vinha armado de

escopro, trolha e cinzel. Pedreiro; poeta de cal e barro. Os bons, os estimados estavam no repouso.

De repente ouvio-se uma voz, um brado, o écho de um som ao longe, e todos a um tempo esperaram. Appareceu um poeta, era J. Julio.

Modesto, timido, vivia quasi occulto, lá na rua das Flôres, a rua dos poetas.

Menino, póde-se dizer, aos 16 annos, e já era victima de asquerosa inveja.

Os poetas algibebes bem o afastavam de nossas reuniões e J. Julio fez-se conhecido nos primeiros versos que imprimio. O fausto da imaginação, um *feudo* moral, o talento da palavra toda nova na linguagem poetica, foram a sua força ou o seu toque de guerra.

Si houvesse disciplina litteraria, elle era um dos bons instructores; tinha um defeito, não se apresentava.

A adversidade era-lhe mais pesada que a sua constancia; as suas tristezas intimas foram mais energicas que a sua vontade. — Elle desappareceu do meio de nós.

Büchner, o poeta da materia, o idolatra das forças invisiveis do mundo physico, o mais energico combatente da escola dos reformadores que vão enchendo o deserto da historia das sciencias naturaes, — e Zirmmermann, o maior

colorista dos quadros vivos da natureza, seriam os inspiradores de J. Julio, si este desalentado embryão de poeta estudasse e vivesse entre a casta musa e os martyres do coração.

Si J. Julio fosse prosador, filiava-se na escola de Méry, e as suas narrativas teriam o accento e o cunho das festivaes alvoradas de Maio nas restingas dos nossos sertões.

A musa de J. Julio dos Santos é um enleio de gaze, um laço de flocos, languida e ás vezes merencoria como as flôres tristes nos desertos perdidas. O seu throno é a natureza: guardam-o e acatam-o frondosos arbustos. Ás vezes muda de lugar á exigencia da hora ou do crepusculo da manhã, e nessa estancia toda luminosa vai a musa de J. Julio buscar harmonias sempre novas; resplendece fulgurosa á hora do crepusculo da tarde, e n'esse infinito horizonte percorre o vago, o sombrio, o imperio phantastico, o mundo ideal.

Tem versos á *Millevoye*, e vai tão sobranceiro, tão perdido no seu divagar que é caso de justiça pedir-lhe que evite certos abusos de imagens.

F. T. DE MAGALHÃES.

Deixo estudando o 2.° anno este fortalecido talento ; e vou convencido de que hade a presente geração louvar-lhe as glorias litterarias.

Magalhães tem a plangente natureza poetica de T. de Mello e um lyrismo commedido que participa de Casimiro de Abreu, perdendo ás vezes, pelo maldito habito de imitar a A. de Azevedo, e sendo o poeta que mais falsifica o estylo de F. Varella.

Tem sido julgado pelos contemporaneos de diversos modos. Uns denunciam este poeta como sectario das doutrinas de *G. Sand*, e *Pigault-Lebrun*; outros o detestam por ser repetidor das theorias condemnadas de *Brantôme*

e *Balzac*. Eu o estimo porque sou da escola d'estes abençoados por todos os povos.

Sendo muito cedo para elle decidir-se, porque si tem instrucção não é illustrado, e principia ainda agora a formar o seu systema philosophico, não o condemno.

A sua prosa é pouco cuidada, e nota-se-lhe um esforço prematuro em querer privilegios de hombridade com escriptores que elle cultiva.

Actualmente voto a seu favor, si a republica das lettras quizer um embaixador-poeta.

D'elle tenho algumas poesias: a seguinte me justifica, pois eu já disse que Magalhães será muito, si não fôr juiz municipal ou tabellião de provincia.

LUGE ET TACE!

Porque da vida nas fachadas gothicas
Não mais teu nome de esplendor se veste?
Porque tão cedo nas canções eroticas
Teu seio estragas, cherubim celeste?

Da morte a foice, aterradora e plumbea,
Sobre os teus dias se desprende acaso,
— Garça perdida na extensão Columbia
— Per'la de um rio crystalino e raso?...

Quem a corôa da esperança rapida
Roubou-te á fronte e arremeçou-te ao pó?
Quem o futuro, de um sepulchro á lapida
Ligou-te em negro — indissoluvel nó?

Ninguem! tu mesma espedaçaste intrepida
A tela de ouro em que o prazer ressumbra;
Tu mesma ataste na romagem tepida
Teu ramo alegre á funeral penumbra!...

Oh! sim tu mesma a virginal camelia
Lançaste á onda que ao pezar conduz,
E agora intentas — desgrenhada Lelia,
Da estrada santa aproximar-te á cruz!

Roçou-te um genio o divinal psalterio
Onde occultavas vibrações divinas,
E d'elle um grito desatou-se aereo,
Mas triste e agudo como a voz das ruinas.

Presagio infausto da lascivia pallida,
Sentiste o bafo na incendida tez...
Se rasga o insecto a terreal chrysalida,
Teu véo mais puro é lacerado aos pés!

Curvas-te embalde lacrimosa e livida:
Ao teu supplicio a multidão sorri.
Oh! diz-te louca na fereza vivida,
O teu verdugo encontrarás em ti!

Embalde agora da agonia ao cumulo,
O olvido esperas que adormenta as dôres;
Sempre em tua alma fitarás o tumulo
Onde pernoitam da existencia as flôres.

JORNALISTAS ACADEMICOS.

F. R. PESTANA.

Depois da republica de Macedo Soares a segunda que visitei foi a de R. Pestana e Barros Junior — companheiros, ambos fluminenses. A primeira vez que lhe dirigi a palavra tive impetos de esmagar-lhe a cara. Quando um individuo é pouco expansivo, vulgarmente se diz, é um homem secco. A respeito d'este meu amigo, eu offereço uma emenda e não uso de circumloquios: o Sr. Pestana não é secco, é torrado!

O companheiro disse-me que me conhecia muito e explicou-se; no fim de uma quasi sabatina litteraria levantei-me e despedi-me. O Sr. Pestana lá ficou no mesmo lugar — com a

cabeça pregada n'um livro, como uma placa de ferro em parede de bronze.

A influencia da temperatura exterior sobre a economia animal produz phenomenos espantosos. Acreditei que aquelle ser atravessava uma crise. Retirei-me. Poucos mezes depois publica-se o *Tymbira*, jornal politico e litterario.

Barros Junior por diversas vezes me dizia: "*Eu sinto que tu não conheças de perto o Pestana. Nasceu para jornalista.*"

Aquelle grito de alarma pelos liberaes academicos causou apprehensões ao partido conservador, representado na imprensa pelo Sr. João Mendes, e não tardou a resposta. Appareceu a *Lei*, redigida por Miguel Tavares, Monteiro da Luz e, não tenho certeza, si por Mello Mattos, o chefe dos conservadores na academia, moço illustrado, caracter que eu admiro. N'esta batalha de typos, de ideas, de questões, foi bem disputada a victoria.

Atravessava a academia esta phase de transição quando um brado forte, uma manobra surprendente veio abalar ainda mais a tenda conservadora: era Rangel Pestana e outros, que se apresentavam redigindo o *Futuro* e a *Razão*—jornaes politicos.

A atmosphera esteril em que vegetavam tantos e tão robustos talentos parecia ter asphy-

xiado o genio da mocidade academica. Essa reacção abriu uma senda toda nova. Os factos, as idéas foram passando por uma analyse, e como que o presente, condemnando o passado, empenhava o futuro no interesse de uma época que surgia apparelhada pelas forças de uma actividade intellectual nunca vista nem prevista nos annaes academicos.

Rompendo contra a rotina, chamando a si os actos do governo e desvendando a indole do Imperador, estes moços quer de um quer de outro partido, se apresentaram ostensivamente, e não houve ameaça que não fosse punida.

Então fui testemunha do ardor, do enthusiasmo, dos sentimentos de Rangel Pestana, o infatigavel, o mais fanatico dos escriptores politicos de nosso tempo e um dos mais adiantados na historia politica contemporanea.

Nas *Revistas* do *Atheneo Paulistano* eu leio o que escreveram Homem de Mello, Mello Mattos e Felix da Cunha, e tambem o renegado Ferreira Vianna, que lá na côrte escreve contra nós.

Tambem li artigos de Ferreira Dias; mas esses não entraram na peleja, não discutiram a politica, não se misturaram nas refregas dos combates, não podem avaliar o que foi a polemica ora sensata, ora apaixonada, e não é só isso — a tribuna foi investida.

Francisco Rangel Pestana tem artigos de fé politica. Elle respondeu ao folheto — *A Revolução de 7 de Abril*—; combateu o ministerio Ferraz, instruio os textos obscuros das leis sobre guarda nacional, tem analysado a constituição e mostrado o abuso dos governos perversos.

Suas theses de direito publico fazem parte da collecção copiosa de seus estudos e vê-se que este moço se prepara para a carreira de publicista.

Em administração é o que melhor discute; como economista, não o posso julgar, porque ignoro a materia; mas os argumentos sobre finanças, os erros que aponta e que a imprensa adversa não póde refutar, me convencem de que elle estuda e gosa de consideração entre seus collegas. Não é notavel orador, e teve o bom senso de não querer ser poeta.

RODRIGO OCTAVIO.

Este senhor é um maniaco da minha força! Si a existencia não fosse uma propriedade essencial, uma determinação da essencia, um *quantum* da força creadora, nós podiamos supprimir-nos; tenho certeza de que não fariamos móça.

Eu penso que é possivel emancipar a academia da tutella dos lentes; não sei se o conseguirei — vou em meio caminho; elle, quer um partido liberal eterno e um theatro normal!

Não quero fazer resistencia á opinião d'este academico; mas auguro-lhe máo successo, e a razão é historica: quem escreverá? quem o auxiliará? O Instituto Dramatico, que elle, o Dr. Ferreira França, o Dr. Diogo, eu e outros fundámos?

Mudo de assumpto.

Si o sonho é um estado de consciencia e de sentimento, Rodrigo Octavio será um moço util, não sei si affirme, um homem de merecimentos.

Hoje é estudante do 4.° anno, e tem todos os defeitos ou todas as virtudes do seu tempo e da sua escola. Apraz-me descrevel-o e não photographal-o, porque poderia sahir pallido de mais, e a muita luz iria desfigurar o busto de quem eu me arrisco a vaticinar bons fructos, bons actos, boas obras, para fallar a giria dos padres-mestres.

Deixo de pintar o resto para trazer aos olhos de todos a sua boa alma. Quer para si, para a familia, para a Patria — os titulos de honra, de orgulho — obtidos pelos meios que a lei prescreve; quer o trabalho, a educação, a instrucção livre do jesuitismo professado e do dissimulado.

Aborrece as intrigas e perfidias da imprensa desleal, e a todas as ameaças ignobeis dos adversarios oppõe sua dedicação e sinceridade ao serviço de suas ideas politicas.

Não tem planos occultos, não calcula com a desgraça de uns para saber estragar os outros.

Ha nas idades dos povos um guzano que

co-existe com todas as gerações: é a intriga e a calumnia dos partidos politicos. Si é lama, si é peste, Rodrigo não será o transmissor.

Tem sido bom correligionario, e creio que é innato o seu amor á politica que defende, quer na imprensa, quer na tribuna.

É diffuso e prolixo quando principia a orar, e tanto mais sobresahe na tribuna quanto se apodera da verdade que sustenta e não recúa ante o oppositor das suas doutrinas que são justificaveis n'esta idade, deixando de ser exaggerado e hyperbolico, por vicio, pois é belleza, é ornato rhetorico bem cabido em certos casos.

Ou porque não tem estudado, ou porque tem aversão á critica pouco merece n'este ramo litterario. Não é um litterato; tem aspirações, e para ser grande politico é preciso estudar as idéas litterarias de todos os povos para poder conhecer a formação do elemento politico que caracterisa cada uma das épochas.

Tem escripto pequenos contos phantasticos. Ha poucos mezes fui honrado com a dedicatoria de um d'esses ensaios. Sou seu amigo, mas não devo nem por isso sacrificar a consideração d'amisade ás minhas convicções. Esse genero está muito explorado, e quem não poder exceder ou imitar, é melhor contentar-se com admirar.

A vocação de Rodrigo Octavio é para orador ; si quizer estudar, será um dos melhores de nossa tribuna politica. Tem escripto como jornalista democrata, e seu constante trabalho é combater os mascarados politicos, pugnar pelas victorias do catholismo, ferir o ultramortanismo, e procurar nos varões illustres de todas as nações modelos para apresentar aos contemporaneos, que no meio d'estas pertubações politicos vacillam no papel que devem desempenhar.

Levanta das pedras tumulares as glorias da Patria, e escreve epitaphios sobre os tumulos dos martyres da liberdade.

Refuta a calumnia sem injuriar os adversarios. Eis o que tem sido como redactor do *Tymbira*.

Escreveu dois dramas. Um — *Haabbás* — imprimio-o, outro não conheço. Tem mostrado na imprensa e n'este drama quaes são os males da escravidão; acusa o governo de hoje e o primeiro que a introduzio — e n'este empenho não descansará, porque é a preoccupação predominante de seu espirito e deve ser a de todo o brazileiro illustrado. Hoje é deputado provincial na Bahia.

LIMPO DE ABREU.

O meu estylo n'estes traços biographicos é isento de parcialidade, porque ha muito tempo sou de opinião que a verdade é preferivel mesmo em desfavor d'aquelle que merece observações ou censuras.

Tenho seguranças inequivocas, provas bem patentes, peremptorias de que H. L. de Abreu, tal como é, tal o verei mais tarde em posições diversas servindo ao seu paiz.

N'estes dias de incertezas politicas a pleiade dos democratas academicos investe com tal sobranceria contra os idolos bastardos do passado, que fôra acerto confessar ser aqui o ponto luminoso em cuja esphera tem a historia obrigação de parar. Ou porque atravessam os partidos uma crise politica, ou por-

que a exemplo de seu pae Limpo de Abreu arvora a bandeira do liberalismo, o que é certo, o que observo é que tem sido a sua republica um consulado do partido que elle representa na tribuna e nas columnas do *Tymbira*.

Ahi tem elle discutido os mysterios do gabinete, e, fazendo aproximações historicas, tem por outras palavras responsabilizado o partido conservador, que é sempre o mesmo em todos os tempos, quer concorrendo para a demissão de José Bonifacio em 17 de Julho de 1823, tendo sido nomeado ministro em 16 de Janeiro de 1822; quer dissolvendo a constituinte á força armada, em 12 de Novembro de 1823, praticando actos de selvageria e desacatos, como foi prender e deportar o ex-ministro de estrangeiros e seus irmãos.

Tem denunciado o Imperador como o primeiro complice dos actos attentatorios de lesa-constituição e desenvolvido a grande questão de direito publico constitucional, provando que a posição official de ministro ou deputado não constitue um elemento de impunidade.

Vencido de odio contra a corrupção geral, e tendo confiança na mocidade desambiciosa, incita-lhe o apostolado da liberdade de pensamento e dos textos do direito antigo que formam o patrimonio politico, a independencia

de outras nações, tira exemplos para os contemporaneos, e, si lhe falta primorosa linguagem, sobram-lhe conceitos e maximas, sarcasmos e satyras, de que faz predilecção.

Este moço, por sua organisação physica, illude a quem não o teve por adversario. A mansidão, o quietismo parecem ter feito ninho n'aquella physionomia que se poderia dizer d'um santo, si não fosse preciso morrer para vir á canonisação.

Raras vezes falla; poucas palavras; e só discute quando o banal por nenhuma hypothese está encravado no assumpto. Até é languido; parece que só falla á noite, em horas que não o ouçam.

Na republica de Limpo d'Abreu reunem-se os mais distinctos academicos, e alli discute-se dia e noite, quer a respeito das questões litterarias, quer da politica em geral. Durante essas sessões *intra muros*, elle ouve, e quando se lhe dirigem e consultam a sua opinião, emitte-a modesto e circumspecto.

Ha romarias para Santos, Penha e Pyrapora.

Nunca o vi n'esses actos de hypocrisia.

Levantam partidos nos theatros; pateia-se um actor e muitas vezes toda a companhia dramatica; esgrime-se palavra atrevida, distilla-se escandalo vergonhoso. Limpo d'Abreu não se envolve.

É velhice prematura, excentricidade, cynismo?

É dignidade.

Vae á Academia e ás associações litterarias; escreve para o *Atheneu Paulistano* e redige o *Tymbira*. Convida os amigos em dia de anniversario de seu nascimento, vive fóra da crápula e não frequenta bailes de sociedade equivoca. Não publica artigos em outros jornaes, não tem collaborado para a imprensa livre, a não ser o *Tymbira*, nem pertence á familia dos novelleiros perniciosos.

Teria em sua secretaria ou sobre pilastras de ouro os bustos de Ribeyrolles, V. Hugo, Lamartine e L. Blanc, e para estado-maior d'estes prophetas do destino da humanidade, elle reuniria os martyres da liberdade de todos os paizes.

A sua philosophia é inimiga da tyrannia civil e religiosa; combate a centralisação politica e administrativa, e mede a desgraça d'esta nação pelos desazos dos seus homens de Estado.

Orando, sua voz é de pouca extensão, e sua indole pacifica prohibe-lhe ser vehemente e aggressivo. Vence em suas opiniões pela obstinação e coragem que põe ao emprego de suas theorias e ideas. Si estudar e quizer fazer na vida publica o que tem praticado aqui, hei de vêl-o victoriado.

THEOPHILO OTTONI.

É o actual orador do Ensaio Philosophico Paulistano, eleito unanimemente, e veio da victoria eleitoral disputada no recinto do Ensaio, onde foi derrotado o partido conservador da Academia.

A sua tenacidade, sua invejavel actividade, seus inestimaveis serviços ao grupo, ao partido politico a que pertence levaram-no a tão alto cargo.

O numero 3 da *Revista do Ensaio Philosophico*, 12.ª serie, anno de 1862, attesta a sua reputação de correligionario dedicado e terror do bando amaldiçoado.

Vencendo os liberaes do Ensaio na sessão de novos membros, foi impresso o seguinte protesto, em o qual T. Ottoni redigio a sentença de

desterro contra aquelles piratas, e com elle os novos funccionarios, ainda que pelos Estatutos não podesse apparecer o seu nome.

" Protesto. — O Ensaio Philosophico Paulistano resolveu, em sessão de 31 de Maio do corrente anno, protestar, por meio da imprensa, contra algumas proposições exaradas não só no officio de despedida, que lhe dirigiram 22 de seus membros, como tambem em diversas diatribes publicadas em um jornal d'esta cidade.

" Convicto da grandeza de sua missão, tendo em mira a santidade de seus fins, bebendo nas bellas e immorredouras paginas de sua historia lições fecundas, que lhe servissem de pharol na cruzada gloriosa, em que empenhára suas forças, o Ensaio não podia seguir uma linha de conducta, differente d'aquella que pautou suas deliberações. Emquanto as discussões, embora vehementes, tiveram por arena unicamente o recinto de suas sessões, elle permaneceu na sua posição, curvando-se aos dictames da razão e da prudencia. Os factos extraordinarios de que foi testemunha levaram 22 de seus adeptos a dizerem-lhe o ultimo adeus, deixando escapar n'esse momento expressões eivadas de malicia e que revelam em alto gráo a ambição unida ao despeito, a falsidade saturada de todas as miserias da hypocrisia. E

entretanto nenhuma reclamação precedeu a apresentação de tão original documento : todos conservaram-se silenciosos e interrogando a si mesmos o que mais deviam admirar, si a ousadia, a precipitação ou a impudencia.

" E' que o Ensaio Philosophico Paulistano entendia, e entendia perfeitamente, que, uma vez que esse protesto ficasse fechado nos archivos da secretaria, as gerações vindouras, pretendendo estudar a vida de seus antecessores, encontrariam, ao lêl-o, um desmentido cabal e solemne de suas idéas nos papeis officiaes e livros das actas, fontes puras e verdadeiras da historia de uma associação.

" Desde que, porém, uma fracção de academicos houve que entendeu não deverem morrer essas questões no sanctuario augusto de suas lucubrações, e julgou conveniente, recorrendo á tribuna universal, tornal-a o écho das declamações apaixonadas e furibundas de seus mais exaltados oradores, não podia o Ensaio por mais tempo guardar o silencio á vista de factos tão anormaes. Corria-lhe a rigorosa obrigação de reclamar energicamente contra os pretensos zeladores de sua honra e gloria, que inculcando-se sustentaculos unicos da associação, pretendiam, novos Marios, sentarem-se sobre as ruinas da civilisação e com palarvas

entrecortadas de esperança turbarem os folguedos e as alegrias dos victoriosos.

" Não é que o Ensaio temesse o desfilar d'esse cortejo de nomes proprios, que, como satellites, circumdavam o astro luminoso. O reinado das individualidades exhalou, de ha muito, o ultimo suspiro, e quaesquer que fossem o peso, o numero e a importancia d'esses nomes, elles não seriam sufficientes para fazer parar o sol que nos allumia.

" Não tendo, porém, a ventura de ser conhecido por toda a parte, limitadas as suas relações a um estreito circulo, e conhecendo a boa fé que entre nós sóem depositar na imprensa, o *Ensaio* sente a necessidade indeclinavel de destrinçar bem o fundamento das calumnias e baldões contra elle assacados.

" Para esse fim remontará, posto que ligeiramente, aos ultimos annos de sua vida; procurará ahi a origem dos fatos passados hoje, e mostrará á luz da evidencia não serem elles mais do que o resultado de um despeito reprehensivel e infantil.

" Vivia o Ensaio na mais perfeita bemaventurança, quando, em fins de 1860, uma parte de seus membros começou a manifestar symptomas de uma espantosa voracidade de predominio.

" Era o tempo, em que as associações academicas costumam offertar uma lembrança a aquelles de seus membros, que mais recommendaveis se tornaram pelas suas luzes, illustração e serviços constantes e dedicados. Deixava n'essa época os bancos da Academia um moço, que alliava a uma grande intelligencia 5 annos de dedicações em prol do Ensaio Philosophico. Recommendavel por todos os titulos, possuia os dotes necessarios para alcançar o diploma mais honroso.

" Entretanto uma minoria tentou embargar essa prova de gratidão, que o Ensaio offerecia a um de seus mais conspicuos membros. Felizmente essa minoria conheceu o caminho errado que levava e limitou-se a protestar, consentindo que o distincto academico obtivesse por unanimidade de votos o diploma de socio benemerito.

" Os elementos de descontentamento, accumulados por occasião d'essa grande questão, aqui ventilada, foram os incentivos que produziram a lucta eleitoral travada no principio do anno passado.

" E comquanto ahi o lado dominante ficasse, graças a um embuste, empossado nos cargos mais importantes, póde-se asseverar que o grupo adverso ficou senhor do campo de batalha.

" Discriminados os partidos, assim continuaram até o fim do anno. Eram dous lados, cada um com suas pretenções e candidatos. Não havia na linha divisoria que os separava o menor vislumbre de idéas politicas, e a prova é que, tratando-se da votação de socios benemeritos e honorarios, quasi todos os propostos foram approvados, tendo contra apenas um, dous, ou, quando muito, tres votos.

" Este anno repetiram-se as mesmas scenas com mais enthusiasmo. As eleições foram disputadas palmo a palmo. Um dos grupos obteve tão assignalado triumpho, que foram eleitos todos os seus candidatos.

" Terminada a campanha eleitoral, julgavam todos arrefecidos os animos, quando um novo successo veio atear o facho da discordia civil. Por occasião da sessão magna de abertura, o socio encarregado de representar a Associação entendeu dever espraiar-se em considerações geraes sobre a politica do paiz, exaltando a marcha de um partido e deprimindo todos os passos do outro. Levantando-se em seguida, o Orador, declarou que a profissão de fé do Ensaio estava feita n'esse discurso, ha pouco recitado.

" Similhante passo provocou, como devia, energicas reclamações de diversos membros da

sociedade. Não era licito que em uma associação puramente litteraria, tivessem altares as crenças politicas e a pretenção chegasse a convertel-a em feudo de um partido.

" Em seguida a essas reclamações, o grupo derrotado nas eleições levantou-se sustentando que o Ensaio era uma sociedade politica e que a bandeira de um partido havia tremulado em toda a sua vida, desde os mais remotos tempos.

" A' vista d'estas palavras attentatorias de sua dignidade, elle commetteria um delicto, si por acaso deixasse de lavrar uma sentença explicita de condemnação a aquelles que apresentavam-se pretendendo deturpar os seus fins, cuspindo nas suas tradicções e antepondo á causa grandiosa de um principio o interesse mesquinho da conveniencia.

" Consentir que mareassem o brilho de suas paginas, deixar que calumniassem o passado, desvirtuando os serviços e o zêlo de seus avoengos, seria para o Ensaio um crime, tanto mais quando tinha elle em suas mãos todos os elementos precisos para debellar a hydra da turbulencia, que alçava o cóllo.

" Uma medida, prohibindo ao interperte da Associação fallar em politica local nas sessões magnas, foi proposta e approvada depois de luminosa discussão.

" A utilidade de tal medida estava na consciencia de todos, porque tinha ella dous fins mui justos. Em primeiro lugar proscrevia essas doutrinas erroneas, que por ahi vogavam, assoalhando ser a sociedade feudo de um partido politico. Em segundo lugar oppunha um paradeiro a essas scenas tumultuarias, levantadas nas sessões magnas, scenas que acarretam tamanho desar e de que têem sido testemunhas todos os que a ellas tem comparecido.

" Definida a posição do Ensaio, deveriam terminar as luctas, cedendo o lugar aos certames scientificos. Era o que anhelavam todos, mas foi exactamente o inverso do que aconteceu. O grupo, tantas vezes derrotado, deixou-se imbuido em suas exagerações e intentou protelar a marcha da associação, já obstando a entrada de novos socios, que lhe podiam prestar serviços reaes e incontestaveis, já procurando por todos os meios lançar o ridiculo sobre o lado contrario.

" Ainda uma vez o Ensaio pretendeu cortar o vôo da anarchia, que esvoaçava sinistra, almejando tragar a mais antiga associação litteraria de S. Paulo.

" Feridos em seus instinctos, despeitados em suas aspirações, sopeados em seus desejos, os 22 socios que empunharam as armas da turbu-

lencia, retiraram-se, mandando o seu adeus em um officio, verdadeiro amontoado de falsidades e mentiras.

" Eis a historia da grande dissidencia que lavrou no Ensaio. Ella por si só demonstra a falta de verdade, com que são escriptas essas diatribes, que fazem gemer os prélos e a sem razão que dictou o protesto enviado á Associação e publicado em um dos jornaes d'esta capital.

" O Ensaio Philosophico, tendo desempenhado o seu dever, havendo chamado a attenção do publico para a successão dos diversos factos passados em seu seio, poderia recolher-se ao silencio, si considerações do mais elevado quilate não o obrigassem a tornar bem frisante a inexactidão de um dos periodos do referido protesto, quando affirma não poderem os seus signatarios continuar a fazer parte de uma Associação, cuja maioria proclamava alto e bom som — estar prompta a subir as escadas do throno para cuspir na face dos reis.

" Ha aqui uma proposição menos verdadeira e que póde ser facilmente constestada, graças ao restabelecimento dos factos. Um dos socios que se retiraram, em uma immensa catilinaria, deixou bem claro o pensamento de que o lado adverso era regido estupidamente por um bufão.

Em resposta a esta proposição um dos oradores do grupo contrario ergueu-se e declarou, que considerados os partidos, como pretendia o lado que acabava de fallar pela voz de um de seus membros, os bufões não podiam existir no meio d'aquelles, que, conforme o parecer d'esse mesmo grupo, pertenciam á escola de Victor Hugo e estavam promptos a subir as escadas do throno para cuspir na face dos reis.

" Descarnada a base falsa de tão vehemente censura, o Ensaio Philosophico Paulistano pensa ter cumprido com os seus deveres e volta de novo ás suas fadigas, conscio de se haver mantido na altura, que lhe é congenita.

" Protestando a difficuldade com que entrou em questões meramente pessoaes e que deviam acabar na porta da sala de suas sessões, elle declara que só o amor á verdade e o respeito consagrado á opinião publica foram capazes de demovel-o do proposito firme em que estava, de conservar-se alheio ás polemicas individuaes.

" Sala das sessões do Ensaio Philosophico Paulistano, 1.º de Junho de 1862.—*Joaquim José do Amaral*, presidente. —*Joaquim José de Siqueira Filho*, 1.º secretario.—*Estevão José de Siqueira Filho*, 2.º secretario. "

Chamando a attenção dos socios do Ensaio

para os ataques odiosamente dirigidos contra os liberaes pelos homens que se empenham em tornar eterna a infancia d'esta nação e que fazem violencia contra tudo que é melhoramento, Ottoni nunca subio a tribuna que não sahisse convencido de ter defendido a justiça da nossa causa. Eloquentes razões e exemplos de irrespondivel argumento taes eram as armas e os escudos de sua logica.

Tanto mais se apresentava combatendo os adversarios quanto augmentava a perseguição.

O Ensaio converteu-se em tribunal e d'alli sahia a palavra de ordem para a mocidade, e em breve os retrogados, os peões fidalgos ficaram contando por dias as vergonhas de todas as horas.

Não tardou novo apparelho de morte politica; a *Legenda* cahio no seio do arraial inimigo, como o tufão, cego, fatal, mortifero e desapiedado.

Agitando as questões do dia e avigorando a polemica desapaixonada, a *Legenda* salvava a democracia dos sinistros e facciososos artificios dos sectarios de Joseph de Maistre e Donoso Cortez.

Não se ouvio a blasphemia repetida de que Paraná, Tosta e Eusebio eram ou tinham sido os anjos tutelares da patria; provou-se o contrario.

A opposição official, o grupo de deputados provinciaes que se prevaleciam da tribuna quizeram subsidiar esses vencidos e convencidos, porém, debalde; lá mesmo T. Ottoni e S. de Mendonça foram impor silencio á impostura e moralidade á politica. Eram os redactores.

Depois vi humilhações; depois veio a reação, e com esta o brutal e covarde recurso da calumnia.

A quantos liberaes se oppozeram, de tantos foram repellidos, e pelos seus jornaes, convertidos em postes de ignominia, não poderam desforçar-se, porque multiplicou-se o jornalismo liberal e os patriotas do presente e do futuro vieram á imprensa e á tribuna sitiar os inimigos da nação, os homens que sacrificam as suas convicções ás imposições de um credor ou de uma mulher que os domina, e para não dizer que são como os algozes do Egypto, que seguiam a profissão dos paes, ou as parteiras em França.

Essas opiniões dissidentes que representavam a insolencia aristocratica, desappareceram e a Academia regeu-se pelas ideas democraticas, honrando-se de ter o apoio de muitos dos lentes que no seio da Representação Nacional têm elevado este grande partido, partido de

Jesus Christo, porque prega contra o monopolio e quer a propriedade garantida, as leis observadas, a victoria do direito, a justiça da historia.

T. Ottoni servio a esta causa.

S. DE MENDONÇA.

Não está em S. Paulo; interrompeu a sua carreira.

Rico talento, moço infeliz. Morou na rua da Tabatinguera, republica de T. Ottoni; era o seu companheiro.

Depois da republica de Limpo de Abreu a mais concorrida era a de T. Ottoni.

Alli estava a Gironda.

Todos os jornaes do imperio, todas as revistas, todas as biographias, todos os catalogos, livros e brochuras sobre politica do paiz e do estrangeiro alli entravam. Era o tabernaculo do partido liberal academico.

Desconfiava-se dos homens e acreditava-se na humanidade; entrar n'aquella republica era o mesmo que ser carbonario ou christão novo no

tempo colonial. A policia guardava aquelle quarteirão como uma loba a cria. E' tão acariciativa, tão expontanea, tão dedicada a policia!...

Quem por alli passava depois das 9 horas esbarrava contra vultos de patibulares aspectos. Havia espião dia e noite.

A Legenda espalhava-se e nos boletins denunciava ao Presidente da Provincia e á *propria policia* estes repetidos encontros.

Prendiam os typographos a pretexto de faltarem ao serviço activo da guarda nacional, e, si eram menores, recrutavam-os, e até que provassem, que justificassem ter pae e mãe ou tutor, atrasava-se a composição. Si era prezo um, appareciam dois para a typographia.

Espancaram na Moóca, perto da Ponte, um dos entregadores; era casado, mandou o filho mais velho substituil-o.

O successo da *Legenda*, suas opiniões, seu criterio guiavam a mocidade, e na redacção da parte litteraria principalmente sobresahia a intelligencia investigadora de S. de Mendonça, de quem tenho lido artigos de critica de uma copiosa litteratura.

E' o autor da lenda — *Singairu*, que foi impressa com alguns versos de Macedo Soares editados por Mello Mattos, que os apresentou.

Theophilo Ottoni e S. de Mendonça hão de ser os jornalistas directores de partidos. Associados, não serão dois homens, mas uma legião que combate.

Como poeta, não lhe conheço outra producção. Sei que tem publicado pequenos contos e poesias aqui e na côrte; não as possuo.

Não é agitador, não capitanêa grupos politicos, não fez eleições na Sé, nem fóra da cidade, mas dirige clubs em sua republica, e quando ha necessidade de combate nas eleições das Associações onde mais sobresahem as tendencias politicas dos moços, elle mystifica quem póde e apresenta-se na hora da peleja.

Foi assim; hoje não sei o que faz, onde vive.

Lembro-me d'elle como um fiel alliado, o menino-homem, o girondino da vespera e do dia.

A casa onde morou é sombreada por um frondoso arvoredo; alli escreveu os seus pequenos romances, os poemas amorosos.

Discreto e prudente, não comprometteu seus amigos nem adversarios em questão de competencia litteraria e politica.

Escrevendo a respeito das acções heroicas e gloriosas dos vultos da independencia, elle não se esqueceu de pôr em relevo os crimes e as

atrocidades dos falsos patriotas, traidores e fingidos brazileiros.

A historia antiga nos transmittio Ulysses, Ajax, Agamemnom e Achilles como heróes da brutalidade. S. de Mendonça poderia provar que as victimas da liberdade foram muitas, porque o direito era selvagem, informe, e a lei um simulacro, de modo tal, que n'aquelle tempo nada se tinha por seguro e perfeito si o jesuita e o rei não sanccionavam. Commentando a vida e a historia dos partidos, S. de Mendonça recorreu muitas vezes a Armitage — o pintor da côrte durante o 1.° Imperio.

Si este laborioso talento cultivar a intelligencia e fizer o que eu não posso, isto é, romper pelo pragal medonho do arido deserto onde a politica é um écho funebre, e podér explicar as metamorphoses da historia e as transformações inesperadas das civilisações, seu paiz achará n'elle um auxilio e um homem que não comprometterá a posição que lhe der.

Seu fanatismo pela regeneração politica de sua patria; a imparcialidade e o estudo o devem preservar dos falsos juizos, dos *juizos iniquos*, de condemnações superficiaes, dos desdens presumpçosos.

A geração presente, que se engrandece nas

luctas litterarias e scientificas, detesta os improductivos, os parasitas, e honra-se de ter visto na fileira dos combatentes victoriados — o fraco orador, o bom jornalista S. de Mendonça.

B. DUARTE.

Linguagem correcta, intelligencia rica de subtilezas, pomposo na tribuna academica, voz forte, feliz nos argumentos, sempre innovando a phraseologia, nunca repetindo palavras cansativas, philosophia politica vigorosa, caracter independente, arriscando suas convicções em beneficio e sustentação de suas ideas, boa figura, altivo, ás vezes orgulhoso, tal é Belfort Duarte, meu collega de annno, e já bem conhecido como estudante no collegio de Pedro II.

Tem escripto no *Futuro*, na *Legenda*, *Correio Paulistano* e nas *Revistas Litterarias*.

Bom estudante de direito, columna do partido liberal academico.

A proposito do livro de Theophilo Braga—

auctor do poema *Visão dos Tempos*, publicou um folheto intitulado — *Uma festa da intelligencia* — no qual celebra as glorias, o talento-prodigio, a imaginação enorme, sorprendente, descommunal de T. Braga.

As *Legendas do seculo* fazem perfeito hymeneo com a *Visão dos Tempos*.

Victor Hugo commentando Shakespeare, T. Braga explicando as idades, dão-se as mãos, e n'esse conchego o genio-rei, abraça a intelligencia-soberana.

« Entre os grandes vultos, que se agrupam illuminados pelo esplendor da gloria, no immenso pantheon do XIX seculo, ha um cuja estatura gigante amesquinha, e faz parecer vulgares todos os outros. »

É esta a figura do auctor das *Orientaes* e em poucos annos T. Braga irá, pela sua imaginação, pelo seu fecundo talento, hombrear com os primeiros poetas d'este seculo. Tal é a dissertação em copiosa prosa que B. Duarte offereceu aos contemporaneos d'aqui e de todos os paizes onde os pensadores, ao passar pelas ruas, pelas praças, pelos recintos das academias são detidos até que o povo faça alas.

As theses preferidas, o elemento, a constante preoccupação do espirito de B. Duarte tem sido o estudo das questões mais palpitantes da

actualidade: — a emancipação dos escravos e a pena de morte.

E' abolicionista — combate essas duas anomalias e deriva os males, o atrazo do paiz da procrastinação do governo em não agitar as questões, que elle e outros provocam na imprensa d'esta capital, nos discursos e nas sessões maçonicas.

Aponta os vicios da primeira monarchia e responsabiliza a dynastia reinante por seus repetidos escandalos e fraquezas, sempre escrava da mais desastrada logica do erro. É mais historiador do que philosopho e o seu estylo poetico é inferior ás suas qualidades de illustrado prosador.

Depois de S. de Mendonça foi Belfort o companheiro de Ottoni na mesma republica.

Escreve satyras politicas; e alguns artigos grotescos, eivados de sarcasmo, sabe-se que são de sua penna. Quando discute, a exposição é viva, animadora, e mostra-se nos menores accidentes um fanatico defensor das idéas liberaes. Não se intimida com os apparelhos da forca, si por estes principios, por suas idéas fôr punido de ordem do rei, porque entende que a morte do homem honrado, e não póde ser honrado quem não é patriota, entende que essa morte é origem de beneficios, de victorias successivas, tanto mais, quanto é certo, que ao

homem de convicção da escola que elle defende, arranca-se a fortuna, a coragem nunca!

Decidindo-se pela fórma de governo democratico, mostra ter estudado as opiniões dos publicistas mais adiantados, porque dos seus artigos politicos infere-se que dá como preferida a democracia, por ser o governo mais simples, o mais salutar dos povos, o que melhor concilia os interesses, o que reune todas as vantagens reaes de outras fórmas de governo e comporta a applicação dos principios rãcionaes que determinam a constituição normal dos poderes publicos, e d'esta opinião é o mais adiantado escriptor, o notavel Schutzenberger.

As *Horas de trabalho* de Eugenio Pelletan, *A democracia na America* de Tocqueville, os *Tratados sobre politica em geral e Economia politica* de Baudrillart, as grandes e utilissimas conferencias dos escriptores allemães que tem revolucionado a idade média e dirigido o espirito humano, a humanidade livre durante estes ultimos trinta annos, e as maravilhosas ideas dos publicistas inglezes que estão em lucta contra a historia dos ultimos reinados— são os reductos que servem de defeza aos seus progressivos estudos.

Dos contemporaneos é B. Duarte um dos mais distinctos.

Q. DOS SANTOS.

A estatuaria, no progressivo desenvolvimento que tem tido n'estes ultimos annos, acharia na figura, no perfil de Quirino dos Santos um modelo para transmittir os caracteres physionomicos dos homens privilegiados em talento e aptidões diversas no empenho do bem, da felicidade publica.

Eu disse que Bittencourt Sampaio é sympathico e não esculpi as faces, as grandes qualidades moraes de todos, nem mencionei as impressões que estes semblantes causam a quem os observa.

Cumpro esse dever.

Pedro Luiz, Belfort Duarte, Salvador de Mendonça, Quirino dos Santos, J. Julio, Nabuco, Rodrigo Octavio, Macedo Soares, Ferreira de

Menezes, Guimarães Junior, em bustos, poderiam decorar as salas das Academias, dos Institutos scientificos, das Universidades e Bibliothecas.

Si eu fosse geologo, talvez chegasse a este resultado: — tal solo, tal planta; e si eu fosse ao mesmo tempo physiologista, diria: — tal cabeça, tal intelligencia; tal physionomia, tal vocação.

Aos poetas assignalou Deus com traços caracteristicos que os distinguem.

N'estes rostos ha um continuo agitar das harmonias do espirito; elles são o throno da poesia.

Varella tem em seu rosto o resumo de todos os typos. Ha traços de louco, porque tem os do genio.

Eu previno a objecção.

Podem perguntar: — então o genio é a loucura? Não; tanto mais que um louco póde produzir; isto é, *póde praticar actos de sabedoria, mas um ser racional não deve praticar actos de loucura*; mas a loucura — essa noite da consciencia — é a aberração do juizo, e porque o homem de genio pratica actos extraordinarios, fica superior aos demais viventes, costuma-se dizer: — o homem de genio é louco. E o homem de genio não é o homem de espirito.

Quirino é um talento poetico; é modesto

em apparencia. Orgulho na sombra, tufão que se prepara, rio que ha de inundar.

Aquelle perfil de conspirador romano bem inculca a coragem de um espirito energico, de um coração patriotico.

A litteratura tem sido para esta intelligencia uma innocente recreação; hade-lhe ser um constante penar, porque noto-lhe tendencia para esse estudo.

A magestosa serenidade de seu caracter e a gravidade de seus actos, hão de o elevar.

Estimo-lhe a figura litteraria, porque não é affectada.

Tem publicado, nos jornaes do *Ensaio Philosophico*, algumas poesias.

Transcrevo a seguinte:

O SACY.

(LENDA.)

« Que tens tu, oh, Mariquinhas,
Porque é essa pallidez?
Tristeza que nunca tinhas
Te pousa na linda tez.

Inda ha pouco no terreiro
Saltavas a traquinar;
N'esse teu rosto trigueiro
Não se via um só pezar;

Sorrias sempre contente,
Já hoje não sorris;

Cozias tão diligente
Cantando sempre feliz.

Já hoje tua cantiga
É toda cheia de dôr,
E Anninhas, tua amiga
Não buscas mais com amor.

No quintal as tuas flôres
Todas pendem a morrer;
Do sol os quentes ardores
Não lhes vais arrefecer.

Que tens tu, oh Mariquinhas,
Porque é essa pallidez?
Tristeza que nunca tinhas
Te pousa na linda tez!

Mariquinhas, minha neta,
A causa toda já sei,
De andares tão inquieta;
Agora já adivinhei!

Aquella vasta silveira
Além dos campos alli,
E *assombrada* a noite inteira
Por um medonho *Sacy*.

É elle que vem horrendo
Montar nos bons animaes;
A noite toda correndo
Ai! quanto susto nos faz!

Foi alli elle que tu o viste,
Que a tua face beijou...
Depois d'isso é que assim triste
A minha neta ficou.

Mariquinhas, minha neta,
Neta do meu coração,
Não quero te vêr inquieta,
Inquieta mais assim, não!

Vae contricta e humilhada
Te prostrar aos pés de Deus;
Expiar, jura, emendada
Os graves peçcados teus.

Que has de ter infinito
Prazer immenso a fruir,
E o *Sêrêrê* maldito
Para longe ha de fugir.

Eia pois, oh Mariquinhas,
Finda a tua pallidez;
Tristeza que nunca tinhas
Não tenhas mais d'esta vez! »

Assim fallou a velhinha
No seu sizudo fallar;
Aconselhou a netinha
E logo poz-se a rezar!

Mariquinhas magoada
Não responde á velha, não!
Ai! pobre, de envergonhada
Ficou a olhar para o chão.

Mas de noite a janellinha
Do seu quarto s'entreabrio,
E houve quem visse asinha
Que um vulto a ella assumio!

Como ella deixa a deshoras
Um vulto junto de si?!
Venham cá dizer-me agora
Que não seria o *Sacy!...*

A vivacidade subtil da intenção do poeta, ainda mais poderosa que a sua imaginação, obriga-me a não ter receio de comprometter-me apresentando Quirino como um talento feliz para composições d'esta ordem.

Si eu podesse encher o immenso deserto que atravessa a historia das ideas litterarias da Academia, collocaria no bosque mais frondoso a musa circumspecta deste poeta, que tambem é jornalista, e mais tarde, talvez, um correcto orador.

APPENSO.

Está comprehendido na segunda parte ou segundo volume um estudo mais meditado e creio que mais copioso. Ahi eu apresento aquelles contemporaneos que reservei para biographar depois de os acompanhar na vida publica.

Philosophos, jurisconsultos, litteratos, historiadores, polemistas, criticos, jornalistas, politicos, romancistas e poetas. Além d'estes ha um grupo que eu intitulo — *Retratos a broxa ;* outros *Retratos a carvão.*

Apresentarei um projecto para a fundação de uma Universidade no Imperio, as biographias

dos lentes e a historia do jornalismo politico na capital desde 1831 até 1864.

Estudos economicos com referencia ás industrias da provincia, a historia da colonisação, e as biographias de Vergueiro, Costa Carvalho, General Tobias, Machado, e Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, e do Exm. Sr. Conselheiro Vicente Pires da Motta, cuja vida na senda politica e no magisterio, tem sido um apostolado digno de respeito.

FOLHETINS.

FOLHETINS DO CORREIO PAULISTANO.

I.

S. Paulo — 1861.

O folhetinista. — A procissão ou publica exposição do Santissimo Sacramento. — Historia d'esta instituição religiosa. — Uma syllaba litteraria.—As esperanças da provincia.— Corridas.

O jornalista previne a catastrophe e castiga a infamia; é a obra da reflexão. O folhetinista illustra e dirige os grandes nucleos das capitaes —é historiographo e chronista, tendo a energia laconica quando noticía, e palavras cheias de capricho quando analysa. A's vezes é machina, outras é nuvem e quasi sempre não vive; palpita. Tem o coração duro como um systema, cruel como uma abstracção. Tudo conhece, tudo vê, nada o apaixona. Sua cabeça

é como o inferno dos gregos — homem na fórma, demonio no espirito.

Monogamo mysterioso!

Ás vezes, ao lado da vida, colloca as sombras, o vago, para tornar mais surprendente a lucta entre as conjecturas da duvida e as approximações da analyse. Vinga a virtude ultrajada e salva a justiça.

A procissão de *Corpus Christi* é uma solemnidade facil de comprehender pelo seguinte traço historico. Os sacramentarios hereges, por esse nome conhecidos, negaram a presença real de Jesus Christo na Eucharistia ou a *transubstanciação*; heresias e erros que obrigaram a Egreja a instituir essa solemnidade.

Eis a historia.

A festa de Deus ou a exposição do Santissimo Sacramento é um culto particular prestado á Jesus Christo.

A Egreja celebrava esse augusto mysterio na Semana Santa; porém, como os officios e as ceremonias n'esses dias são longos, julgou-se melhor estabelecer uma festa particular na quinta-feira depois do Domingo da Trindade.

Quando appareceu a heresia, o Papa Urbano IV instituio essa solemnidade para toda a Egreja. Autorisou S. Thomaz de Aquino a que compozesse para essa festa um *officio* todo piedoso e

tocante: é o *Pange-lingua gloriosa*. Em 1316 o Papa João XXII accrescentou a esta festa uma oitava, com ordem de levar publicamente pelas ruas da cidade, em procissão, o Santissimo Sacramento.

E' o que em toda parte, onde a religião catholica reina, se observa. A instituição foi em 1019 para combater principalmente os erros de Beranger. Até hoje o mundo catholico tem respeitado esse sublime mysterio.

E' justo que nós, por nossa vez, respeitemos esses *canons*. O Brazil, que é catholico, respeita esses dogmas da religião e sabe que a Cruz no novo mundo tem sido a causa de seu engrandecimento. Desde que legiões de missionarios se precipitaram por esses desertos, embora alguns compromettessem a causa da Egreja; desde que as florestas abriram caminho ao Evangelho e as tribus nomades foram educadas por Nobrega e Anchieta desde as margens do Paraguay até o Amazonas, a raça brazil entrou nos dominios dos destinos humanos.

A litteratura, que é a expressão do pensamento, tem, em nossa academia, zelosos levi-

tas que nessa religião das ideas prestam culto á sua divindade. O mundo, em seu desenvolvimento progressivo e uniforme, percorre duas epochas, uma physica e outra moral, e entre as duas naturezas ha uma phase intermediaria que funde aquellas mesmas em material e espiritual.

A intelligencia se encarrega de descriminar as competencias de cada uma.

Actualmente, aqui, eu menciono o que observo. Os talentos academicos preoccupam-se com os estudos comparativos; uns illustram-se na tribuna, outros na imprensa.

Nesta semana o movimento do theatro é devido a Nabuco, que vio o seu drama representado; Reis escreve poesias, Pamplona e Luz fazem romances.

Um novo cyclo administrativo começa. A administração da provincia desassombra-se das incertezas que a acabrunhavam. Os interesses materiaes vão ter uma significação propria; a violencia cede á prudencia e á ponderação; o direito será sustentado. O enigma administrativo foi substituido pela acção profissional.

Aureos dias se annunciam. Os expedientes

politicos perderam o prestigio; a lavoura, a industria agricola vão occupar o seu legitimo lugar.

O bairro da Moóca — amphitheatro dos Jockeys — animado e quasi esplendido pela decoração de physionomias risonhas, esteve atrevidamente orgulhoso. Os amadores escolheram aquella aprazivel região, toda opulenta de flôres e varzeas, e essa preferencia está justificada; a Moóca correspondeu ás exigencias da arte equestre.

Foi um recreio para todas as classes. Os homens ricos apostaram grandes sommas; os estudantes as mezadas de um anno; as moças presentes de doce das freiras da Luz. Eu estava atacado da *onça*.

II.

23 de Junho de 1861.

Concurso á cadeira de substituto. — Festas religiosas.—Theatro — *Dalila*, por Octavio Feuillet. — *Justiça*, por Castello Branco. — Palpitações de Maria pelo Dr. Langgart. — Bailes.

Grave como um jurisconsulto romano; rigido como um systema methaphysico, foi o ultimo concurso para a cadeira de lente substituto.

Celebrava-se no altar da consciencia o sacrificio do estudo.

A oblação foi offerecida pelos levitas juridicos Dr. Ferreira França, e Padre M. Mamede.

Admiraveis e valiosas foram as ideas e a dissertação do Sr. Dr. Ferreira França; cheias de capricho e estudo foram as exposições philosophico-juridicas do Dr. Mamede.

O Dr. Ferreira França é a razão na sua maior energia; elle proprio é o elogio da erudição.

O Dr. Mamede é o esforço n'um supremo obstaculo.

O Dr. França tem o prestigio que lhe investem dous pergaminhos; o Dr. Mamede um escudo — é o terceiro concurso que faz.

A prosperidade das academias depende dos talentos. Distinctos jurisconsultos têm a nossa Faculdade.

E' preciso no meio das incertezas e das agitações do nosso seculo, em que pouco se pratica e tudo se prepara, que a nossa academia, preenchida no pessoal, opere uma epocha resplendente para a gloria das victorias das nossas intelligencias tão illustradas — quer me refira aos lentes, quer aos estudantes que cursam as aulas superiores.

A aridez dos negocios que se debatem no fôro tem affectado a mocidade, e o estudo do

direito poucos cultivadores contará, si uma reacção deixar de innovar a rotina.

Vico e Gravina deram á Europa a sciencia do direito, e no seio da celebre Bolonha agitou-se a revolução scientifica que é a justa preconisação do VII seculo.

Depois Irenius, Bastole, e o immortal Alciat, precursor de Cujacius — engrandeceram o templo. Mais tarde Montesquieu e Beccaria, Kant, Hugo e Savigny desceram á analyse infinita para justificar ou desmentir as audaciosas syntheses que a litteratura e a philosophia lhes tinham negado.

Pelo auxilio benefico da philologia e da critica, esperamos ter a nossa edade aurea no reinado da sciencia. E' preciso, portanto, que a consciencia do direito tenha um culto.

Do fundo do coração levanto a voz para imprecar contra a indifferença em materia de religião. A doutrina evangelica que em outros tempos venceu o ferro, o fogo — hoje é desprezada; sabe-se que a moral de Christo é preferivel á dos philosophos estoicos, porque o sacerdote assim o repete.

Os Hebreus obedeciam aos preceitos do Talmud! Os judeos da Synagoga eram mais adiantados que nós!

A Biblia é desdenhada. O *Flos Sanctorum* para os impios é o romance que melhor lisongea os sentidos. Deus, a religião, a moral vão sendo substituidos pelo *calculo mercantil* — pela libertinagem, pelo sacrilegio.

Os sanctuarios com que a piedade dos nossos paes consagrou a vida de Jesus Christo já não recebem em seu seio almas contrictas; a nobreza, a aristocracia, os augures da moeda, o orgulho, e a vaidade não se occupam d'essa religião porque ella préga a caridade e a sociedade é egoistica.

Emfim! já houve em S. Paulo quem roubasse as alfaias de uma egreja!

Eis o estado a que chegaram as crenças...

As producções scenico-dramaticas bem inculcam o movimento e progresso do theatro em S. Paulo.

O artista Furtado Coelho — que em remota época será o Ajax do palco — e a sua melhor artista, Eugenia Camara, escolheram o drama *Dalila* para estrearem.

Si Furtado e Eugenia fizessem da arte um *funebre cantochão*, eu regougaria um *De profundis*. Beaumarchais tinha razão em querer que o theatro fosse uma tribuna. Não teve muitos

continuadores ; porém Octavio Feuillet legislará para a scena moderna.

Nos geraes da Academia ouço repetidas vezes o calouro e o bicho, o 2.° annista e os bedeis discutirem sobre theatros — e os compendios foram abolidos.

O livro preferido é o drama.

Esta mania durará oito dias.

A historia da Princeza de Falconière, reduzida aos seus termos positivos, aos dramas tempestuosos que ella agitou, seria a epopéa das mulheres orgulhosas, se não fosse a satyra das hydras humanas.

André Roswein é a parodia de André del Sarto ; Carnioli é a lenda de Tartufo sem assassinato ; Sertorio é a arte em seu occaso, pedindo ao mundo que lhe escapa, uma inscripção que o recorde. Eu aborreço o folhetinista banal, prolixo, pateta ; por isso, concluo.

Saudo o Furtado e Eugenia, esse dualismo que forma a unidade artistica.

O drama de Castello Branco, tem um merito — o estylo e o assumpto — na altura do auctor.

O codigo mysterioso do auctor das *Abençoadas lagrimas*, tem artigos de uma severidade que acabrunha as consciencias.

A escola dramatica de Camillo tem origem nelle proprio.

A scena comica do Sr. Dr. Langgart foi bem interpretada. O auctor conhece os episodios da vida academica, a toilette da *cocotte*, o coração de donzella, o segredo e a magia da caixinha de costura perfumada, mysteriosa, somnambula . . . Deve continuar. Foi applaudido.

Os Rio-Grandenses academicos offereceram um baile a S. Ex. o Sr. Dr. João Jacintho de Mendonça. Não é fabuloso o prestigio dos estudantes de S. Paulo quando querem usar de suas forças, mas é espantoso.

A fé que esse baile teve um fim ; um grande pensamento o realisou.

Felicitando o seu distincto conterraneo, avivaram as glorias da provincia do Rio-Grande do Sul, d'essa heroica provincia que no meio das mais cruentas batalhas foi lembrada por Garibaldi, toda a vez que nas ultimas pelejas na Italia comparava os seus soldados á cavallaria e brio militar rio-grandenses.

Os Bahianos preparam grandes festejos para solemnisar o dia 2 de Julho.

A' Bahia immensa ; á Bahia sempre heroica e sublime no seu patriotismo, os meus sinceros respeitos, a minha admiração.

A CIDADE DE S. PAULO.

A CIDADE DE S. PAULO.

Sua fundação. — Luctas de familias contra a corôa. — Guerra civil. — Erros de seus chefes politicos. — Virtudes dos paulistas. — Os primeiros sertanejos. — Mineralogistas. — Tempos coloniaes. — Reacções politicas. — Primeiros patriotas. — O Reino Unido. — O Imperio.

I.

A carta regia de 24 de Julho de 1711 elevou S. Paulo a cidade.

Em 1552 os jesuitas fundaram um collegio, hoje palacio do governo, onde celebraram a primeira missa no dia da conversão do Apostolo. Oito annos depois teve o foral de villa.

No angulo da confluencia do rio Tamanduatahy e o ribeirão Hinhangabahu principiou a colonia, meia legoa distante do rio Tieté que passava ao norte.

A provincia, na sua maior extensão de leste a oeste, contém 188 legoas das de 20 ao gráo —

e na de norte a sul, 100, o que está verificado pêlos engenheiros e sob a auctoridade de seu melhor geographo, o Sr. Brigadeiro Machado.

Estudando-se a ethnographia, a posição, clima, a chorographia da provincia, póde-se, com o auxilio da architectura antiga, de que ha grandes vestigios, determinar que os primeiros povoadores principiaram a edificar no valle entre o rio e a collina, tendo esta sido preferida depois de se observarem as invasões fluviaes.

Os goyanazes aborigenes d'esta parte do territorio, tendo Tebiriçá por seu cacique, dominavam grande extensão. Do rio Tieté que hoje aformosêa o arrabalde da Luz, até o Urugay, vivia o gentio barbaro — o *bugre*. Ao norte da parte oriental estavam os carijós, e ao sul, os goyanazes.

Das primeiras familias da Hespanha e Portugal, que vieram procurar fortuna e se estabeleceram conjuncta e simultaneamente com os jesuitas, e dos naturaes, formaram-se os paulistas.

Não faço um estudo das raças: é façil comprehender que em poucos annos os nascidos aqui foram assenhorando-se de tudo.

Filippe II, apoderando-se de Portugal, pôz em alarma as colonias portuguezas. A victoria das armas de Hespanha, o dominio do Leão de

Castella eram causas de terror sobre os animos de todos os que receiavam os excessos da tyrannia.

Alguns jesuitas menos ambiciosos aconselharam aos povos que residiam na zona paraguaya para que deixassem seu plantio e habitação e fossem, pelo centro dos desertos, fundar outras colonias. Oppozeram-se-lhes os paulistas que foram-lhes ao encontro. Armando os indios e concitando-os á revolta, deram combates e foram tão temidos que sua fama ainda se repete.

Ao valor bellico, á actividade de suas correrias, em defeza do que guardavam como legitima possessão, á sua independencia de caracter, ao seu orgulho, e á resistencia que oppunham aos aventureiros deve-se a riqueza e a prosperidade d'esta provincia, de Goyaz, Matto Grosso, e Minas. Ás imposições, aos desacatos da corôa, oppozeram seus homens importantes, e quando se viram desconsiderados pelas intrigas dos jesuitas, fizeram-lhes o que deviam : repelliram, porque eram executores das ordens dos soberanos.

O collegio de S. Paulo de Piratininga, fundado para a educação da raça portugueza, e mais tarde, durante o tempo do padre Anchieta, servindo para a educação dos indios, ficou desprestigiado.

Foi tal a opulencia a que chegaram os paulistas, que, desprezando as ameaças de punições na forca e no desterro, ficaram em campo e proclamaram-se independentes.

Um chronista do Imperio diz: —" A riciproca opposição de duas familias, querendo cada uma occupar exclusivamente os cargos da republica, pol-as em campo de batalha, cada uma na frente de seu exercito, promptas e determinadas a debellarem-se, si a prudencia de alguns ecclesiasticos não persuadissem os chefes do compromettimento de entrarem na governança d'alli em diante sempre em igual numero de cada familia. "

O que prova?

Que os paulistas eram homens que não toleravam usurpações; queriam a victoria do direito, a lei das compensações, faziam justiça, queriam a igualdade legal.

Depois alimentaram por muitos annos uma rivalidade entre elles e os taubateanos de que resultram mortes de familias inteiras entre uns e outros, e uma serie de desgraças de que ha menção nos historiographos e chronistas mais imparciaes.

Repetiram-se as reclamações do governo da republica paulista; foi por alguns annos motivo de revolução, e ferio-se batalha na memo-

ravel campanha de 1631, seguindo-se a guerra civil, a mais encarniçada — guerra de paulistas, e mais não devo accrescentar !

O que foi o impeto e a sanha da peleja d'estes leões humanos?

O que foi ?

Póde-se desenhar, o pintor póde imaginar no quadro: eu não sei descrever essa luta entre paulistas, depois entre elles e europeus.

Os seus chefes politicos comprometteram a sorte da sua phantasiada republica, e enfraquecendo a audacia e os recursos, entregaram aos primeiros governadores os segredos das suas emprezas, dos seus recursos, o que foi razão para as grandes calamidades durante o principio da mineração de Minas Geraes.

Por vezes os paulistas pediram que não ihes mandassem governadores senão da primeira grandeza do Reino. Porque ?

Eram ricos, opulentos, intelligentes, emprehendedores, valentes ; dominavam os ermos e os fócos populosos ; venciam as féras e os selvagens, os rebeldes, e punham no bom caminho o estrangeiro que não os respeitasse.

Os mais rigorosos, os mais abastados foram muito longe, pelo interior dos sertões explorar os grandes rios, abrir caminhos aos jazigos de ouro e outros productos mineraes, e com

elles as familias, seus parentes, e assim se foi enfraquecendo a legião, e, divididas essas forças, uma nova ordem de cousas succedeu, vindo o governador Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho em 1710 organizar a capitania de S. Paulo.

Aqui residiram os governadores ; o ouvidor da comarca, que era o provedor dos defuntos, capellas, residuos e juiz da corôa ; o juiz de fóra, que tambem era dos orphãos e procurador da corôa, auditor da gente de guerra ; aqui viveram aquelles famosos deputados da junta da arrecadação da real fazenda, tão estupidos e despoticos, que d'essas qualidades faz menção o Dr. Balthazar no seu poemeto — *Septimo*.

Em compensação aqui tambem houve, n'aquelles tempos apocalypticos, uma aula de grammatica latina, de rhetorica, de philosophia, theologia dogmatica e moral.

II.

S. Paulo!

Não és a captiva odalisca no harem do sultão vigiada por eunuchos como te descrevem os libertinos ; não és a meretriz impudica das praças

de Roma da decadencia, applaudida pelos abjectos e torpes adoradores da materia assassina. Desde que a noite cerra as claridades do horizonte nas tuas ruas não ha o trafico infame da prostituição; as mulheres perdidas estão em todas as cidades do universo; onde ha grandes sociedades, grandes populações, ellas tambem ahi estão, mas aqui não atacam os homens, não levam a esse ponto a impudencia, não fazem profissão exclusiva d'essa crapula, não trazem a policia em alarma; não são habitualmente publicas, não ha duellos, ferimentos, espancamentos, nem a ordem publica é perturbada; não és a cidade que, ha 20 annos — um genio! o maior poeta que esta geração conheceu, transmittio á posteridade.

A sentina do vicio, o residuo asqueroso das immundicias está na côrte, está em Londres, está em Paris, onde ha lugar para tudo e exercita-se esse *merecimento* com escandalo da religião e das leis.

Lá, sim, lá porque o governo legisla para essas mulheres.

Na vetusta Europa, principalmente, a prostituição é permittida; quem a exerce ostenta-a; até certo ponto subsiste tolerada, apezar da severidade da moral e das leis de policia.

N'essas grandes cidades tudo é permittido.

As mulheres equivocas, de má indole, como que são productos dos máos governos, e á proporção que os politicos se corrompem, ellas vão-se multiplicando como se fossem mysteriosos instrumentos propagadores da corrupção geral.

Aqui, não!

Eu sei que a indigencia, para reparar seus males, vende a belleza em prejuizo da honra, mas não a justifico, não legitimo esse attentado de enorme lesão á familia, á honestidade, á integridade da honra, do pudor da mulher. Nunca!

Não és, S. Paulo, a cidade que um poeta de imaginação, um talento creador, aprouve-lhe descarnar; e, si n'aquella época elle concluia da fraqueza de poucas para a de todas, eu rectifico esse erro.

III.

Cedo a penna a Emilio Zaluar, que por alguns dias conviveu com a maior parte d'esta mocidade e com as pessoas mais qualificadas aqui nascidas. Hontem, E. Zaluar procurou-me, e hoje, na republica do academico Nabuco, elle acaba de lêr o que transcrevo e offereço cheio de satisfação — porque vivo n'esta cidade, e

um dia que passa augmenta outro que hei de perder longe d'este povo, d'esta abençoada terra.

A CAPITAL DE S. PAULO.

" Eis-me finalmente na capital da provincia de S. Paulo, depois de uma tão longa e variada peregrinação.

" D'aqui a poucos annos, quando o trilho de ferro e as locomotivas cortarem as planuras que acabo de atravessar e nivelarem esses terrenos, que parece estão já predispostos pela natureza para receberem este grande meio de communicabilidade, outros viandantes virão depois de mim e realizarão em poucas horas o trajecto em que gastei tantos mezes; mas não gosarão de certo, como eu, o encanto de quem gosta de descobrir e observar todos os dias um ponto, uma curiosidade, um accidente novo, nos dominios do que lhe era até então desconhecido.

" Pelo que tenho contado aos meus leitores, terão elles sem duvida feito desde já um juizo do que são as povoações do norte de S. Paulo, consideradas debaixo dos seus pontos de vista mais importantes. Os elementos naturaes de riqueza e de prosperidade abundam por toda parte. A terra vigorosa e fecunda, convida os homens á actividade e ao trabalho.

" Estes, porém, nem sempre lhes respondem com a energia e a confiança que ella lhes requer. A indolencia natural das raças seminomadas, a falta absoluta dos conhecimentos mais rudimentaes, o esteril affan dos mesquinhos interesses e das posições activadas pelo ocio e pela geral indifferença com que se encara o futuro d'esta terra, tudo isto concorre para o esperdicio de forças que, aproveitadas utilmente, seriam de grande alcance na obra da civilisação, mas que, desviadas d'este caminho pela inercia, fraqueza ou ignorancia dos que podiam imprimir-lhe um movimento salutar, se perdem, esgotam e inutilisam, sem consciencia do seu valor nem remorso da sua esterilidade.

" Fazendo estas reflexões nas minhas ultimas horas de viagem, antes de chegar á capital, achei-me junto da pittoresca egrejinha de Nossa Senhora da Penha, pouco mais de uma legoa arredada de S. Paulo, delicioso e poetico lugar onde o povo de todos estes contornos costuma fazer as suas romarias.

" O dia estava delicioso, e a pureza do horizonte dava um brilho luminoso ao espectaculo que se desenhava diante de nossos olhos.

" No extremo de uma paizagem infinita, accidentada com a elevação das collinas, o leito

de avelludadas planicies, viam-se transparecer por entre a verdura as torres das egrejas e as paredes alvas das habitações da cidade de S. Paulo, reclinada aos pés do rio Tamanduatahy, do ribeirão Anhangabahú, e envolta ainda n'esse manto de ligeiros vapores com que a natureza desperta de seu somno nas primeiras horas da manhã.

" Entrámos finalmente em S. Paulo pelo lugar chamado — Braz. É um dos arrabaldes mais bellos e concorridos da cidade, já notavel pelas elegantes casas de campo e deliciosas chacaras onde residem muitas familias abastadas, ao lado todavia de alguns casebres e ranchos menos aristocraticos, mas que nem por isso deixam de formar um curioso contraste.

" Apezar da magestosa natureza que a circumda, da elevação em que se acha collocada e do ameno clima que a bafeja, a cidade de S. Paulo é triste, monotona e quasi desanimada.

" Quando os estudantes da Faculdade de Direito vão a ferias, então é que se reconhece melhor o que acabamos de dizer e tivemos occasião de verificar. A mocidade academica imprime á povoação, durante a sua residencia n'ella, uma especie de vida ficticia, que, apenas interrompida, a faz recahir, por assim dizer, no seu estado de habitual somnolencia.

" A antiga cidade dos jesuitas deve ser considerada, pois, debaixo de dois pontos de vista diversos.

" A capital da provincia e a Falcudade de Direito, o burguez e o estudante, a sombra e a luz, o *estacionarismo* e a acção, a desconfiança de uns e a expansão de outros, e, para concluir, uma certa monotonia da rotina personificada na população permanente, e as audaciosas tentativas do progresso encarnadas na população transitoria e fluctuante.

" Apezar dos seus 46,000 habitantes ; de ser assento da Assembléa Provincial e residencia do Presidente da provincia, de ter em seu seio o Bispo diocesano e em seus braços a Faculdade de Direito; de contar no numero dos seus mais importantes estabelecimentos um magnifico jardim botanico, uma bibliotheca notavel e um seminario episcopal, o hospital da misericordia, a casa da camara, a cadeia, o palacio do governo, o hospital militar e o dos lazaros, a sé, de que é orago o apostolo S. Paulo, a egreja de Santa Iphigenia, o convento do Carmo, o mosteiro de S. Bento, o convento de S. Francisco, onde está a academia, o convento das freiras da Luz, os seus dous theatros ; e finalmente de suas industrias, de seu commercio, de seus capitaes em circulação, de seus hoteis apinhados

de viajantes; a cidade de S. Paulo é monotona, e nos seus dias de festa, em vez do riso jovial e franco, é taciturna e reservada como uma beata que vai á missa das almas com o rosto escondido na mantilha e as contas do rosario a apparecerem por baixo das rendas de um mantelete de seda.

" É que o antigo collegio dos jesuitas, é que a povoação rival da Villa de Santo André, a quem destruio e aniquilou, conserva, ainda hoje, em seus habitantes, seus costumes e em suas usanças, alguns traços tradicionaes, esse cunho de mysteriosa concentração que os jesuitas sabiam imprimir por toda a parte, não só ao povo como aos edificios, e, o que é ainda mais, á natureza e ao proprio ambiente que os rodeava.

" Eis o que o primeiro aspecto de S. Paulo desperta no espirito de quem observa e estuda o caracter de seus habitantes, e a dupla physionomia de seus semblantes, de sua população com verso e reverso como uma esphinge.

" Si fosse nosso intento n'estas ligeiras impressões dar mais largo desenvolvimento a este nosso trabalho, só a cidade de S. Paulo nos forneceria assumpto para um curioso volume; porém, sendo-nos ainda preciso tratar de outras muitas povoações que visitamos, deixamos para mais tarde dar ao publico o resultado de nossas

observações, e especialmente dos importantes subsidios historicos que nos foram ministrados e de que esperamos fazer uso mais opportuna e apropriadamente.

" Si bem que o caracter dos paulistas seja geralmente desconfiado, e algumas vezes pouco sociavel, convem dizer que as excepções são tanto mais agradaveis quanto, por um contraste que não é raro encontrar nos estudos de physiologia social, estas primam pelo excesso de uma requintada amabilidade!

" Algumas familias conhecemos ahi, cujos nomes occultamos para não nos ficar o exemplo de offender a sua modestia, onde fomos recebidos com essa intima cordialidade, essa paternal expansão que nos faz gosar, no meio de uma sociedade estranha a todos os encantos do nosso lar distante e dos entes que nos são mais caros na vida. Alem dos notaveis edificios e de alguns bellos templos que adornam a cidade de S. Paulo, as suas ruas principaes são largas, bem calçadas, e nas suas, pela maior parte, elegantes lojas encontra-se hoje em profusão tudo quanto se pode desejar, tanto para satisfação das exigencias da vida como para os desejos mais requintados do luxo e da moda, quasi pelo mesmo preço por que se compra na côrte.

" Com as relações que S. Paulo tem com tantos pontos do interior, e sobretudo o interesse que lhe deixa a permanecencia da Academia, o seu commercio não podia deixar de ser prospero, de grande movimento.

" S. Paulo tem sido berço de muitos varões distinctos pelas suas virtudes civicas e por seus talentos. As suas gloriosas tradições a este respeito não tem sido desmentidas até hoje, pois continúa a merecer a capital d'esta provincia os fóros, que sempre lhe couberam, de patria de muitas das maiores e mais bellas intelligencias do Brazil. O caracter dos paulistas, ameno e franco em tracto familiar, se bem que desconfiado no primeiro encontro, dá-lhes um certo cunho de particular originalidade que os não deixa confundir com os habitantes de nenhuma outra provincia do imperio. A falla d'este povo tambem tem um descanço e um sotaque que lhe é peculiar. No meio d'esta população pacifica, se bem que activa e laboriosa nos seus habitos de reclusão, e para qual o presente parece contentar a maior parte das ambições, pois que não se esforça por sahir do jugo das antigas usanças e de muitos costumes rotineiros, eleva-se uma colmeia mais ruidosa, infatigavel em sua acção, regorgitando de vida, prompta em todas as manifestações

d'essa vontade espontanea que produz o desvario e alimenta o genio, mas que entreabre aos propicios annos da mocidade as mil avenidas mysteriosas do futuro, e são os habitantes d'essa colmeia as abelhas douradas que fabricam ao sol da juventude os primeiros favos da sabedoria e da sciencia. Tivemos occasião de viver na intimidade de muitos d'esses neophytas do futuro, que devem um dia honrar a sua patria concorrendo com o contingente de sua intelligencia para a marcha e desenvolvimento do progresso social, e essa convivencia reaccendeu-nos, por assim dizer, o fogo de nossas convicções e de nossas crenças, tantas vezes e tão cruelmente desmentidas pela positiva realidade dos factos, vivas sempre no espirito dos que descobrem, além dos limites acanhados do presente, um outro horizonte mais luminoso e azul !

" Um homem que tem crenças, diz um escriptor notavel, vale por noventa e nove homens que não tem mais que o interesse egoistico de sua propria individualidade ! E é assim.

" Este elemento de força no concurso dos esforços sociaes é uma verdadeira alavanca da civilisação, sobre tudo quando a elle se juntam dous grandes motores, o da intelligencia e o da riqueza.

" Pois bem! todas essas forças activas e potentes estão consubstanciadas em grande parte n'esse grupo de mancebos que estudam hoje nos bancos de uma academia, uns precedidos já do brilhante renome de suas familias, outros obscuros e desconhecidos, mas trabalhando todos para a obra commum de sua patria, e representando para ella todas as suas esperanças, as suas aspirações e o seu porvir.

" Sem perder nada do typo caracteristico e particular porque geralmente é conhecida em toda a parte do mundo essa tribu de bohemios do estudo a que se chama estudantes, os da Faculdade de Direito de S. Paulo tem suas feições que lhes são proprias e especiaes.

" A maior parte d'elles habitam, divididos em grupos mais ou menos numerosos, constituindo um certo nucleo de familias, em casas ou aposentos a que dão o nome de *republicas*.

" Estas republicas são formadas ordinariamente pelos filhos de uma mesma provincia, conservando-se d'este modo, no meio da promiscuidade de suas relações geraes, o espirito de provincialismo, que sempre distingue os diversos ramos da população nacional.

" E' sobretudo entre os filhos da provincia de Minas que este espirito de fraternidade local se torna mais digna de attenção. Os mi-

neiros são geralmente intelligentes e vivem mais concentrados que a maior parte dos seus collegas, entregando-se ao estudo com dedicação, e direi até muitas vezes com excesso.

" Esta, a provincia do Rio de Janeiro e a de S. Paulo são as que fornecem maior contingente ao curso juridico estabelecido na capital. Os rio-grandenses seguem-se-lhes depois em numero, e os das outras provincias do Imperio são em muito menor quantidade, especialmente os do Norte, o que facilmente se explica, lembrando-nos que lhes fica proxima a Academia do Recife.

" Os estudantes de S. Paulo não vivem já n'essa cynica miseria de que fallam as curiosas tradições da antiga Coimbra.

" Hoje peccam talvez pelo extremo opposto. Além das commodidades indispensaveis a uma existencia modesta, grande parte dos estudantes adornam as suas confortaveis habitações com muitos objectos de luxo e de gôsto, não lhes faltando quasi nenhum dos regalos que tornam a vida amena e aprazivel.

" A cadeira sem fundos, a mesa de pés quebrados, a velha garrafa servindo de castiçal, cahiram completamente em desuso entre os estudantes de agora.

" Não sei si o drama e o romance perderam

n'isso; mais o que posso affirmar é que o asseio e os habitos da regularidade domestica ganharam muito. Não se pense, porém, que o ardor turbulento da juventude se arrefeceu com esta nova face que lhe imprimio o cunho da moderna civilisação.

" A mocidade academica de S. Paulo é vivaz, inquieta, brilhante e enthusiastica, e não despreza as prerogativas de que sempre gozavam os estudantes de Coimbra e Salamanca, não lhes ficando atraz na originalidade das invenções maliciosas e no bom partido que nos primeiros annos da vida se costuma tirar do tempo que não é exclusivamente consagrado aos trabalhos do estudo. Até em sua linguagem não lhes falta essa *giria* particular que serve para occultar aos profanos carrancudos a estrategia de seus planos escolasticos. Se bem que desde ha muito tempo o espirito de associação litteraria se haja desenvolvido vantajosamente entre os estudantes de S. Paulo, cumpre confessar que hoje sobretudo esta tendencia, favoravel estimulo do talento, está em um dos seus periodos de mais bella plenitude. Os amigos das lettras não tem arrefecido no seu culto, e, seja dito em abono do presente, é esta uma importante garantia do futuro.

" Eis os periodicos litterarios e semi-politicos que actualmente se publicam em S. Paulo,

redigidos pelos estudantes da Academia de Direito:

A Revista Mensal do Ensaio.
Ensaios Litterarios do Athenêo Paulistano.
Memorias do Culto á sciencia.
Ensaios Litterarios do Club Scientifico.
Esboços Litterarios.
Revista Dramatica.
Murmurios Juvenis do Amor á Sciencia.
Ensaios da Brazilia.
O Kaleidoscopio.
O Lyrio.
O Tymbira.
A Legenda.
O Votante

" Fomos obsequiados pela maior parte d'estas associações, durante o tempo que residimos em S. Paulo, com a nomeação de seu socio honorario, e apraz-nos confessar que, entre as provas de sympathia que temos recebido em nossas fadigosas carreiras, são estes titulos que mais nos lisongeiam e honram, pois mostram o apreço que a mocidade intelligente tributa, espontanea, ainda aos mais humildes operarios das lucubrações litterarias.

" Temos posto em parallelo os dous grandes elementos que compõem a população da capital na provincia. Este facto não devia deixar de

ser assignalado, pois fórma pelo seu contraste um dos mais curiosos estudos que se podem apresentar ao espirito do observador.

" Os habitantes da cidade e os cursistas da academia são dous corpos que se não combinam, se não produzindo um precipitado monstruoso. Fórma uma mistura; porém, continuando a servirmo-nos de uma comparação chimica, nunca poderão realizar uma verdadeira combinação. No em tanto, apezar de toda esta diversidade de pensamentos, de habitos, e costumes que caracteriza os dous ramos da população da capital, é esta uma das condições infalliveis da sua prosperidade. Tirem a Academia de S. Paulo, e esse grande centro morrerá inanido.

" Sem lavoura e sem industrias montadas em grande escala, a capital da provincia, deixando de ser o que é, deixará de existir.

" Até o cortejo official da sua administração publica, que parece assegurar certas condições de estabilidade, será seduzido um dia pelas vantagens de um porto de mar como é o de Santos, quando o grande caminho de ferro em construção fôr o entreposto natural de todo o movimento industrial e commercial entre as povoações interiores do sul e o principal mercado da côrte. "

IV

Eu agradeço ao Sr. Zaluar esse traço historico a respeito d'esta provincia, da população da capital e da Academia.

Bem longe dos luxuriantes bosques, das varzeas e collinas, dos rios e lagos, das flôres e das aves que formam o conjucto de attrativos de tantas bellezas naturaes, eu vivia.

O rio Tieté, antigo Anhemby, poetico e sempre novo nas lendas indianas, paga o feudo de passar em teus dominios, ó Paulicea, e recebe as romanescas balsas que o Tamanduatahy lhe precipita no dorso impetuoso onde este acaba e aquelle une-se; o rio Tieté, que não denuncia, mas guarda silentes, vivas e puras as tradições de duas idades, os amores e as paixões, as fallas e as dôres da formosa guayanaz, indomita no ciume, e reclusa na tribu por ter amado um emboaba; o rio Tieté, é tributario d'aquelle gigante que estende um braço á serra da Bocaina e o outro á cidade de S. João da Barra, onde nasci.

Quem lá vive recebe o perfume de tuas violetas, e respira o ambiente de tua atmosphera. As aguas são grandes ruas, os tubos electricos do tempo, os correios da natureza.

Lamartine, ante a natureza, a vegetação da Turquia, julgou-se pequeno. Eu, ao contemplar as tuas maravilhas naturaes, julgo-me — nullo.

Quem veio a esta zona privilegiada, si a atravessou pelo interior, ama o Creador na sua obra; si veio pelo o oceano e passou por Santos, ha de parar na serra do Cubatão, a celebre serra de Paranapiacaba, que faz objecto de alguns romances de assumpto nacional; e, para mais não aborrecer o leitor d'estas banaes considerações, direi, hade parar o viandante ao defrontar a cascata que impera no respaldo do monstro de pedra, n'esta serra da qual falla o distincto litterato Dr. João Cardoso de Menezes e Sousa, um dos fundadores da dynastia do talento na Academia Juridica de S. Paulo.

A SERRA DE PARANAPIACABA.

> Subio a escabrosissima serra de Paranapiacaba.... Encurva-se n'esta paragem a mencionada terra firme, composta de serras altissimas, com a figura de arco imperfeito, e comprehende no seu semi-circulo as ilhas e lagamar.
>
> (Fr. Gaspar da Madre de Deus — *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*, § 114).

Dorme, repousa em teu somno,
Da força assombroso emblema,
Que tens o Oceano por throno
E as nuvens por diadema!

Immovel, silenciosa,
Ergues a fronte orgulhosa
Ao solio da tempestade;
E os preludios da tormenta
Vaes ouvir, de medo isenta,
Do espaço na immensidade.

Salve! soberbo gigante,
Altivo titão do mar,
Que a teus pés triste descante
Ouves a vaga entoar!
E em teu manto de esmeraldas
Envolves as vastas faldas
E as empinadas cimeiras;
E a briza te agita os cachos,
E os verdejantes pennachos
Da corôa das palmeiras!

Teus troncos, gravados do sello do tempo,
Agitam aos ventos as soltas madeixas;
Quaes harpas eolias, sussuram nos ares
Canções magoadas, sentidas endeixas.

És berço do raio! Sublime harmonia
Entôa em teu seio o trom dos trovões,
E os echos ao longe repetem em côro
A orchestra tremenda de roucos tufões.

Do raio ao ribombo horrendo,
E ao som do trovão que estruge,
De pavor estremecendo,
A feroz panthera ruge.

Une-se á orchestra assombrosa
Uma nota sonorosa
Que do fundo abysmo sahe...
É o som da cataracta,
Que em alvos flocos de prata
N'um leito de pedras cahe.

Que magestade sublime!
Que pomposa poesia!
Jehovah seu dedo imprime
N'este quadro de magia
Esta cascata da serra
Parece um hymno que a terra
Espontanea aos céos eleva.
Então nossa alma se humilha,
E ao vêr esta maravilha,
Na gloria de Deus se enleva!...

Occultas nas veias, ó serra fragosa,
De ouro e de gemmas thesouro infinito,
Retalham teu solo torrentes sem conto,
Que nascem das urnas de rijo granito.

Povoam-te as selvas e negras gargantas
Innumeras feras e enormes reptis;
Ahi cantam aves que as côres do iris
Desdobram nas azas de vario matiz.

Horriveis despenhadeiros,
Profundos, vertiginosos,
São os degráos altaneiros
De teus tergos magestosos.

Ás vezes de horrendo tombo
Se escuta o surdo ribombo
Que ao longe resôa a espaços...
É despegado rochedo,
Que ao erriçado fraguedo
Se vai fazendo em pedaços.

Além, que plaino azulado
Se prende no azul dos céos!
É o mar, que encapellado
Ergue os moveis escarcéos!
Então a vista desmaia
No espaço que além se espraia
A perder-se no infinito:
E esse immenso panorama
Do Eterno o nome proclama
Na face da terra escripto.

Desenham-se ás vezes, arfando nas ondas,
As velas de um barco da briza enfunadas;
Qual alva gaivota que a flôr do Oceano
Brincando desflora com as azas nevadas.

Dos topes aereos, estreitos e golphos
Semelham regatos talhando as campinas;
Quaes pontos esparsos desdobram-se aos olhos
As casas e torres, ilhéos e collinas.

De teu pico o sol dourado
Se balança a fulgurar;
E o seu clarão desmaiado
Verte a lua sobre o mar.

Outro céo de anil scintilla
Na superficie tranquilla
D'esse espelho tremulante;
E embaixo a vaga chorosa
Beija a areia preguiçosa,
Morrendo em flôr alvejante.

Quem sabe se o cataclysmo
Que punio a humanidade
Não te fez surgir do abysmo
Das ondas na immensidade?
Quem sabe, fragosa serra,
Se és coetanea da terra
E do berço oriental?
Quem sabe de quanta vida
Tú foste a extrema guarida
No diluvio universal?

Plantou-te nos mares o braço divino,
Ingente montanha, barreira das ondas.
Quem déra perder-me comtigo nas nuvens,
Tambem devassando mysterios que sondas!

Prodigios que encerras, são cordas sonoras
D'uma harpa sublime de maga harmonia,
Que os hymnos que exhala perenne descantam
A gloria do Eterno de noite e de dia.

V.

Os titulos mais publicos, mais invejaveis, mais gloriosos que ornamentam o teu presente não excedem aos do teu passado.

Aqui esteve Martim Affonso, aqui assignou a carta de sesmaria que concedêra a Pedro de Góes.

Aqui esteve Anchieta quando fundou o collegio para educação da infancia portugueza e dos indios, e começou em 1554 a egreja que está annexa hoje ao palacio do governo, reconstruido e melhorado.

A egreja foi concluida em 1681, como é facil de verificar lendo-se a inscripção gravada na cimalha da porta principal.

A egreja do collegio! onde aos domingos affluе metade da população á missa dos preguiçosos.

Aqui Tibyriçá e seu sobrinho deram batalha aos tupis e carijós, capitaneados por Araray, e foram repellidos.

Em consequencia das feridas recebidas n'esta campanha, morreu em 1562.

Os goyanazes victoriados quizeram depôr Martim Affonso.

Aqui o celebre João Ramalho, tão elevado no poema *A Confederação dos Tamoyos*, onde o poeta celebra a valentia de Cayuby, Tibyriçá e outros, fez o seu testamento, *declarando que tinha noventa annos de domicilio n'esta terra.*

Aqui fundaram os carmelitas, em 1596, o seu convento, onde tantos moços achavam a

caridade evangelica praticada; esse convento onde o franciscano Mont'Alverne, padre mestre Peres e Santa Gertrudes tanto abrilhantaram a tribuna sagrada. Esse convento do Carmo, onde a mocidade paulista, hoje velhice illustrada e sabia, Gurgel, Pires da Motta, Marcellino, Chaves e outros prestimosos sacerdotes, e outros que não seguiram as ordens sacras se educaram, ainda recebe no seu refeitorio, dando gasalhado em suas cellas aos carecidos de fortuna e aos que não necessitam.

Quanto vos devo, ordem carmelitana!

As decisões do capitulo carmelitano foram por muito tempo sentenças e leis para os povos da então capitania.

Em 1598 os frades bentos fundaram o seu mosteiro, que ainda hoje presta serviços á religião e á pobreza.

Aqui, permitta-se a anáphora, presenciaram os nossos antepassados a expulsão dos jesuitas, pelo que foram os antigos paulistas qualificados desordeiros, barbaros, aventureiros e outros epithetos de que é fecunda a ira jesuitica em todos os tempos, e eu protesto contra taes calumnias, porque n'aquella epocha, si houve pacientes e martyres, foram os nossos.

Portugal, isto é, o rei D. João IV, vio n'esse movimento a força do caracter independente da

geração que mais tarde, em seus descendentes, abolio o despotismo.

Aqui foi acclamado rei Amador Bueno, e este, para não acceitar o cargo (ser rei é ter emprego), refugiou-se no convento de S. Bento.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, convencido de que não poderia levar os paulistas como os rebanhos inconscientes, precisando vir aos campos de Piratininga, soube que os paulistas oppunham-se, o que foi bastante para elle não tentar.

Em 1655, por provisão de 24 de Novembro, teve S. Paulo o privilegio para que seus vereadores sahissem sempre das familias Pires e Camargos.

Em 1681, devido á reputação de seus pacificos cidadãos, teve S. Paulo o fôro de cabeça de capitania, e a solemnidade memorativa d'essa honra praticou-se em 27 de Abril de 1683.

Os intrepidos paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira, em 1695, levam ao governador do Rio de Janeiro as primeiras amostras de ouro da capitania de Minas.

Em 1699 é nomeado 1.° ouvidor o Dr. Antonio Luiz Peleja; um anno depois o paulista Barba Gato descobre as minas de Sabará.

Em 1709 lavra-se o termo na camara de

S. Paulo, pelo qual os paulistas se obrigaram a marchar para Minas com o fim de debellar os emboabas rebeldes ao governo portuguez.

Em 1715 publica-se um bando á ordem régia para que nos cargos publicos tenham os paulistas precedencia aos nascidos em Portugal.

Em 1719 estabelecem os paulistas no Maranhão as primeiras fazendas de criar.

Em 1765, a 6 de Janeiro, a carta régia instaura a capitania de S. Paulo em governo independente do Rio de Janeiro ! Quem estudar a chronica de Goyaz, Matto Grosso, Minas e S. Paulo, e confrontar as emprezas, os commettimentos dos navegadores do oceano mineralogico, d'esses paulistas corajosos, e fizer aproximações, caminhará de sorpreza em sorpreza á proporção que analysar as narrações dos escriptores, dos historiadores e chronistas desde Pizarro até Saint-Hilaire, o sabio naturalista, o melhor juiz das nossas luctas contra os bandoleiros, e o que mais se sacrificou á verdade historica de que fez monopolio Ferdinand Denis.

Não posso fazer violencia ao texto d'este estudo, e limito-me ao que foi gloria e motivo de celebridade para esta cidade.

Aqui estiveram e praticaram os actos de tyrannia e alguns de justiça os Tavora, Rodrigo

de Menezes, Caldeira, Gomes Freire, Mascarenhas, Lopo de Saldanha, Carlos Menezes, o Conde de Sarzedas, governadores, cujo dominio e prepotencia assignalou no drama — *Caetaninho* — o Sr. Dr. Paula do Valle, que nos transmittio esse moço, typo da fidelidade, do patriotismo e victima dos carrascos assalariados pelos jesuitas que foram expulsos pelos paulistas.

Depois veio um bispo que não era instrumento do rei; depois succederam-se Castro de Mendonça e França Horta, dous governadores rotineiros, mas bem intencionados e os seus actos foram continuados pelo Marquez do Alegrete e o da Palma.

Finalmente deixam de cruzar as ruas os instrumentos da tyrannia, e os apparelhos do despotismo sepultam-se nos ultimos dias do governo do Marquez de Aracaty, que deixou longa posteridade.

Crizes das epochas! Passagens tremendas das idades!

Proscripções dos destinos, quem ha ahi que vos resista?

A 25 de Abril de 1819, João Carlos Augusto de Rienhausem, ultimo governador, foi testemunha do *bando* publicado n'esta capital, declarando a adopção do systema constitucional representativo no Brazil.

Essas repentinas mudanças que alteram a vida normal dos povos dão assumpto ao poeta épico para erguer em pedestaes de ouro os nomes dos patriotas.

O dia 13 de Março de 1821, em S. Paulo, é uma data historica.

Aos 20 de Maio elegeram-se n'esta cidade 31 compromissarios pelas parochias, afim de nomearem eleitores da parochia e estes os da comarca que tinham de eleger deputados para as côrtes de Portugal.

Devia ser aqui o throno do povo livre, por que não demorou o grito de nossa emancipação politica, devida á reacção, á resistencia que os paulistas oppozeram as ambições das cortes portuguezas. No dia 23 de Junho a po pulação d'esta cidade despertou do somno para contemplar a primeira manifestação dos libertadores d'esta patria que hoje tambem defendemos, porque é nossa, porque foi salva pelos nossos paes. No dia 23 de Junho de 1821 houve um pronunciamento popular dirigido pelos homens que mais tarde salvaram este paiz da rapina, da conquista, do feudalismo, da ignorancia, do despotismo politico.

Installou-se n'esse dia o governo provisorio, composto de 15 membros para a administração da provincia, e cinco mezes depois essa

junta governativa representou ao principe regente D. Pedro I sobre . . . . foi um erro ! ! !

Aos 25 de Agosto de 1822 entrou pela risonha e festiva estrada da Penha o Principe D. Pedro, e ao chegar a esta capital foi recebido como em Roma se praticava ao voltarem da guerra os seus mais victoriados generaes.

Armitage é o melhor historiador d'essa phase da vida de D. Pedro I.

Doze dias depois é proclamada na collina dos campos do Ypiranga a Independencia do Brazil, e a melhor commemoração desse acontecimento politico nos fastos de nossa historia é o poema de Teixeira e Sousa.

Em Março de 1823 publicou-se o alvará ennobrecendo a cidade de S. Paulo com o titulo de Imperial, e na mesma data a villa de Ytú com o brazão de Fidelissima.

E' nobre, é celebre esta cidade, e os paulistas mereciam taes honras, taes distincções.

Mais um adorno á tua fronte, rainha do Ypiranga!

Aqui, onde os genios do bem cinzelaram os emblemas da fé e pregaram o Evangelho para perpetuar as leis de Christo, a civilisação collocou o templo das sciencias humanas, auxiliares das doutrinas divinas.

Em 17 de Março de 1827, publicou-se a carta de lei creando o curso juridico de S. Paulo.

Um ponto negro no magestoso quadro das tuas glorias!

Aqui foi assassinado Badaró, e o mandante gosou do indulto da impunidade para estimulo de iguaes crimes!!

O mandante e o mandatario, o co-réo e o assassino, o auctor e o complice do assassinato do medico italiano, do liberal Dr. João Baptista Libero Badoró, não eram paulistas...

Adeus, S. Paulo!

Sumi-vos, contentamentos; ide-vos, alegrias; desterrai-vos, esperanças!

Adeus, poetas!

—" Cantai as margens novas que vedes brilhar ao longe nos encantados horizontes do porvir; cantai a nova vida! "

A humanidade despertando ao ouvir vossas ardentes melodias esquecerá seus idolos e vos erguerá altares.

Cantai a destruição do velho mundo, do erro, da oppressão e do vicio, que se desfaz ao peso da nova vida; deponde vossas harpas enluctadas nas desertas ruinas onde reinará eternamente o silencio.

Adeus, ledice, infancia, amizade; adeus, amigos!

NOTAS.

POETAS E JORNALISTAS.

DR. FRANCISCO LEITE DE BITTENCOURT SAMPAIO.

Formou-se em 1859.

Foi deputado geral pela provincia de Sergipe, durante duas legislaturas, e presidente da provincia do Espirito-Santo.

Hoje advoga n'esta côrte.

DR. PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA.

Formou-se em 1859.

Foi deputado pela provincia do Rio de Janeiro durante uma legislatura; redigio o jornal *Actualidade*; depois o *Mercantil*, e collaborou para a *Opinião Liberal* e *Diario do Povo*.

É auctor de algumas poesias patrioticas de grande merito.

Publicou dous poemetos — *Os Voluntarios da Morte* e *Terribilis Dea*.

Estas composições bastariam para dar-lhe um renome entre os litteratos.

Advoga em Barra Mansa.

LUIZ NICOLÁO FAGUNDES VARELLA.

Estudou em S. Paulo o 2.º anno.

Frequentou o 3.º na faculdade do Recife; ignoro se fez acto.

Publicou além das *Nocturnas*, seu 1.º volume de poesias, os seguintes:

A guarida de pedra.

Vozes da America.

Cantos Meridionaes.

Cantos do ermo e da cidade.

Tem alguns poemetos, romances e dramas ineditos.

Sempre fecundo, prestou-se a collaborar em jornaes litterarios em S. Paulo, em Pernambuco e na côrte.

São populares os seus famosos versos.

Seu pae, ditoso pae! lucta entre dous sentimentos! Vê no poeta um homem que se inutilisa...

Fagundes Varella mata-se... quem sabe si elle vive?!

DR. AMERICO LOBO.

Formou-se em S. Paulo.

Foi deputado á legislatura de 1867 pela provincia de Minas.

Na camara dos deputados foi objecto de deliberação um projecto fundamentado pelo Sr. Dr. Americo Lobo; elevando á cathegoria de provincia, com a denominação de provincia de — Sapucahy —, o municipio de Lavras e os que compõem as comarcas de Baependy, Jaguary, Sapucaia e Rio Grande, da provincia de Minas Geraes.

Foi juiz municipal no termo de Pouso Alegre.

Hoje advoga na cidade da Campanha.

JOÃO JULIO DOS SANTOS.

Não se formou.

Vive na provincia de Minas, e consta-me ser um dos redactores do *Jequitinhonha*.

N'elle muito esperaram seus amigos.

Quando o conheci era já considerado bom poeta.

DR. FERNANDO DE MAGALHÃES.

Tem sido deputado provincial e juiz municipal na provincia de Minas.

DR. FRANCISCO RANGEL PESTANA.

É um dos fundadores do jornal politico *Opinião Liberal*.

Reside e advoga n'esta côrte.

É um dos redactores do *Correio Nacional*.

Faz parte do Club Radical, e nas conferencias politi-

cas, que sempre foram publicas, na *Phenix Dramatica*, duas vezes subio á tribunal popular.

DR. RODRIGO OCTAVIO DE MENEZES.

Formou-se em S. Paulo e seguio para a Bahia, onde teve assento na assembléa provincial.

Depois residio em Campinas, onde advogou.

Ultimamente reside n'esta côrte, e collaborou para a *Reforma*.

Advoga.

HENRIQUE LIMPO DE ABREU.

Foi deputado geral pela provincia de Minas; é um dos iniciadores da idéa da fundação do Asylo de Invalidos da Patria.

Fundou o jornal politico *Opinião Liberal*; é redactor do *Correio Nacional*.

Reside e advoga n'esta côrte.

THEOPHILO C. B. OTTONI.

Desde que se formou tem sido advogado n'esta cidade.

SALVADOR DE MENDONÇA.

Formou-se em 1869.

Foi o redactor do *Ypiranga*, em S. Paulo.

Sempre o conheci jornalista, e é um dos meus collegas mais sacrificados ás phantasias do seu partido.

Hoje é advogado n'esta côrte.

FRANCISCO DE PAULA BELFORT DUARTE.

Formou-se em 1864.

Foi deputado pela provincia do Maranhão, durante a legislatura que findou pela pirataria de 16 de Julho.

Reside na cidade de S. Luiz, onde advoga.

FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS.

Formou-se — ficou residindo na cidade de S. Paulo, onde redigio por alguns annos o *Correio Paulistano*.

Actualmente vive e advoga em Campinas.

LUIZ C. GUIMARÃES JUNIOR.

Formou-se em Pernambuco.

Redigio alguns jornaes litterarios das associações academicas, e escreveu folhetins e uma serie de artigos humoristicos para uma das principaes folhas periodicas da capital.

Por causa d'este Sr. Guimarães Junior muitos desgostos tive em S. Paulo. Eu era o folhetinista do *Correio Paulistano* quando elle alli appareceu. O Sr. Lisboa, empregado na typographia do Sr. Joaquim Roberto, apresentou-me, em hora do folhetim, uma poesia intitulada

Ave, Estella, e pedia-me que eu a acceitasse para o folhetim, que seria o do seguinte dia.

Publiquei a poesia, e sem conhecer o auctor, disse que era preciso a academia prestar attenção ao talento de um calouro, que iria tomar assento entre os velhos dominadores da imprensa litteraria.

Desgostei a tantos!...

Depois sustentei o que disse, e o auctor do *Lyrio Branco* mereceu, como eu pedia, a attenção dos moços distinctos, desprezando eu e elle os auctores de obras de fancaria, que abjectamente se extinguiram confundidos, envergonhados do triste papel que vieram representar n'este mundo.

Depois dei o meu perdão aos cégos, e tive contentamento de observar que Guimarães Junior não me comprometteria.

Não é facil ser distincto na academia de S. Paulo; conseguil-o vale mais que governar o Brazil.

Alli é o governo das idéas.

Guimarães Junior distinguio-se como poeta.

Deixou S. Paulo e foi a Pernambuco, onde se formou.

Publicou, além de muitas poesias avulsas, um poemeto á memoria de Mont'Alverne, e um volume de poesias intitulado — *Corymbos*. Não emitto opinião, porque o não li, nem o auctor se lembrou de mim sendo meu amigo. Hoje é aqui um dos mais activos jornalistas e tem um lugar no *Diario do Rio*—é um dos redactores.

Publicou aqui dous volumes com o titulo — *Historias para gente alegre*, que bastariam para quem não o conhecesse julgal-o muito instruido e capaz de concorrer com os melhores romancistas n'esse genero.

Eu o estimo como folhetinista e o considero como um litterato; e, si não se perder na polemica esteril, illustrando-se como o tem feito, hei de vel-o entre os publicistas.

PEDRO FERNANDES CORRÊA.

Formou-se em 1864; foi meu collega desde 1860.

Seguio para Minas, e lá tem sido advogado, politico, juiz e jornalista.

Era uma das intelligencias mais vigorosas d'aquella época tão celebre na academia de S. Paulo.

THEODOMIRO DOS SANTOS PEREIRA.

ormou-se em 1863.

Seguio para a provincia de Minas, onde tem sido advogado, jornalista e deputado provincial.

Em todas as legislaturas tem servido nobre e heroicamente as idéas do partido liberal. Onde elle estiver a justiça dos partidos terá um serventuario.

Foi o mais orgulhoso e intolerante adversario que encontrei em S. Paulo; não tive outro.

Porque se extinguiram as guerras de religião eu entendia que as de opinião são legitimas, e por isso discuti o *Gennesco*.

FORTUNATO DE BRITO.

Formou-se e tem estado na côrte, onde advoga.

Tem defendido no jury.

Lido 9-4-928

INDICE.

Aos meus collegas de S. Paulo	v
Carta do dr. couto de magalhães	vii
Movimento litterario da academia de S. Paulo	1
O passado e o presente da litteratura dramatica em S. Paulo	7
Dramaturgos brazileiros	10
As azas de um anjo	11
O Dr. Diogo de Mendonça Pinto	11
Sizenando Nabuco	12
Instituto Dramatico de S. Paulo	14
Rodrigo Octavio	15
França Junior	16
Impulso á arte dramatica	19
Theatro Lyrico	19
Conservatorio de Musica	19
Academia de Bellas-Artes	19
Bibliographia critico-litteraria	21
Producções litterarias	30
Phase da litteratura	37
Approximação historico-litteraria	38
Razão deductiva	39

Bibliotheca Imperial..... 39
Academia medico-cirurgica..... 40
Sociedade de historia natural e gabinete de mineralogia..... 40
O Marquez de Lavradio..... 40
Os tres periodos litterarios..... 40
Synopse historica..... 41
Grande movimento litterario no Rio de Janeiro..... 43
Dr. Cruz Junior..... 43
Dr. Gonçalves Dias..... 43
Mont'Alverne..... 44
José de Alencar..... 45
Varnhagen..... 45
Magalhães..... 45
P. Calasans..... 46
E. Ferreira França Filho..... 46
Pereira da Silva..... 46
Quintino Bocayuva..... 46
Teixeira de Mello..... 46
Casimiro de Abreu..... 46
A mocidade academica..... 47
Suas aptidões..... 47
Pebro Luiz..... 48
Bittencourt Sampaio..... 48
Fagundes Varella..... 48
Cyrillo de Lemos..... 50
O ANNO LITTERARIO DE 1862, S. PAULO..... 59
Imprensa academica..... 60
Jornalismo academico..... 60
O Sr. Sayão Lobato..... 62
O Constitucional..... 64
Oradores academicos..... 65
Fortunato de Brito..... 65
Pedro Fernandes..... 65
Theodomiro..... 65
Eloquencia academica..... 66
Revistas Litterarias..... 68
Revistas Juridicas..... 68
Guimarães Junior..... 69
O Lyrio Branco..... 69

Theodomiro..... 70
O Gennesco..... 70
Luiz Ramos Figueira..... 78
José de Alencar..... 74
Macedo..... 74
Teixeira e Souza..... 74
Montandon..... 75
Bom-Successo..... 75
Teixeira de Mello..... 75
Casimiro de Abreu..... 75
Laurindo..... 75
Felix Martins..... 75
Ferraz..... 75
Moura..... 75
Tupeberaba..... 75
Schutel..... 75
Silva Maia..... 75
Cintra..... 75
Fernandes Pereira..... 75
Canto Coutinho..... 75
Pinto Aleixo..... 75
Ultramontanismo..... 78
Abbadia do Monte Cassino..... 79
O ARREPENDIMENTO, rmance de S. da Rocha Pombo..... 81
Paulistas no Maranhã..... 84
O pirata inglez Cavedish..... 84
LITTERATURA DRAMATIA..... 87
REVISTA DRAMATICA..... 95
Resposta ao Sr. Dr. . E. Martins Pereira..... 95
THEATRO — HARMONIA PAULISTA..... 101
Gelidus Horror!..... 105
Luiz Arlindo..... 105
Alexandre de Gusmão..... 107
Angelo dos Reis..... 107
Marques Pereira..... 107
Nolasco Ferreira..... 107
Francisco de Almeida..... 107
REVISTA DO THEATRO..... 109
Arthur..... 113

A LEGENDA E O LYRIO 119
Barros Junior 121
Rangel Pestana 121
Quirino dos Santos 121
Carlota Noronha 121
Eulalia Pereira 121
Beatriz 121
O PHANTASMA BRANCO 123
ACADEMICOS MUSICOS 125
Carlos Gomes 127
Mesquita 127
Heloisa Marechal 127
Noronha 127
Paul Julien 127
Dr. Mamede 128
João Bernardino Baptista e Silva 133
Nicoláo José dos Santos 136
Publicações litterarias 143
ESTATISTICA BIBLIOGRAPPICA 151
Jornalismo politico 151
Jornaes das associações 152
Jornaes litterarios 152
O Tymbira 153
A Legenda 167
Imprensa Paulista 167
O Exm. Sr. Conselheiro Nabuco 174
A Legenda 176
Salvador de Mendonça 177
Theophilo Ottoni 177
Nunes Machado 180
Pedro Ivo 180
Landulpho Medrado 180
Gabriel Rodrigues dos Santos 180
O Brazil e os tratados 181
A corôa de Castella 182
Alexandre VI 182
O naturalista Freville 182
O engenheiro Fregier 182
Os estudantes de S. Paulo e S. Ex. o Sr. ...sador Fonseca .. 185

Resposta ao discurso do Sr. senador Jobim..... 185
José Luiz de Souza Motta..... 193
Poetas e jornalistas academicos..... 205
Bittencourt Sampaio..... 207
Pedro Luiz..... 215
Thomaz José Coelho d'Almeida..... 216
Gesteira Passos..... 216
Bento Baptista..... 216
Cabral..... 216
Soriano..... 216
Faria..... 216
Nunes..... 216
O Porteiro Fortunto..... 216
O Bedel Firmino..... 216
A' Nunes Machado..... 217
A' Landulpho Mecrado..... 219
Fagundes Varella..... 223
José Americo..... 225
Furtado Coelho..... 226
Eugenia Camara..... 226
O Padre Mestre Sacta Gertrudes..... 231
Garreau..... 232
A Republica dos Estados-Unidos..... 232
Americo Lobo..... 235
Camillo Maria de Britto..... 236
Celestino Gomes d Oliveira..... 236
Joaquim Antunes e Figueiredo..... 236
Ignacio Manoel A.de Azevedo..... 236
Assis Drumond..... 237
Moraes Costa..... 237
A. Corrêa de Oliveira..... 237
C. Tompson Flóre..... 237
A chacara da Figura..... 238
Santiago..... 238
Dr. Bernardo Guinrães..... 238
Pedro Fernandes..... 239
Theodomiro..... 239
João Pinto Moreira..... 239
Couto de Magalhães..... 239

João Julio..... 245
Fernando de Magalhães..... 249
Teixeira de Mello..... 249
F. R. Pestana..... 253
Dr. João Mendes..... 254
Miguel José Tavares..... 254
J. Monteiro da Luz..... 254
Mello Mattos..... 254
Dr. Homem de Mello..... 255
Dr. Ferreira Dias..... 255
Dr. E. Ferreira França..... 257
Dr. Diogo de Mendonça Pinto..... 257
Rodrigo Octavio..... 257
Limpo de Abreu..... 261
Theophilo Ottoni..... 265
Salvador de Mendonça..... 279
Belfort Duarte..... 285
Theophilo Braga..... 286
Quirino dos Santos..... 289
Macedo Soares..... 289
J. Ferreira de Menezes..... 289
Appenso..... 295
Folhetins do Correio Paulistano..... 299
A. Manoel dos Reis..... 302
Z. Pamplona..... 302
F. Antonio da Luz..... 302
C. Casteilo Branco..... 303
Dr. Langgard..... 303
Concurso a cadeira de substituto..... 303
Dr. Ernesto Ferreira França..... 304
Dr. Padre Mamede..... 304
Vico e Gracina..... 305
Irenius e Bartole..... 305
Alciat e Cujacius..... 305
Savigny e Beccaria..... 305
Furtado Coelho..... 306
Eugenia Camara..... 306
Beaumarchais..... 306
A Justiça — drama de C. Branco..... 307

Os Rio-Grandenses..... 308
Italia 308
A' Bahia..... 308
A CIDADE DE S. PAULO..... 309
Septimo..... 316
Emilio Zaluar..... 318

098
P894a